

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

MARCUS VINICIUS MIZOGUCHI

---

---

**MOTIVAÇÃO, SUPORTE PARENTAL E  
SATISFAÇÃO: ESTUDO DA  
TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE  
ATLETAS DE BEISEBOL**

---

---

Maringá  
2012

MARCUS VINICIUS MIZOGUCHI

---

**MOTIVAÇÃO, SUPORTE PARENTAL E  
SATISFAÇÃO: ESTUDO DA TRAJETÓRIA  
ESPORTIVA DE ATLETAS DE BEISEBOL**

---

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa Associado de Pós-  
Graduação em Educação Física  
UEM/UEL, para obtenção de título de  
Mestre em Educação Física.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lenamar Fiorese Vieira**

Maringá  
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR., Brasil)

M685m Mizoguchi, Marcus Vinicius  
Motivação, suporte parental e satisfação: estudo da trajetória esportiva de atletas de beisebol / Marcus Vinicius Mizoguchi. -- Maringá, 2012. 126 f. : il. col., figs., tabs.

Orientadora: Prof.\* Dr.\* Lenamar Fiorese Vieira. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, 2012.

1. Educação Física - Motivação. 2. Exercícios físicos - Aspectos psicológicos. 3. Atletas de beisebol - Trajetória esportiva. I. Vieira, Lanamar Fiorese, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL. III. Título.

CDD 22.ed. 796.334

MGC-000525

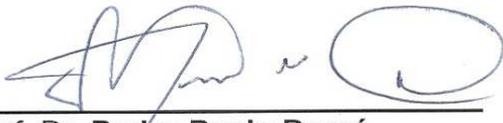
MARCUS VINÍCIUS MIZOGUCHI

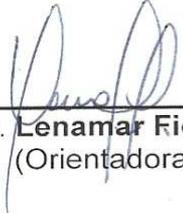
**MOTIVAÇÃO, SUPORTE PARENTAL E  
SATISFAÇÃO: ESTUDO DA TRAJETÓRIA  
ESPORTIVA DE ATLETAS DE BEISEBOL.**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Desempenho Humano e Atividade Física, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 14 de dezembro de 2012.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Dante de Rose Junior

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Pedro Paulo Deprá

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Lenamar Fiorese Vieira  
(Orientadora)

# Dedicatória



*Dedico este trabalho aos meus pais Edson e Sonia, por tudo que fizeram e fazem por mim, contribuindo para as minhas conquistas.*

# Agradecimentos

---

---

Ao término deste trabalho, agradeço àqueles que contribuíram para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico na pós-graduação, e também àqueles que me auxiliaram durante todo o processo.

À Universidade Estadual de Maringá, especificamente ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL, pela estrutura e contribuição ao meu crescimento.

Aos docentes do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL pela disposição de tempo e conhecimento.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Lenamar Fiorese Vieira pela dedicação e pelos ensinamentos que tanto contribuíram para o meu amadurecimento acadêmico, profissional e pessoal.

Ao Prof. Dr. Pedro Paulo Deprá e ao Prof. Dr. Dante de Rose Junior, componentes da banca, pelo tempo, disposição e demais contribuições relevantes para execução e conclusão deste estudo.

A todos os atletas, técnicos e dirigentes da categoria adulta de beisebol, que consentiram em participar desta pesquisa e sem os quais não seria possível a realização da mesma.

Aos colegas de mestrado pela companhia, pelas trocas de conhecimento e que, por compartilharem dos mesmos anseios e preocupações, tornam o processo mais fácil.

Ao Grupo Pró Esporte pelas parcerias, pelos trabalhos desenvolvidos e pelas buscas de conhecimento que somaram à minha formação.

Ao meu pai Edson, minha mãe Sonia e meu irmão, André pelo incentivo e por todo o tipo de suporte que me deram e à Viviane pelo apoio e companheirismo.

MIZOGUCHI, Marcus Vinicius. **Motivação, suporte parental e satisfação: estudo da trajetória esportiva de atletas de beisebol**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

## RESUMO

---

---

O objetivo deste estudo foi investigar o processo de desenvolvimento da motivação, suporte parental e satisfação na trajetória esportiva de atletas brasileiros de beisebol. A população alvo da presente pesquisa foi composta por 227 atletas ( $23,82 \pm 41$ ) do sexo masculino de 17 equipes da categoria adulta de beisebol da temporada 2011/2012. Como instrumentos foram utilizados: Ficha de identificação dos participantes, escala de motivação para o esporte – SMS, teste de percepção do estilo parental – EMBU, questionário de satisfação do atleta – QSA e, entrevista semiestruturada. Para a coleta de dados realizou-se o agendamento dos dias e locais da coleta dos testes psicométricos com cada clube e as entrevistas semiestruturadas com a equipe campeã do ano de 2012. Para a análise dos dados quantitativos utilizou-se de estatística descritiva, o teste de esfericidade de Mauchly's, ANOVA de medidas repetidas com post-hoc de bonferroni, teste *t* de *student* independente e a correlação de Pearson. O nível de significância adotado foi de 5%. Para os dados qualitativos, utilizou-se a análise de conteúdo do tipo categorial. Os resultados demonstraram que: atletas de beisebol apresentaram maiores níveis de motivação intrínseca para a prática da modalidade; os pais apresentaram estilo parental de suporte emocional na percepção dos filhos, a mãe propicia mais suporte e superproteção que o pai; os níveis de satisfação dos atletas foram altos, mostrando índices maiores nos aspectos da dedicação pessoal, no tratamento pessoal e na contribuição para a tarefa; o suporte emocional do pai proporcionou maior motivação extrínseca para seus filhos, enquanto alguns comportamentos de rejeição e superproteção motivam os atletas de forma interna; os atletas motivados intrinsecamente apresentaram maiores satisfações no contexto esportivo; verificou-se que as atividades realizadas pelos atletas de beisebol foram realizadas adequadamente, começando com diversas práticas de jogos deliberados, até especializar na modalidade, executando práticas deliberadas; a autonomia e a competência atlética aumentaram com o decorrer da carreira esportiva

do indivíduo, passando das influências externas para internas; os pais, amigos, técnicos e o clube demonstraram ser importantes agentes sociais no desenvolvimento da carreira do indivíduo. Conclusão: Os atletas de beisebol possuem um processo de desenvolvimento esportivo adequado, se mostrando autodeterminados, com suporte parental e satisfação atlética nas diferentes fases da carreira esportiva.

Palavras-chave: Beisebol; motivação; relações pais-filhos; satisfação.

MIZOGUCHI, Marcus Vinicius. **Motivation, parenting support and satisfaction: study of baseball athletes' career.** 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

## ABSTRACT

---

---

The aim of this study was to investigate the process of development of motivation, parenting support and satisfaction of Brazilian baseball athletes career. Population used was 227 males (23,82±41) of 17 baseball' teams of season 2011/2012. The instruments used were: identification sheet, Sport Motivation Scale- SMS, parenting style perception test- EMBU, Athletes Satisfaction Questionnaire- ASQ and semi-structured interview. For data collection, it was scheduled the days and locals to collect the psychometric tests with each team and the semi-structured interviews with the champion' team of 2012. The analysis of the quantitative data used were descriptive statistics, Mauchly's test of sphericity, repeated measure ANOVA with confidence interval adjustment of Bonferroni, independent-sample t test and Pearson correlation. The level of significance was set at 5%. For qualitative data, it was used content analysis of categorical type. The results showed: baseball' athletes had high levels of intrinsic motivation for the sport; parents demonstrated parenting style of emotional support in their children' perception, and mothers presented more emotional support and overprotection than fathers; levels of athletes satisfaction were high, showing more satisfaction in personal dedication, personal treatment and team task contribution; support emotional of father provides more extrinsic motivation for their children, while some behaviors of rejection and overprotection motive intrinsically the athletes; individuals who were intrinsically motivated are more likely to show satisfaction behaviors in sport context; it was found that activities realized by baseball athletes were properly performed, starting with several deliberate play until specialize in one sport, working deliberate practices; autonomy and athlete competence increased over the athlete career, moving from external to internal influence; parents, friends, coach and club have demonstrated to be an important social agents in the career development of the individual. Conclusion: Baseball athletes have shown appropriated sportive development process, being self-determined, parenting support with satisfaction at different stages of sport career.

Keywords: Baseball; motivation; parent-child relations; satisfaction.

## LISTA DE FIGURAS

---

---

<b>Figura 1</b> - Percentual de atletas por Estados cadastrados na Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol – 2011.....	21
<b>Figura 2</b> - <i>Continuum</i> da autodeterminação com os tipos de motivações e regulações.....	28
<b>Figura 3</b> - Tipos de motivação com seus estilos regulatórios, lócus de causalidade e processos correspondentes no <i>continuum</i> da autodeterminação.....	33
<b>Figura 4</b> - O Modelo desenvolvimental de participação esportiva.....	35
<b>Figura 5</b> - Posicionamento do sistema defensivo de atletas de beisebol.....	41
<b>Figura 6</b> - Valores médios das dimensões dos níveis motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta.....	53
<b>Figura 7</b> - Valores médios dos níveis de satisfação dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta.....	56

## LISTA DE TABELAS

---

---

<b>Tabela 1</b> – Valores médios dos estilos parentais entre pai e mãe na percepção dos jogadores brasileiros de beisebol da categoria adulta.....	54
<b>Tabela 2</b> - Comparação das dimensões da percepção dos estilos parentais, considerando o <i>continuum</i> da motivação dos atletas brasileiros adultos de beisebol.....	48
<b>Tabela 3</b> - Comparação das dimensões da satisfação atlética, considerando os níveis de motivação dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta.....	60
<b>Tabela 4</b> - Correlação dos níveis motivacionais, estilos parentais e satisfação atlética dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta.....	72

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> - Características sócio-demográficas e aspectos relacionados à modalidade dos atletas brasileiros de beisebol campeões da categoria adulta no ano de 2012.....	46
<b>Quadro 2</b> - Atividades motoras e as necessidades básicas motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol nos anos de experimentação (6-13 anos).....	63
<b>Quadro 3</b> - Atividades motoras e as necessidades básicas motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol nos anos de especialização (13-15 anos).....	66
<b>Quadro 4</b> - Esportes e as necessidades básicas motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol nos anos de investimento (acima dos 15 anos).....	69

## LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

---

<b>Anexo A -</b>	SMS – Escala de motivação para o esporte.....	105
<b>Anexo B -</b>	EMBU - Memórias de infância.....	107
<b>Anexo C -</b>	QSA - Questionário de satisfação do atleta.....	109
<b>Apêndice A -</b>	Matriz de construção da entrevista semiestruturada para os atletas.....	112
<b>Apêndice B -</b>	Ficha de identificação do atleta.....	114
<b>Apêndice C -</b>	Roteiro de entrevista semiestruturada para os atletas.....	115
<b>Apêndice D -</b>	Termo de autorização para o estudo.....	119
<b>Apêndice E -</b>	Termo de consentimento livre e esclarecido para os questionários.....	120
<b>Apêndice F -</b>	Termo de consentimento livre e esclarecido para as entrevistas...	122
<b>Apêndice G -</b>	Parecer do comitê permanente de ética em pesquisa envolvendo seres humanos.....	124

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

---

---

<b>DEF</b>	Departamento de Educação Física
<b>CCS</b>	Centro de Ciências da Saúde
<b>UEM</b>	Universidade Estadual de Maringá
<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>CBBS</b>	Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol
<b>MI</b>	Motivação intrínseca
<b>ME</b>	Motivação extrínseca

# SUMÁRIO

---

---

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Caracterização do tema.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Justificativa pessoal social e científica.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 Delimitação do estudo.....</b>	<b>20</b>
<b>1.4 Limitações da pesquisa.....</b>	<b>21</b>
<b>1.5 Definição de termos.....</b>	<b>21</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 Hipótese conceitual.....</b>	<b>23</b>
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Teoria da Autodeterminação .....</b>	<b>25</b>
3.1.1 Motivação.....	25
3.1.2 Mini-teorias.....	26
3.1.2.1 Teoria da avaliação cognitiva.....	27
3.1.2.2 Teoria da integração orgânica.....	27
3.1.2.3 Teoria da orientação de causalidade.....	30
3.1.2.4 Teoria das necessidades básicas.....	31
3.1.2.5 Teoria de conteúdo de metas.....	32
<b>3.2 Modelo desenvolvimental de participação esportiva.....</b>	<b>33</b>
3.2.1 Aspectos conceituais.....	33
3.2.2 Fases da carreira esportiva.....	35

<b>3.3 Aspectos históricos e característicos e pesquisas sobre a modalidade do beisebol.....</b>	<b>38</b>
3.3.1 Aspectos históricos e característicos do beisebol.....	38
3.3.2 Pesquisas realizadas na modalidade beisebol.....	41
<b>4 MÉTODOS .....</b>	<b>45</b>
<b>4.1. Delineamento do estudo.....</b>	<b>45</b>
<b>4.2 População alvo.....</b>	<b>45</b>
<b>4.3 Instrumentos.....</b>	<b>46</b>
<b>4.4 Coleta de dados.....</b>	<b>50</b>
<b>4.5 Análise de dados.....</b>	<b>50</b>
<b>5 RESULTADOS.....</b>	<b>52</b>
<b>5.1 Motivação, percepção de suporte parental e satisfação atlética dos atletas de beisebol.....</b>	<b>52</b>
<b>5.2 Estilo parental e satisfação atlética de acordo com a motivação.....</b>	<b>57</b>
<b>5.3 Trajetória esportiva dos atletas de beisebol em diferentes fases do desenvolvimento.....</b>	<b>62</b>
5.3.1 Anos de experimentação (06-13 anos).....	62
5.3.2 Anos de especialização (13-15 anos).....	65
5.3.3 Anos de investimento (acima de 15 anos).....	69
<b>5.4 Correlação dos níveis de estilos parentais e satisfação atlética com a motivação.....</b>	<b>71</b>
<b>6 DISCUSSÕES.....</b>	<b>73</b>
<b>6.1 Motivação, percepção de suporte parental e satisfação atlética dos atletas de beisebol.....</b>	<b>73</b>
<b>6.2 Estilo parental e satisfação atlética de acordo com a motivação.....</b>	<b>76</b>
<b>6.3 Trajetória esportiva dos atletas de beisebol em diferentes fases do desenvolvimento.....</b>	<b>79</b>
6.3.1 Anos de experimentação (06-13 anos).....	79
6.3.2 Anos de especialização (13-15 anos).....	81

6.3.3 Anos de investimento (acima de 15 anos).....	84
<b>6.4 Correlação dos níveis de estilos parentais e satisfação atlética com a motivação.....</b>	<b>86</b>
<b>7 CONCLUSÕES.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS E APÊNDICES.....</b>	<b>104</b>

# 1 INTRODUÇÃO

---

---

## 1.1 Caracterização do Tema

O desenvolvimento da carreira de um atleta passa por diversos estágios, envolvendo transições frente aos desafios esportivos e em suas esferas da vida que devem focar em uma perspectiva de sujeito integral ao longo da vida (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004). Desta forma, a preparação para as transições de carreira e o equilíbrio das demandas atuais com as futuras deve ser antecipada, sendo essencial a motivação dos atletas para a modalidade (CALVO et al., 2010).

Nos últimos anos, diversas pesquisas têm estudado os aspectos da motivação no contexto esportivo, presenciando relações com outros aspectos psicológicos como o burnout, autoestima, bem estar e prazer (SCHMUCK; KASSER; RYAN, 2000; GARCIA-MAS et al., 2010; QUESTED; DUDA, 2011). O beisebol tem sido estudado em algumas áreas da Educação Física como biomecânica (DUN et al., 2007), *marketing* (BRAUNSTEIN et al., 2005), fisiologia (BATISTA JUNIOR et al., 2005) e epidemiologia (COLLINS, COMSTOCK, 2008), havendo carência de pesquisas na psicologia do esporte. Apesar do notório crescimento das pesquisas sobre esta variável psicológica, percebe-se uma lacuna nos aspectos da motivação nas diferentes fases da carreira do jogador de beisebol, visando identificar as mudanças das regulações motivacionais dos atletas ao longo do tempo (PELLETIER et al., 2001; CALVO et al., 2010).

Como suporte teórico, optamos pela teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 1985), uma vez que é utilizada em estudos para fundamentar as diversas relações da motivação atlética com outras variáveis psicológicas. Além disso, a teoria tem sido amplamente utilizada para compreender estados motivacionais em outras realizações contextuais, como o âmbito educacional e do trabalho.

Deci e Ryan (2012) explicam que a motivação é fundamentada em três necessidades básicas do indivíduo para que o mesmo esteja motivado intrinsecamente para uma determinada tarefa: competência, autonomia e relações sociais. Neste sentido, a satisfação do atleta e o suporte parental recebido para a

prática esportiva são componentes que irão influenciar na motivação intrínseca, podendo verificar que quando o indivíduo obtém satisfação nas necessidades básicas para aquele contexto, sua motivação será mais autodeterminada (DECI; RYAN, 2002).

A competência pode ser conceituada como um sentimento efetivo de cada indivíduo a caminho da interação com o ambiente social, oportunizando apresentar suas capacidades. Estudos apontam que a percepção de competência está ligada a baixos comportamentos de risco e apresentam maior confiança na tarefa, sendo motivadas intrinsecamente (RYAN; DECI, 2000a; HESSLER; KATZ, 2010).

A autonomia envolve a percepção original de cada indivíduo no seu comportamento, direcionando suas próprias ações. Estudos realizados por Adie, Duda e Ntoumanis (2008) demonstraram que atletas praticantes de modalidades coletivas com níveis baixos de autonomia eram mais suscetíveis a aspectos emocionais negativos e à exaustão física. Em contrapartida, percebe-se que indivíduos que possuem suporte autônomo dos pais e técnicos apresentam mais prazer em praticar as atividades (HOLT et al., 2009).

As relações sociais são importantes para que o indivíduo tenha interação com os agentes do contexto, principalmente o técnico, companheiros e pais, os quais oferecem o suporte emocional (GROLNICK, 2003). O suporte emocional mais presente no início e no final da carreira de um jogador acontece no âmbito familiar, sendo os pais influenciadores no comportamento, na motivação e no crescimento psicológico do atleta (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; HOLT et al., 2009). Desta maneira, pesquisas apontam que o comportamento dos pais na carreira esportiva dos filhos é de extrema importância para a formação de atletas de rendimento (WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; HOLT et al., 2009; KIMIECIK; HORN, 2012).

Arrindell et al. (2005) notaram que o suporte emocional estava relacionado com a autoestima do filho, diferente de pais que apresentavam características de rejeição e tentativa de controle em determinados momentos. Estudo realizado por Holt et al. (2009) evidenciaram que o suporte parental proporcionava menos pressão para a criança nos momentos de partida e os comportamentos dos pais influenciavam nas atitudes dos filhos, sendo de forma recíproca. Em contrapartida, pais que apresentavam falta de interesse (estilo parental de rejeição) e tentativa de controle (estilo parental de superproteção) causavam medo, desmotivação e baixa

autoconfiança, acarretando na desistência do atleta em determinadas modalidades (WEISS; FRETWELL, 2005; HOLT et al., 2009; ARRINDELL et al., 2005).

Para estudar a trajetória de desenvolvimento da carreira esportiva, consideramos as fases de transição de carreira ao longo da prática (BOMPA, 1995; CÔTÈ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2001). Estudos de Côtè (1999) mostraram que a carreira esportiva está relacionada à participação familiar no contexto esportivo, dividida em três fases: experimentação (6-12 anos), caracterizada pelas diversas práticas esportivas de recreação e divertimento (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2003); especialização (13-15 anos), realizando treinamentos mais intensos e contínuos e participando de competições que visam o rendimento (CÔTÈ, 1999); e investimento (acima de 16 anos), que consiste no atleta ter um comprometimento exclusivo para um determinado esporte.

Face essas reflexões, o presente estudo teve como questão-problema: Como ocorre o processo de desenvolvimento da motivação, suporte parental e satisfação na trajetória esportiva de atletas brasileiros de beisebol?

## **1.2 Justificativa pessoal, social e científica**

O interesse do pesquisador pelo estudo foi devido à experiência como atleta de beisebol em todas as categorias de base, percebendo que alguns fatores psicológicos como a motivação, a autoestima, a percepção de competência e as relações sociais podem ser influenciadores no rendimento e no sucesso de jogadores da modalidade. A influência dos pais, técnicos e companheiros da modalidade tiveram importância para que o pesquisador continuasse a prática esportiva, motivando-o nos treinamentos e campeonatos, incentivando a participação em eventos com as pessoas que conviveu naquele contexto e adquirindo autonomia e competência.

Ao dar continuidade no beisebol como árbitro da Federação Paranaense e professor das categorias de iniciação da modalidade, se observa que nas idades iniciais o percentual de abandono do esporte é representativo, e atletas da categoria adulta praticam por conta própria, sem a presença de técnicos e ajuda financeira do clube. Desta forma, se observou que o prazer, a motivação, e a satisfação da prática podem ter influência para a permanência dos atletas até a categoria adulta. A

presença e a participação dos suportes sociais foram importantes para a continuidade na prática esportiva, sendo que o auxílio dos pais é solicitado pelo departamento esportivo de diversas equipes.

No âmbito científico, o beisebol tem sido foco de estudos em alguns campos de pesquisa. Ao realizar estudo para verificar os efeitos da idade sobre a cinemática do arremesso de atletas de beisebol, Dun et al. (2007) demonstraram que as mudanças biológicas e adaptações técnicas do arremesso são importantes para o desenvolvimento esportivo dos atletas. Além disso, Osbahr et al. (2010) investigaram as lesões ocorridas durante o movimento do arremesso, identificando que as fraturas do epicôndilo medial estão relacionadas com as características de arremesso dos jogadores. Em relação ao *marketing* esportivo, Anderson (2004) avaliou as relações públicas da liga americana de beisebol, podendo observar que alguns órgãos (imprensa e congresso nacional) estavam envolvidos nas relações para determinar a imagem da modalidade.

Percebe-se que o foco deste esporte (beisebol) é mais na biomecânica, *marketing*, fisiologia e epidemiologia. Na área psicológica, até onde investigamos, poucos estudos foram encontrados. Este estudo pode trazer contribuições no sentido de auxiliar técnicos, professores, atletas e dirigentes na análise dos comportamentos dos agentes sociais da modalidade e dos atletas de diferentes fases da carreira esportiva, podendo ajudar a entender melhor a *performance* e a permanência do indivíduo no contexto do beisebol.

### **1.3 Delimitação do estudo**

O estudo foi delimitado aos atletas do território brasileiro das equipes cadastradas pela Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS), as quais estão localizadas nos estados de Mato Grosso do Sul (5,55%), São Paulo (72,22%) e Paraná (22,23%) (Figura 1). Fizeram parte do estudo, atletas que participaram dos torneios e campeonatos oficiais e que aceitaram responder os questionários propostos.



Figura 1. Percentual de atletas por Estados cadastrados na Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol - 2011 (Fonte: CBBS, 2011).

#### 1.4 Limitações da pesquisa

A presente pesquisa se limita a estudar algumas variáveis psicológicas intervenientes na trajetória de desenvolvimento da carreira esportiva dos atletas de beisebol: a motivação esportiva, a satisfação atlética e o suporte parental. Além disso, optou em verificar o estilo parental na percepção do atleta, não analisando a percepção dos pais.

#### 1.5 Definição de termos

**Motivação:** A motivação caracteriza-se como um processo em que o indivíduo se encontra movido para uma determinada tarefa, podendo ter uma falta de inspiração e impulso para o ato ou realizá-la pela satisfação, diversão e prazer. Desta maneira, indivíduos que apresentam boas relações sociais, autonomia para a

tarefa e a percepção de competência demonstram maior motivação (DECI; RYAN, 2000a).

**Transição de carreira:** É caracterizada como um ou mais eventos que resultam em alteração de pressupostos sobre o indivíduo e seu ambiente, sendo requeridas mudanças correspondentes ao comportamento e às relações sociais (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004).

**Desenvolvimento de carreira:** Para Côté (1999), o desenvolvimento da carreira de um atleta está relacionado a padrões consistentes no processo de desenvolvimento da motivação esportiva, nas relações interpessoais e nas habilidades motoras nas diferentes idades.

# 2 OBJETIVOS

---

---

## 2.1 Objetivo Geral

- Investigar o processo de desenvolvimento da motivação, suporte parental e satisfação na trajetória esportiva de atletas brasileiros de beisebol.

## 2.2 Objetivos específicos

- Identificar os níveis de motivação, percepção de suporte parental e satisfação atlética dos atletas de beisebol;
- Comparar o suporte parental e a satisfação atlética de acordo com os níveis de motivação intrínseca/extrínseca dos atletas;
- Analisar a trajetória esportiva dos atletas, considerando as atividades motoras e as necessidades básicas motivacionais nas diferentes fases do desenvolvimento;
- Correlacionar os estilos parentais e satisfação atlética de acordo com a motivação dos atletas de beisebol da categoria.

## 2.3 Hipótese conceitual

H<sub>1</sub>: Os atletas de beisebol apresentarão prevalência nos níveis de motivação intrínseca em detrimento a motivação extrínseca, altos níveis de satisfação atlética e percepção do estilo de suporte emocional dos pais;

H<sub>2</sub>: Os atletas de beisebol motivados extrinsecamente demonstrarão menores níveis de satisfação atlética e percepção de estilo de superproteção ou rejeição;

H<sub>3</sub>: A trajetória esportiva dos atletas nas diferentes fases do desenvolvimento será afetada pela realização de práticas e jogos deliberados, pela motivação

intrínseca, pelo suporte emocional e pelo nível alto de satisfação ao longo do processo de desenvolvimento atlético;

H<sub>4</sub>: Os níveis de motivação intrínseca para atingir objetivos, experiências estimulantes e conhecer apresentarão correlações positivas com o estilo parental de suporte emocional e a satisfação atlética dos jogadores.

# 3 REVISÃO DA LITERATURA

---

---

Partindo da questão norteadora do problema, o embasamento teórico foi estruturado em três segmentos. O primeiro capítulo retrata a **Teoria da Autodeterminação**; no segundo capítulo, o **Modelo desenvolvimental de participação esportiva** e como estes comportamentos podem influenciar na trajetória esportiva. No terceiro capítulo, os **aspectos históricos e característicos e pesquisas sobre a modalidade do beisebol** são apresentados.

## 3.1 Teoria da Autodeterminação

### 3.1.1 Motivação

A motivação tem sido uma variável psicológica muito estudada nos últimos anos em diversos contextos como no âmbito familiar (KIM; CHUNG, 2012); trabalhista (RAHIMIC; RESIC; KOZO, 2012); educacional (THOMSON; TURNER; NIETFELD, 2012) e esportivo (JÕESAAR; HEIN; HAGGER, 2012). Desta forma, diversos autores citam a importância da motivação para estudos relacionados ao contexto esportivo e do exercício, demonstrando ter influência no desempenho dos atletas (BLANCHARD et al., 2007). Além disto, motivações intrínsecas estão relacionadas com outros fatores psicológicos positivos como a paixão pela prática, a adaptação e a flexibilidade em situações de estresse e, o alcance de objetivos (NTOUMANIS; EDMUNDS; DUDA, 2009; CURRAN et al., 2011; POL; KAVUSSANU, 2011).

Para melhor compreensão dos aspectos motivacionais, a Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985) teve grande impacto para a fundamentação teórica de diversos estudos (BOICHÉ; SARRAZIN, 2007; CURRAN et al., 2011; LONGBOTTOM; GROVE; DIMMOCK, 2012). A teoria começa adotando suposições de que todos os indivíduos possuem tendências naturais inatas e constructos para desenvolver seu sentido e características mais elaboradas e unificadas. Desta forma, para um desenvolvimento saudável do indivíduo, deve-se levar em

consideração estas duas tendências de integridade: inatas e desenvolvimentais (DECI; RYAN, 2002).

Em relação aos aspectos inatos dos sujeitos, percebe-se a relação dos aspectos da personalidade de cada indivíduo de acordo com seus aspectos motivacionais em diversos campos de estudo. Segundo Poropat (2009), a motivação relacionada à disposição para realizar tarefas está associada com fatores da personalidade, podendo interferir na *performance* acadêmica. Além disto, pode-se identificar que as características inatas da criança exercem efeitos na motivação intrínseca para a realização de tarefas na escola, devendo avaliar estes aspectos de forma geral (MEDFORD; MCGEOWN, 2012).

Ao avaliar o comportamento humano pela interação com o ambiente, percebe-se que a motivação é influenciada por aspectos sociais nos quais o indivíduo está envolvido, identificando que a participação positiva de agentes presentes no contexto como professores, colegas, pais e técnicos podem formar sujeitos mais autodeterminados. Estudos realizados por Keegan et al. (2009) com atletas em estágios iniciais da prática esportiva de diversos esportes mostraram que a participação dos técnicos, colegas e pais podem influenciar na motivação desses indivíduos.

Em contrapartida a esses achados, comportamentos inadequados dos agentes sociais podem proporcionar uma diminuição da motivação dos atletas por determinadas tarefas. Ao analisar a motivação de pré-escolares frente ao comportamento de suas mães, percebeu-se que a percepção de ameaça pelas crianças está associada à desmotivação pelas atividades (GURLAND; GROLNICK, 2005).

### 3.1.2 Mini-teorias

Várias propostas teóricas tem sido apresentadas para melhor explicar as ideias da Teoria da Autodeterminação, sendo dividida em teoria da avaliação cognitiva, teoria da integração orgânica, teoria da orientação de causalidade, teoria das necessidades básicas e, por fim, a teoria de conteúdo de metas (DECI; RYAN, 2002).

### 3.1.2.1 Teoria da avaliação cognitiva

A teoria da avaliação cognitiva propõe que o comportamento regulado na realização da tarefa pode ocorrer devido à falta de motivação para aquela atividade (desmotivação), comportamento regulado por fontes externas (Motivação extrínseca) e/ou comportamento regulado por fontes internas (Motivação intrínseca). Além disso, a teoria explica os efeitos dos fatores extrínsecos sobre os intrínsecos, especificando dois processos que a motivação intrínseca pode ser afetada, sendo os *locus* de causalidade e a percepção de competência de acordo com os efeitos do contexto social (VALLERAND; DECI; RYAN, 1987).

O *locus* de causalidade pode ser de percepção interna (escolha de liderança) ou externa (recompensa), dependendo do sentimento de autonomia que o indivíduo presencia naquela atividade. A percepção de competência pode ser outra variável influenciadora dos níveis motivacionais, sendo que o *feedback* positivo auxilia na competência do indivíduo desde que exista algum tipo de autonomia do sujeito para aquela tarefa (DECI; RYAN, 2012). Desta maneira, o meio pode ter aspectos relevantes para a motivação intrínseca, seja em forma de *feedbacks* ou recompensas.

Além disso, Deci e Ryan (2002) citam que eventos contextuais possuem aspectos de controle e informação, sendo fatores influenciadores nos efeitos da percepção da causalidade e competência para uma motivação intrínseca. Desta forma, percebe-se que os aspectos de controle se caracterizam como pressão frente a tarefas/resultados específicos, conduzindo a percepções externas de *locus* de causalidade. Oposto a isso, os aspectos de informação promovem *feedbacks* que suportam as experiências das pessoas para melhora da competência.

### 3.1.2.2 Teoria da integração orgânica

Outra mini-teoria presente na Teoria da Autodeterminação é a teoria da integração orgânica. Esta, por sua vez, tenta explicar a relação das necessidades básicas dos indivíduos e suas motivações. De acordo com as informações supracitadas, quando o indivíduo tem sua autonomia e suas relações sociais resolvidas no contexto em que está presente, existe um aumento nos níveis de motivação intrínseca para a prática daquela tarefa. Em contrapartida, a teoria da

integração orgânica mostra que estas necessidades podem estar presentes nas motivações extrínsecas da pessoa, formando diferentes tipos de internalizações que apresentam um processo *continuum* de autorregulação para a motivação intrínseca (DECI; RYAN, 2000b).

Na figura 2, percebe-se o *continuum* da motivação autodeterminada, podendo observar, da esquerda para a direita, o processo de internalização do indivíduo.

Tipo de motivação	Desmotivação	Motivação extrínseca				Motivação intrínseca
Tipo de regulação	Sem regulação	Regulação externa	Regulação introjetada	Regulação identificada	Regulação integrada	Regulação intrínseca
Qualidade de comportamento	Não autodeterminado			Autodeterminado		

Figura 2. *Continuum* da autodeterminação com os tipos de motivação e regulações (Fonte adaptada: DECI; RYAN, 2002, p. 16).

Na desmotivação não há regulações, tendo em vista que o indivíduo não pode perceber uma relação entre suas ações e os resultados para aquelas ações (PELLETIER; FORTIER; VALLERAND; BRIERE, 2001). Desta forma, o sujeito sente falta da causalidade e controle de suas ações, investindo poucos esforços e energia na realização daquelas tarefas (NTOUMANIS et al., 2004). Os motivos pelos quais o indivíduo se encontra desmotivado deve ser compreendido pela falta de percepção de competência, ou pela desvalorização daquela atividade pelo mesmo (RYAN, 1995). Estudos realizados com escolares do ensino fundamental identificaram que a diminuição do suporte social, principalmente dos professores, é um fator significativo para a desmotivação dos alunos (SHEN et al., 2010).

Ao longo do *continuum* da autodeterminação, existem quatro regulações voltadas para a motivação extrínseca, entre a desmotivação e a motivação intrínseca. Apesar de apresentarem características de influência do meio, ao longo deste *continuum*, estas influências começam a apresentar características pessoais. A primeira regulação é denominada de regulação externa, tendo comportamentos motivados pela ameaça, recompensa e para evitar punições, quer dizer, realizar a

tarefa para satisfação de algum agente social presente no contexto (DECI; RYAN, 2002).

A regulação introjetada é uma forma de regulação internalizada, realizando a tarefa pelo controle do meio. Desta forma, o comportamento baseado na introjeção é realizado pela culpa, vergonha ou para alcançar melhorias do ego e se sentir capaz de realizar determinada tarefa, melhorando sua autoestima (DECI; RYAN, 1995).

A regulação de identificação possui características mais autodeterminadas, sendo que a valorização consciente de um objetivo comportamental e a percepção da importância da atividade para o crescimento pessoal está presente no sujeito. Isso é devido à identificação pessoal para aquela tarefa, podendo verificar maiores níveis de percepção autônoma e transformação da regulação externa para a autorregulada (DECI; RYAN, 2012). Desta forma, indivíduos que participam de atividades físicas para prevenção de doenças e melhoria do condicionamento físico e mental, estão motivados por sentirem que se identificaram com a atividade, salientando que a prática muitas vezes não é realizada prazerosamente ou por interesse (NTOUMANIS, 2001; VLACHOPOULOS; KARAGEORGHIS, 2005).

A última regulação da motivação extrínseca é denominada integrada, promovendo características mais autônomas do indivíduo. Este comportamento resulta na avaliação da tarefa identificada e trazida para a realidade dos valores, objetivos e necessidades do sujeito. Entretanto, a regulação continua sendo extrínseca devido ao fato de serem realizados para atingir resultados pessoalmente importantes, ao invés de interesses inerentes e prazerosos (DECI; RYAN, 2002).

A regulação intrínseca possui características que complementam a regulação integrada, fazendo com que o indivíduo pratique atividades com objetivos, valores e necessidades de forma prazerosa e divertida. Desta maneira, percebe-se que a percepção de competência e autonomia para realização da tarefa e as relações sociais, seja com os técnicos, amigos ou familiares, são de extrema importância para chegar nesta motivação altamente autodeterminada. Estudos comprovam que suportes para autonomia, *feedbacks* positivos para uma percepção de competência adequada e participações construtivas dos diferentes agentes sociais promovem a prática de atividades de forma prazerosa e alegre pelos praticantes (HOLT et al., 2009; BERNIER; WHIPPLE; CARLSON, 2010; GARCIA-MAS et al., 2010). Apesar da existência de um *continuum* para as regulações, é importante salientar que não existe um desenvolvimento contínuo da motivação, muito menos a necessidade do

indivíduo passar por todos os estágios propostos. As três necessidades básicas para a motivação autodeterminada (competência, autonomia e relações sociais) determinarão que tipo de regulação o indivíduo terá para aquela atividade (DECI; RYAN, 2002).

### 3.1.2.3 Teoria da orientação de causalidade

A terceira mini-teoria, denominada teoria da orientação de causalidade, explica as orientações pessoais para comportamentos autodeterminados em diferentes indivíduos, verificando que os aspectos da personalidade são fatores que integram a regulação do comportamento e suas experiências. Desta forma, foram classificadas três orientações que diferem os níveis para caracterizar um sujeito mais autodeterminado: orientação autônoma, controlada e impessoal. A teoria sugere que cada indivíduo possui determinados níveis de cada orientação, sendo que uma dessas orientações seja predominante para determinada atividade (ROSE; PARFITT; WILLIAMS, 2005).

Em relação à orientação autônoma, pode-se entender que ao regular a si próprio, de acordo com suas necessidades básicas, valores, objetivos e interesses, o indivíduo demonstra uma orientação de causalidade automatizada, apresentando iniciativa, busca por desafios e assume maiores responsabilidades para determinadas tarefas (REEVE; DECI; RYAN, 2004). Estudos realizados por Funk, Beaton e Alexandris (2011) identificaram que a orientação autônoma na motivação esportiva apresenta benefícios positivos na *performance*, autoestima e no entusiasmo, satisfazendo as necessidades importantes para a motivação autodeterminada. Além disso, atletas que apresentam orientação autônoma possuem maior facilidade de se adaptarem e demonstrarem motivação autônoma para outras atividades, como reabilitações de lesões, tendo melhoras mais rápidas e positivas (CHAN; HAGGER; SPRAY, 2011).

Em contrapartida, sujeitos que são controlados pelo ambiente, utilizando o comportamento dos outros para realizarem suas atividades, motivados extrinsecamente pela recompensa, punição ou ameaça, apresentam orientação de causalidade externamente controlada. Este tipo de orientação de causalidade está diretamente relacionado com as regulações externas, como a de introjecção, percebendo que o meio tem influência nas suas escolhas e práticas. Suas ações são

realizadas porque “devem/deveriam fazer”, porque eles estão preocupados com a pressão social, sendo que sujeitos com alta orientação controlada possuem lócus externos para aprovação e punições (LEWIS; NEIGHBORSL; MALHEIM, 2006).

Estudo realizado por Hagger e Chatzisarantis (2011) demonstrou que indivíduos que apresentam orientações controladas possuem relações positivas com condições de recompensa e significâncias baixas de motivação intrínseca em diversas atividades. Este tipo de orientação de causalidade domina os estágios iniciais de exercícios físicos, mas com participações regulares, suportes autônomos e boas relações sociais, a orientação pode-se tornar mais dominante na autonomia (ROSE; PARFITT; WILLIAMS, 2005).

A terceira orientação de causalidade é a impessoal. Ao contrário das outras orientações, a impessoal pode ser definida como comportamentos relacionados com a desmotivação, observando que o indivíduo acredita ser incapaz de realizar as tarefas ou recursos para obter o sucesso e os resultados que se deve alcançar (DECI; RYAN, 2002). Desta forma, percebe-se que o sujeito não se sente capaz de realizar nenhum tipo de tarefa, não sendo motivado extrinsecamente e intrinsecamente e suas ações apresentam baixa autoestima e depressão (DECI; RYAN, 2002).

#### 3.1.2.4 Teoria das necessidades básicas

A quarta teoria, denominada necessidades básicas, propõe a importância de satisfazer três unidades de necessidades psicológicas que podem interferir no nível motivacional de um indivíduo: autonomia, competência e relações sociais. A mudança desses fatores interfere diretamente na motivação do indivíduo (DECI et al., 2001).

A autonomia se refere à percepção original de cada indivíduo no seu próprio comportamento, quer dizer, o sujeito direciona suas próprias ações. Esta necessidade se preocupa com o interesse e os valores integrados à tarefa, podendo ser relacionados à iniciativa de praticar determinada atividade ou dar valores a ela (DECI; RYAN, 2002). Estudos realizados por Holt et al. (2009) demonstraram que o suporte para a autonomia oferecido pelos pais auxiliaram os atletas a permanecerem no contexto esportivo de forma mais alegre e prazerosa. Além disso,

a autonomia do atleta está relacionada a outras variáveis, como a diminuição da preocupação e pressão no momento das partidas (MAGEAU; VALLERAND, 2003).

A competência se define pelo sentimento efetivo do sujeito a caminho da interação no contexto social, mostrando suas capacidades físicas e mentais. Esta necessidade de competência leva o indivíduo à procura de novos desafios que sejam possíveis de serem superados, podendo adquirir mais confiança e efetividade em suas ações (DECI; RYAN, 1985). Atletas que percebem que o clima motivacional presente no contexto é adequado, recebendo *feedbacks* positivos ao realizar atividades desafiadoras, poderão ter suas necessidades de competência saciadas (DECI; RYAN, 2000, 2012).

A terceira necessidade básica são as relações sociais, sendo caracterizada pelo sentimento de conexão com outros indivíduos, se preocupar pelos outros e ser relevante para os mesmos, fazendo parte de um grupo (GROLNICK, 2009). Estudos mostram que o papel dos pais, técnicos, amigos e companheiros de prática como agentes sociais são significativos para a motivação de atletas e praticantes de atividade física. McDavid, Cox e Amorose (2012) identificaram que apesar do papel modesto dos pais, percebeu-se que tiveram uma função significativa na motivação de adolescentes em suas atividades de lazer. Em contrapartida, crianças se mostram muito ansiosas quando percebem um envolvimento excessivo dos pais, com expectativas muito elevadas e pressão para a *performance* (LEFF; HOYLE, 1995).

Estudos que trabalham com as necessidades básicas e suas aplicações têm sido capazes de apontar e analisar fatores em ambientes sociais que ajudam na automotivação, bem estar, ameaças e experiência positiva em diversos contextos, culturas e domínios (RYAN; BARGMANN, 2003).

### 3.1.2.5 Teoria de conteúdo de metas

Por fim, a quinta teoria denominada Conteúdo de Metas está relacionada com as distinções dos objetivos extrínsecos e intrínsecos, tendo impacto na motivação e bem-estar do sujeito. De acordo com os objetivos que os indivíduos possuem para uma determinada atividade, poderá haver divergentes formas de satisfação da competência, autonomia e das relações com as pessoas presentes naquele contexto (GRANT; GELETY, 2009).



crianças cada vez mais cedo (LAVALLEE; ROBINSON, 2007; STAMBULOVA et al., 2009). Desta maneira, existe uma necessidade de avaliar a forma com que estes programas de práticas esportivas são trabalhados, sendo que aspectos como ênfase na educação dos atletas, planejamento a longo prazo, comportamento e auxílio das pessoas que estão envolvidas com o atleta são importantes fatores que devem ser aprimorados (LAVALLEE et al., 2001; WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004).

Pesquisas que envolvem o desenvolvimento da carreira de esportistas têm sido realizadas desde a década de 60 e o número de estudos acerca deste assunto tem aumentado, tanto qualitativamente quanto quantitativamente desde a década de 80 (STAMBULOVA et al., 2009). Desde então, diversos tipos de modelos explicativos foram criados para a melhor compreensão da carreira de indivíduos praticantes de atividades esportivas, envolvendo as fases e as transições desde o início do processo atlético até o final da carreira. Bruner et al. (2010) identificaram os principais modelos mais atuais relacionados com as fases e transições da trajetória esportiva de atletas, sendo identificados seis modelos: Stambulova (1994), Côtè (1999), Durand-Bush e Salmela (2002), Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004), Bailey e Morley (2006) e, Morgan e Giacobbi (2006).

Dentre os modelos, pode-se observar que o Modelo Desenvolvidor de Participação Esportiva, proposto por Côtè, é o mais utilizado pelos pesquisadores para explicar o desenvolvimento da carreira de atletas no contexto esportivo na atualidade (BRUNER et al., 2009). Neste modelo, Côtè (1999) aponta dois aspectos importantes que devem estar presentes no processo de desenvolvimento do atleta: jogos deliberados e práticas deliberadas.

Os jogos deliberados são atividades esportivas mais flexíveis, podendo ter mudanças nas regras de acordo com as limitações e necessidades da população praticante, como basquetebol com uma cesta, futebol na rua e voleibol que permite quicar no chão. Estas atividades são adaptadas pelos próprios praticantes com o objetivo de promover diversão, sem a preocupação de movimentos corretos e de resultado (CÔTÈ; FRASER-THOMAS, 2010). Estudos realizados por Berry, Abernethy e Côtè (2008) mostraram que esta prática é importante para o desenvolvimento das crianças nas fases iniciais, melhorando a autoestima e sua permanência no contexto esportivo.

Em contrapartida, as práticas deliberadas são atividades sistematizadas com o intuito de aperfeiçoar as habilidades técnicas e táticas para modalidades específicas, requer esforço cognitivo e físico, não gera ganhos imediatos e os atletas são motivados pelos objetivos de melhora na *performance*, sendo muitas vezes desagradável e não prazeroso (ERICSSON, KRAMPE; TESCH-RÖMER, 1993). A presença do técnico é importante para a organização destas atividades e orientação para melhora de habilidades específicas (CÔTÈ et al., 2010).

### 3.2.2 Fases da carreira esportiva

De acordo com as definições supracitadas, o Modelo Desenvolvidor de Participação Esportiva, que avalia o início da carreira esportiva até sua participação na alta *performance*, é dividido em quatro fases da carreira de um atleta: fase de experimentação, de especialização, de investimento e de recreação (figura 4).



Figura 4. O Modelo desenvolvimental de participação esportiva (Fonte adaptada: CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007, p. 197).

Na primeira fase do indivíduo (entre 6-13 anos) os pais promovem oportunidades para seus filhos se divertirem nos esportes, fazendo diversas atividades extracurriculares, não dando importância ao resultado das partidas. Além disso, a prática de atividades deliberadas deve ocorrer por serem agradáveis, divertidas e contribuírem para o desenvolvimento de sua competência (CÔTÈ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Estas atividades são caracterizadas por serem jogos que não envolvem a presença de adultos, podendo ser realizadas em diversos lugares- sendo adaptados para cada modalidade. As regras são feitas pelas pessoas que participam, ocasionando prazer, motivação, flexibilidade e qualidade de vida. Em contrapartida, as práticas deliberadas são realizadas sempre com um propósito- seja para melhorar as habilidades motoras, ou psicológicas-, com envolvimento de adulto na maior parte do tempo, trabalhada por regras e específicos ambientes, sendo estes exercícios muitas vezes desagradáveis e rígidos (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Estudos realizados por Robertson-Wilson et al. (2003) e Fraser-Thomas, Côtè e Deakin (2005) identificaram que a prática das atividades deliberadas na infância está associada à prática de exercícios físicos ao longo da fase adulta, evitando lesões físicas e desistências nos contextos esportivos. A participação em diversas atividades extracurriculares pode proporcionar às crianças diversos aspectos positivos como: maiores motivações intrínsecas, relações interpessoais e aquisição de experiências únicas, capazes de contribuírem para seu desenvolvimento (BAKER; COTÈ, 2006; FREDRICKS; ECCLES, 2006; LARSON; HANSEN; MONETA, 2006).

Entre a idade de 13 a 15 anos, os indivíduos entram nos anos de especialização, reduzindo o envolvimento com vários esportes e focando em uma ou duas atividades esportivas específicas, escolhidas devido às experiências positivas com o técnico, influências dos amigos, sucesso naquela modalidade, e/ou a alegria de praticá-la (CÔTÈ, 1999). Para que tenha um desenvolvimento das habilidades técnicas e táticas nesta fase, deve-se diminuir o tempo de divertimento e aumentar o tempo de treinamento. Desta forma, existe um aumento de horas de treinamento e maior quantidade de campeonatos a ser disputada, necessitando de maior dedicação para o esporte (CÔTÈ; HAY, 2002). A presença do treinador e dos professores é maior nesta fase, os quais apresentam maior interesse pessoal,

esperando grandes resultados pela disciplina e trabalhos mais fortes (WOLFENDEN; HOLT, 2005).

A presença parental é outro aspecto relevante para a prática do atleta nesta fase, sendo que a ênfase no comprometimento escolar juntamente com a esportiva e ajuda financeira tem influências nas escolhas do filho (FREDRICKS; ECCLES, 2004; LAUER et al., 2010). Além disso, o interesse dos pais na modalidade do filho aumenta, fazendo com que conheçam os técnicos e a equipe presente na equipe, as facilidades do local de treinamento, e utilizem seu tempo livre nos treinos e campeonatos, diminuindo as tarefas e trabalhos de casa dos filhos (WOLFENDEN; HOLT, 2005).

A passagem dos atletas para os anos de especialização antes do tempo pode acarretar em diversos fatores influenciadores na desistência do esporte. Estudos realizados por Wolfenden e Holt (2005) observaram que atletas que decidiram focar em um esporte específico com idade inferior (abaixo dos 10 anos) tiveram um pico de *performance* antecipado e sem oportunidade de praticar outras atividades, tendo dificuldades de adaptação na transição de fases por serem mais novos que os demais competidores/companheiros. Além disso, os treinamentos esportivos muitas vezes não são agradáveis e divertidos, havendo diminuição da motivação intrínseca e posteriormente a desistência do atleta da modalidade (WALL; CÔTÈ, 2007).

No final da fase de experimentação, o atleta tem a escolha de três formas de progresso. A criança pode continuar a se envolver no esporte escolhido, sendo de forma recreativa e realizando mais atividades e jogos deliberados; pode desistir do esporte e começar outras atividades extracurriculares de seu interesse; ou pode se envolver seriamente no esporte e avançar para a fase de investimento (BAILEY et al., 2010).

Após os 15 anos, o atleta entra na fase dos anos de investimento, sendo caracterizado pelo comprometimento exclusivo de um esporte devido à alta intensidade de treinamento e ao alcance do alto nível de excelência do seu esporte (CÔTÈ, 1999). O tempo de treino deliberado aumenta significativamente, mostrando que este tipo de atividade, nesta fase do atleta, é de extrema importância para o auxílio na melhora do desempenho (BAKER; CÔTÈ; ABERNETHY, 2003). Neste momento, o indivíduo constrói um relacionamento mais próximo com seu técnico e a responsabilidade pelos treinamentos e competições torna-se própria do indivíduo (WOLFENDEN; HOLT, 2005).

Os pais não possuem um envolvimento intenso como nas fases anteriores, tendo um papel de apoio emocional e suporte tangível frente às adversidades do processo, como lesões, pressões, falhas, perda de interesse e derrotas (BAKER; CÔTÈ; ABERNETHY, 2003). Além disso, o suporte emocional dos pais em momentos de estresse e ansiedade dos filhos pode ajudar o indivíduo a se recuperar e motivar-se na busca de seus objetivos (WEISS; FRETWELL, 2005).

A estruturação de um programa esportivo tem sido importante para que atletas consigam chegar neste pico de *performance*, devendo incentivar a comunicação dos atletas com outras agentes sociais (família, técnico e professores), podendo ajudar em problemas (estresse, desmotivação, fadiga) que os indivíduos passam ao longo da carreira (FRASER-THOMAS; CÔTÈ; DEAKIN, 2008). Assim como na fase de experimentação, o atleta tem a opção de abandonar a modalidade que pratica e mover-se para o esporte recreativo daquela modalidade ou tentar avançar a maiores níveis de desempenho (BAILEY et al., 2010). Apesar dos estudos classificarem as fases e transições do desenvolvimento da carreira esportiva, deve-se entender que estas trajetórias variam de acordo com o esporte praticado pelo atleta- como no caso da ginástica-, sistemas esportivos, normas sociais e a cultura de cada região (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

### **3.3 Aspectos históricos e característicos e pesquisas sobre a modalidade do beisebol**

#### **3.3.1 Aspectos históricos e característicos do beisebol**

O beisebol teve origem a partir das atividades de *Rounders* e *Cricket*, que eram praticadas pelos ingleses no século XVIII. Com o passar do tempo, a modalidade foi apresentada para colônias dominadas pela Inglaterra, principalmente os Estados Unidos. Houve uma série de modificações de nomes e regras, passando para "*Roundball*", posteriormente para "*Townball*" até receber o nome de beisebol (DUARTE, 2000).

No ano de 1839, o escritor e bombeiro Alexander Cartwright criou as primeiras regras e desenvolveu o formato do campo de beisebol. A modalidade começou a ser praticada nas escolas norte-americanas, adquirindo adaptações das regras com o passar dos anos e sendo difundida na América Central, Itália, França,

Bélgica, Holanda e Rússia. Após um período de 30 anos, o esporte foi introduzido no Japão, era do Império Meiji, iniciando transições comerciais com o exterior através de convênios universitários. A partir deste momento, a prática do beisebol tem aumentado nos países asiáticos (FUKUDA; STANGANELLI, 2005). Atualmente, a modalidade tem sido um dos esportes mais praticados nos Estados Unidos, com fortes programas de iniciação esportiva, equipes mais qualificadas e bem pagas no mundo (FINE, 1987).

As raízes do beisebol no Brasil são derivadas da imigração japonesa na região noroeste de São Paulo em 1908 (RUBIO, 2000). Apesar de observarem influências norte-americanas na segunda metade do século XIX, a maior parte dos praticantes da modalidade continua sendo de descendência nipônica, podendo encontrar a participação de outras descendências neste contexto esportivo (FUKUDA; STANGANELLI, 2005). Segundo Batista Junior (1998), o beisebol brasileiro começou a ser praticado pelos descendentes de japoneses, tendo como princípio e filosofia o comportamento, a educação e obediência frente aos mais velhos e mostrar disciplina, tanto nos momentos de prática como fora dela. A concentração da prática deste esporte nos estados de São Paulo e Paraná, regiões de alta densidade de população de origem japonesa, contribuiu para a percepção de natureza cultural, sendo que o Brasil é o segundo país de maior etnia japonesa no mundo, logo atrás do próprio Japão.

Segundo Duarte (2000), no século XX, houve um crescimento significativo do beisebol no Brasil. Em 1919, surgiu a primeira equipe da modalidade chamada Clube Esportivo Mikado, sendo integrado por jornalistas e funcionários do jornal Nippak. Nos anos seguintes, após o aumento da imigração japonesa na década de 1930, a formação de ligas do Noroeste Paulista e de Sorocaba impulsionaram o esporte. Entre os anos de 1950 e 1980 foi marcado pela criação de diversas equipes no país, realizando o primeiro campeonato em Curitiba e a fundação da Federação Paranaense de Beisebol e Softbol.

Após 1985, ocorreram aumentos do número de descendentes japoneses, trabalhando no exterior, diminuindo a prática da modalidade e fazendo com que as equipes permanentes tivessem um comprometimento financeiro para manter esta atividade esportiva. A vinda de treinadores cubanos e a criação da Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS) na década de 1990 fez com que a

modalidade voltasse a ser praticada com maior intensidade, passando a atuar em competições internacionais (FUKUDA; STANGANELLI, 2005).

Em relação às características do esporte, os padrões hereditários seguiram a cultura do beisebol, sendo que o conhecimento dos indivíduos mais velhos foi passado para os atletas mais novos que acabavam suas carreiras esportivas como técnicos. Ao longo dos anos, a contratação de técnicos cubanos - vindos do país considerado uma das maiores escolas de beisebol do mundo - fez com que houvesse influência nos ensinamentos brasileiros, ocasionando mudanças na filosofia e nos treinamentos que eram praticados pela colônia japonesa.

Estudos realizados por Rubio (2000) mostraram que a participação familiar tem sido de extrema importância para a continuidade da criança no esporte. Neste sentido, as famílias costumam possuir vínculos com os clubes, passando a acompanhar a equipe de seus filhos como anotadoras, árbitros ou cozinheiras durante a realização de eventos da modalidade, além de atuarem na organização técnica e administrativa da categoria.

Atualmente, a modalidade é praticada por mais de 30.000 jogadores em 120 equipes de todo o território brasileiro, proporcionando campeonatos nacionais e internacionais (CBBS, 2012). Algumas instituições, juntamente com as prefeituras em que se localizam, possuem iniciativas de implementar projetos sociais, utilizando o esporte, como forma de inclusão social para crianças carentes.

O beisebol é praticado em um terreno plano conhecido como diamante devido ao seu formato, sendo dividido em *infield* - campo interno - e *outfield* - campo externo. O quadrado que forma o *infield* varia de acordo com a categoria, possuindo 27,43 metros em cada lado e compondo as quatro bases - home, primeira base, segunda base e terceira base. Cada equipe é composta por no mínimo nove jogadores, sendo posicionados no campo defensivo como arremessador, receptor, primeira base, segunda base, terceira base, interbases, jardineiro esquerdo, jardineiro central e jardineiro direito, como segue na figura 5 (MOORE, 1967).

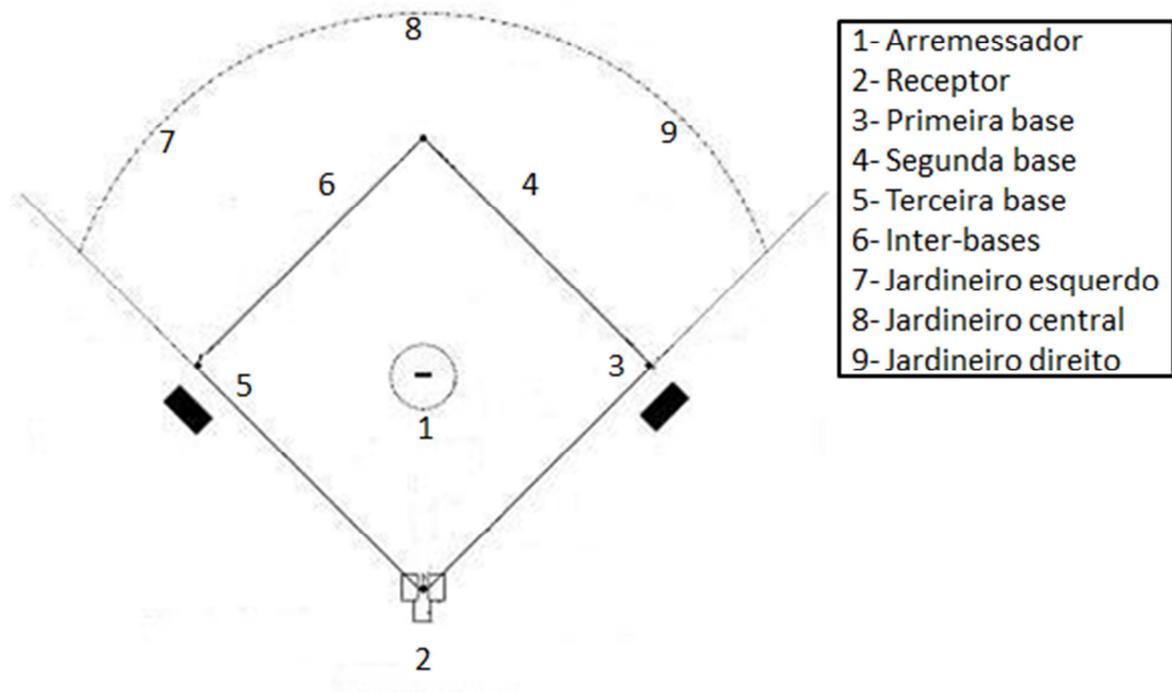


Figura 5. Posicionamento do sistema defensivo de atletas de beisebol. (Fonte adaptada: Disponível em <<http://www.apollostemplates.com>>, acesso em: 15 jun 2012)

Enquanto uma equipe está posicionada na defesa, o adversário estará atacando, utilizando os rebatedores com o intuito de correr as quatro bases para adquirir um ponto. Para que ocorra a troca das posições de cada equipe, deve-se ocorrer três eliminações, podendo ser referente ao rebatedor como os corredores que estarão posicionados nas bases. Para cada ataque e defesa das equipes equivalem a um inning (carreiras ou entradas), sendo que na categoria adulta, uma partida constitui de nove innings (DUARTE, 2000).

Os materiais para a prática deste esporte constituem em bolas de couro, bastão de madeira, luvas especiais feitas de couro para cada atleta e materiais de proteção. Para categorias de bases estes materiais são adaptados para bolas de borracha e bastões de carbono e alumínio (MOORE, 1967).

### 3.3.2 Pesquisas realizadas na modalidade beisebol

Apesar do beisebol não ser um esporte conhecido no Brasil, existindo poucas pesquisas em âmbito nacional, percebe-se uma valorização da modalidade em

outros países. Desta maneira, estudos feitos neste esporte podem ser identificados em diversas áreas como biomecânica (KEELEY; OLIVER; DOUGHERTY, 2012), medicina (OSBAHR et al., 2010), *marketing* (BRAUNSTEIN et al., 2005), materiais esportivos (DRANE; SHERWOOD, 2010), psicologia (FUJIYAMA; WILSON; KERR, 2005) e desenvolvimento motor (SMITH, 2011).

Devido ao ingresso de crianças e sua especialização precoce no contexto do beisebol, muitos problemas fisiológicos ocorrem devido ao esforço excessivo do corpo, principalmente as partes do corpo que envolvem o arremesso, como o ombro e o cotovelo. Desta forma, estudos realizados por Keeley, Oliver e Dougherty (2012) investigaram os movimentos biomecânicos do ombro nos diferentes tipos de arremesso (*stretch* e *wind-up*) de atletas, verificando que alguns movimentos estão relacionados com risco de lesões e o alto desempenho. Outro estudo identificou as características de resistência bilaterais dos flexores do punho e extensores, pronadores e supinadores dos jogadores de beisebol, evidenciando resultados de diferença bilaterais que podem auxiliar no tratamento, prevenção, reabilitação e avaliação das disfunções corporais (LAUDNER; WILSON; MEISTER, 2012).

De acordo com esta preocupação com a parte fisiológica do atleta, a medicina tem estudado diferentes casos de cirurgia e intervenção em atletas lesionados no contexto do beisebol. Osbahr et al. (2010) procuraram identificar os problemas de cotovelo, mais especificamente do epicôndilo medial, dos jogadores de categoria de base, concluindo que a presença de dores no cotovelo é ocasionada devido a fraturas agudas e por avulsão que ocasionam inchaço, dor e tendinite no epicôndilo medial, podendo ser prevenida ao seguir as recomendações estabelecidas pela liga americana para arremessadores. Além disso, Collins e Comstock (2008) mostraram diversos tipos de acidentes ocorridos nas escolas de beisebol, verificando que apesar dos ambientes serem relativamente seguros, existe a necessidade do uso de capacetes, protetores bucais e óculos de proteção para as crianças que jogam nas posições mais propícias a acidentes.

Outro aspecto importante a ser avaliado neste contexto esportivo é o sistema de *marketing* ocorrido em diferentes países. Braunstein et al. (2005) analisaram a demanda na pré-temporada da liga americana profissional (*Major League of Baseball*), verificando que as partidas são mais descontraídas, acessíveis e realizadas para aproximar os jogadores profissionais dos torcedores. Outras pesquisas avaliam diferentes aspectos como o salário dos jogadores, relacionando

com o desempenho das equipes de ligas profissionais (ANNALA; WINFREE, 2011) e a utilização dos países desenvolvidos como forma de lucro para os países mais ricos (BOUCHET; TROILO; PEACHEY, 2012).

Apesar da existência de estudos voltados aos jogadores de beisebol, pesquisadores têm avaliado os materiais deste esporte para melhores rendimentos e segurança em diferentes faixas etárias. Desta maneira, percebe-se a busca de verificar que tipos de bastões devem ser utilizados para uma melhor *performance* no momento das partidas (DRANE; SHERWOODS, 2010) e qual a influência das bolas no contexto esportivo (KENSURUD; SMITH, 2011). Outro estudo analisou os bastões da liga americana devido à crescente destruição dos materiais, observando diversos fatores que ocasionam a quebra destes objetos ao longo das partidas (DRANE et al., 2012).

A psicologia do esporte tem estudado fatores que influenciam o comportamento humano neste contexto esportivo, verificando aspectos psicológicos capazes de auxiliar ou prejudicar o desenvolvimento dos indivíduos. Estudos realizados por Fujiyama, Wilson e Kerr (2005) demonstraram a diferença do comportamento táticos e paratáticos de jogadores amadores profissionais e jogadores amadores recreativos, observando a satisfação da *performance* com as emoções da equipe. Outra pesquisa feita por Peter (2011) mostra os aspectos parentais frente à prática de seus filhos no beisebol, avaliando as características parentais, suas influências no comportamento da criança e as situações que afetam seus sentimentos.

Em relação ao desenvolvimento motor do indivíduo, pode-se verificar estudos realizados com diferentes variáveis motoras, avaliando a relação desses aspectos e a *performance* no contexto esportivo. Fajen, Diaz e Cramer (2011) utilizaram da teoria da percepção-ação para verificar a percepção da escala de ação da *affordance* que o meio proporciona, concluindo que os indivíduos tem a capacidade de locomoção para pegar uma bola no ar, mas não confiam completamente nas informações captadas pelo meio. Outras pesquisas procuraram identificar a organização dos movimentos da batida com as exigências da tarefa, analisando o tempo de reação dos sujeitos que realizavam a rebatida com os tipos de arremessos- lento ou rápido (KATSUMATA, 2007).

Pode-se identificar que o beisebol tem sido uma modalidade estudada em diversos campos de atuação, evidenciando a necessidade de pesquisas no âmbito

nacional que possibilite avaliar os fatores transculturais do esporte. Além disso, a avaliação dos aspectos psicológicos é extremamente essencial para avaliar a melhora do desempenho dos atletas desta modalidade, verificando elementos importantes como a motivação, a satisfação e as relações sociais no contexto esportivo.

# 4 MÉTODOS

---

---

## 4.1 Delineamento do estudo

O estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva transversal (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2008), tendo como objetivo investigar a trajetória de desenvolvimento esportivo de atletas brasileiros de beisebol com foco na motivação, satisfação e suporte parental.

## 4.2 População alvo

A população alvo do presente estudo foi composta por todos os atletas do sexo masculino da categoria adulta de beisebol da temporada 2011/2012, totalizando 227 jogadores de 17 equipes participantes dos torneios e campeonatos oficiais, promovidos pela Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS). Desta forma, foi realizado contato com a CBBS para identificar todos os times participantes dos eventos nacionais e a relação de atletas que atuam nas equipes; as quais estão localizadas no Estado do Mato Grosso do Sul (1), São Paulo (12) e Paraná (4). O critério de inclusão dos sujeitos na pesquisa foram atletas com mais de cinco anos de prática. Todos os atletas aceitaram a participação no estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE E; APÊNDICE F).

Para a realização das entrevistas, foi escolhida a equipe campeã brasileira do ano de 2012, tendo como critério de inclusão o desempenho esportivo dos atletas, totalizando 14 atletas (20,14±0,98). O quadro 1 apresenta as características sóciodemográficas (idade, estado civil, grau de escolaridade, profissão e descendência) e aspectos relacionados à modalidade (data de início da prática e posição) dos atletas brasileiros de beisebol. Os dados demonstraram que a média de idade destes jogadores ao iniciar a modalidade era de oito anos de idade.

Atleta	Idade atual	Estado civil	Escolaridade	Profissão	Descendência	Idade de início	Posição
A1	22	Solteiro	Ensino superior*	Estudante/ treinador	Japonesa	7	Receptor
A2	25	Solteiro	Ensino médio	Atleta/ treinador	Italiana	12	Arremessador
A3	22	Solteiro	Ensino superior*	Testador de software	Japonesa	9	Interbases
A4	29	Solteiro	Ensino superior	Fisioterapeuta	Italiana	6	Primeira base
A5	19	Solteiro	Ensino médio	Técnico de mecânica	Italiana	10	Arremessador
A6	20	Solteiro	Ensino superior*	Estudante	Japonesa	5	Primeira base
A7	23	Solteiro	Ensino superior	Gerente de <i>Marketing</i>	Japonesa	5	Segunda base
A8	17	Solteiro	Ensino médio*	Estudante	Portuguesa	11	Defensor externo
A9	18	Solteiro	Ensino médio	Estudante	Japonesa	12	Arremessador
A10	17	Solteiro	Ensino médio	Estudante	Japonesa	6	Segunda base
A11	17	Solteiro	Ensino médio*	Estudante	Japonesa	4	Primeira base
A12	19	Solteiro	Ensino médio*	Treinador	Portuguesa	10	Arremessador
A13	16	Solteiro	Ensino médio*	Estudante	Portuguesa	9	Defensor interno
A14	18	Solteiro	Ensino médio	Balconista	Japonesa	6	Jardineiro direito

Quadro 1- Características sócio-demográficas e aspectos relacionados à modalidade dos atletas brasileiros de beisebol campeões da categoria adulta no ano de 2012. Nota: \*curso em andamento

Pode-se observar que os atletas da categoria adulta têm atualmente entre 16 e 29 anos, identificando que alguns destes indivíduos jogam na categoria juvenil. Além disto, verificou-se que apenas cinco atletas possuem nível superior como grau de escolaridade, e que é prevalente a descendência japonesa na equipe.

### 4.3 Instrumentos

Os instrumentos de pesquisa foram compostos pela escala de motivação para o esporte - SMS (ANEXO A), teste de percepção do estilo parental - EMBU (ANEXO B), questionário de satisfação do atleta - QSA (ANEXO C) e a ficha de identificação do atleta (APÊNDICE B). Posteriormente, foi realizada entrevista semiestruturada (APÊNDICE C) com os atletas da equipe melhor colocada no campeonato brasileiro

do ano 2012, buscando avaliar a trajetória de desenvolvimento esportivo e caracterizar a carreira esportiva dos atletas de beisebol.

**SMS - Escala de motivação para o esporte.** (BRIÈRE et al., 1995). Versão portuguesa, validada por Bara Filho et al. (2011). Este questionário avalia os níveis de motivação atlética do indivíduo. Esta avaliação é realizada numa escala *Likert* de 1 a 7 pontos, entre “não corresponde nada” e “corresponde exatamente”, sendo composta por 28 afirmações relacionadas ao prazer e à satisfação do atleta em praticar o esporte. Os itens caracterizam sete dimensões: a) Desmotivação (itens 3, 5, 19 e 28) - caracterizada pelo sentimento de desesperança e falta de interesse; b) Motivação extrínseca para regulação externa (itens 6, 10, 16 e 22) - relacionada a fatores externos como recompensa (financeira) e punição; c) Motivação extrínseca de introjecção (9, 14, 21 e 26) - pressão interna do sujeito, envolvendo vergonha e constrangimento; d) Motivação extrínseca de identificação (7, 11, 17 e 24) - prática esportiva porque o atleta sente que irá ajudá-lo a crescer pessoalmente; e) Motivação intrínseca para atingir objetivos (itens 8, 12, 15 e 20) - relacionados a fatores em que o atleta sente prazer na busca de objetivos e habilidades esportivas; f) Motivação intrínseca para experiências estimulantes (itens 1, 13, 18 e 25) - busca de experiências no esporte que possam proporcionar prazer e diversão e; g) Motivação intrínseca para conhecer (itens 2, 4, 23 e 27) - ligada à curiosidade e busca de compreender fatores esportivos por desejo próprio (BRIÈRE et al., 1995). O valor do alfa de Cronbach para todas as dimensões foi considerado alto ( $\alpha=0,81$ ).

**EMBU – Memórias de Infância.** *Egna Minnen Beträffande Uppfostran* (PERRIS et al., 1984). Versão portuguesa validada por Kobarg, Vieira e Vieira (2010). Este questionário procura avaliar a percepção do atleta em relação ao tipo parental de seus pais durante sua infância e adolescência, havendo perguntas relacionadas ao pai e à mãe, separadamente. Esta avaliação é realizada numa escala *Likert* de 1 a 4 pontos, entre “Não, nunca” e “Sim, sempre”. O instrumento é composto por 21 perguntas relacionadas aos pais, sendo posteriormente caracterizadas por três sub-escalas: a) Suporte emocional (itens 2, 5, 8, 11, 13, 17 e 21) – característica que mostra afeto e atenção dos pais a seus filhos, auxílio e estímulo nas atividades que são consideradas importantes para ele, ajuda nos problemas cotidianos, alta consideração pela opinião do filho, causando confiança nos pais e capacidade de pedir auxílio; b) Rejeição (itens 1, 4, 6, 9, 12, 14, 15 e 19) - comportamentos dos pais que procuram modificar a vontade dos filhos pelo castigo

físico, hostilidade, depreciação e desconsidera o ponto de vista e as necessidades cotidianas da criança, resultando em castigos físicos, privação de objetos ou privilégios, ou aplicação direta da força com o objetivo de influenciar o comportamento do filho e; c) Superproteção (itens 3, 7, 10, 16, 18 e 20) - comportamentos parentais caracterizados por proteção excessiva relativa a experiências indutoras de estresse e adversidades, elevado grau de intrusão nas atividades dos filhos, padrões muito elevados de realização em determinadas áreas (desempenho escolar, por exemplo) e imposição de regras rígidas às quais é exigida total obediência (CANAVARRO; PEREIRA, 2007). O valor do alfa de Cronbach para todas as dimensões foi considerado moderado ( $\alpha=0,62$ ).

**QSA - Questionário de satisfação do atleta.** (RIEMER; CHELLADURAI, 1998). Versão portuguesa validada por Borrego et al. (2011). Este questionário procura avaliar os níveis de satisfação de atletas. Esta avaliação é realizada numa escala *Likert* de 1 a 7 pontos, entre “nunca” e “extremamente”. O instrumento é composto por 53 afirmações relacionadas à satisfação do atleta em diversos contextos, sendo caracterizado por 14 dimensões: a) Desempenho individual (itens 6, 22 e 39): satisfação individual com sua própria *performance* para tarefa; b) Desempenho da equipe (itens 13, 28 e 37): satisfação individual com o nível de *performance* de sua equipe; c) Utilização da habilidade (itens 7, 24, 36, 46 e 51): satisfação como o técnico usa e/ou maximiza o talento e as habilidades individuais do atleta; d) Estratégia (itens 3, 27, 29, 43, 50 e 53): satisfação com as decisões de estratégias e táticas; e) Tratamento pessoal (itens 12, 20, 40, 44 e 52): satisfação com os comportamentos do técnico que afetam diretamente o indivíduo, e ainda afetam o desenvolvimento da equipe indiretamente; f) Treino-instrução (itens 14, 23 e 33): satisfação do atleta pelo ensinamento, facilitação de aprendizagem, instruções, fornecimento da infraestrutura, equipamentos e métodos utilizados nos treinamentos, mostrando conhecimento e responsabilidade; g) Contribuição da equipe para tarefa (itens 9, 21 e 34): satisfação com aquelas ações que o grupo realiza, servindo como liderança para o indivíduo; h) Contribuição da equipe para o social (itens 2, 25 e 35): satisfação com a contribuição dos companheiros de equipe para o atleta como pessoa; i) Ética (itens 8, 16 e 31): satisfação com a posição ética dos companheiros de equipe; j) Integração na equipe (itens 1, 18, 32 e 47): satisfação com a contribuição dos membros e a coordenação de esforços frente à tarefa da equipe; k) Dedicção pessoal (itens 5, 15, 30 e 45): satisfação do atleta

com suas próprias contribuições com a equipe; l) Orçamento (itens 10, 17 e 38): satisfação com a quantidade de dinheiro disponível para a equipe pelo departamento atlético; m) Diretoria médica (itens 4, 19, 41 e 49): satisfação com a equipe médica e, n) Agentes externos (itens 11, 26, 42 e 48): satisfação com aqueles agentes/elementos externos que contribuem com a equipe. O valor do alfa de Cronbach para todas as dimensões foi considerado alto ( $\alpha=0,93$ ).

**Ficha de identificação do atleta:** Com o intuito de ter as informações dos indivíduos para a realização das entrevistas posteriormente, foi entregue para a equipe campeã após a fase final do campeonato brasileiro. A ficha de identificação contém os dados pessoais como telefone, email, endereço e escolaridade, e os dados atléticos dos sujeitos como início e ápice da carreira, posição e melhores resultados.

**Entrevista semiestruturada:** O roteiro da entrevista foi fundamentado na matriz de análise das características do contexto esportivo, acompanhando a carreira esportiva do atleta com foco nos aspectos individuais e motivacionais de acordo com a teoria da autodeterminação, ao longo dos anos de prática esportiva. As perguntas foram divididas entre as fases de desenvolvimento do atleta proposta por Côté (1999): Anos de experiência (entre 6-12 anos); Anos de especialização (entre 13-15 anos), Anos de investimento (acima de 15 anos) e Anos de recreação.

Para a elaboração do roteiro da entrevista retrospectiva foi realizada uma matriz de análise (APÊNDICE A), contendo o início da modalidade (equipes, tempo de prática e melhores colocações), os dados sócios demográficos (informações pessoais), as atividades (sendo práticas deliberadas ou jogos deliberados), à motivação (regulações dos motivos para prática) e os principais aspectos relacionados à teoria da autodeterminação (necessidades básicas). Em seguida, os tópicos (APÊNDICE C) foram formulados de acordo com os indicadores presentes na matriz para cada fase de desenvolvimento da carreira esportiva do indivíduo proposta no Modelo Desenvolvimental de Participação Esportiva (CÔTÉ, 1999).

Para verificar se as respostas da entrevista semiestruturada atendem aos objetivos e apresentam os indicadores da matriz de análise, realizou-se um estudo piloto com cinco atletas de beisebol da categoria adulta ( $21,20\pm 3,11$  anos) com mais de 10 anos de carreira na modalidade ( $15,00\pm 3,80$  anos). As entrevistas tiveram duração média de 45 minutos.

#### 4.4 Coleta de dados

Para a coleta dos dados, primeiramente realizou-se o contato e foi feito o pedido de autorização para a Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol – CBBS - (APÊNDICE D) e coordenadores das equipes. Em seguida, o projeto foi encaminhado para o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá. Após a aprovação do projeto - parecer nº 111.217/2012 (APÊNDICE G), foi feito o agendamento dos dias e locais da coleta dos testes psicométricos com cada clube e as entrevistas semiestruturadas com a equipe campeã do ano de 2012 foi realizada.

Ficha de identificação e testes psicométricos: a coleta dos testes psicométricos foi realizada ao longo dos campeonatos oficiais propostos pela CBBS, realizando o agendamento prévio com as equipes e aplicando nos alojamentos para não haver interferência do meio externo no momento do preenchimento das fichas e do questionário de suporte parental, de motivação para prática esportiva e satisfação atlética. A duração média dos instrumentos foi de 30 minutos.

Entrevista semiestruturada: foi realizada individualmente em uma sala privativa, utilizando dois gravadores de voz para a captação das informações. Inicialmente, o pesquisador explicou os temas que seriam abordados (lendo o roteiro das perguntas), esclarecendo todas as dúvidas, em seguida, realizou a entrevista. Após as transcrições das entrevistas, todas as gravações foram apagadas e excluídas, utilizando somente os dados transcritos com códigos para evitar a utilização dos nomes dos atletas. As entrevistas foram enviadas aos atletas por e-mail para validação da transcrição e inclusão de dados, caso necessário. Esta entrevista teve duração média de 30 minutos.

#### 4.5 Análise de dados

Para análise dos dados quantitativos, foi utilizada estatística descritiva. Para delineamento da estatística inferencial, a normalidade foi verificada por meio do teste de *Kolmogorov-Smirnov*. Para comparação entre os estilos parentais, da mãe e do pai, dimensões da satisfação atlética e entre os níveis de motivações dos atletas, foi realizado o teste de esfericidade de *Mauchly's*. Ao observar a esfericidade não

violada, utilizou-se a análise de variância (ANOVA) de medidas repetidas com *post-hoc* de *Bonferroni* para comparação entre os grupos.

Na comparação entre pais e mães e entre atletas motivados intrinsecamente e extrinsecamente, foi utilizado o teste *t de student* independente. Para a análise das correlações, foi feito o teste de correlação de Pearson. O nível de significância adotado foi de 5% e os resultados foram apresentados em figuras e tabelas de acordo com os objetivos propostos.

Para a análise dos dados qualitativos foi utilizada a análise de conteúdo do tipo categorial (categorias pré-definidas), seguida pela análise temática (exploração do material e interpretação dos resultados) (BARDIN, 2008). As entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra. Para fins de sigilo e identificação das entrevistas, utilizou-se códigos para cada atleta (A1; A2; A3...). Desta forma, foram analisados os conteúdos presentes nas matrizes de análise das entrevistas para verificar os depoimentos de acordo com os aspectos relacionados à motivação, suporte parental e satisfação atlética ao longo do processo de desenvolvimento da carreira esportiva. A análise de conteúdo foi feita baseada nas fases da carreira esportiva dos atletas proposta por Côté (1999). Além da codificação da informação foram utilizados recortes das entrevistas.

# 5 RESULTADOS

---

---

Com base na questão norteadora de investigar o processo de desenvolvimento da motivação, satisfação e suporte parental ao longo da carreira esportiva de atletas de beisebol, os resultados estão apresentados em forma de tópicos. No primeiro tópico, estão os níveis de motivação, percepção de suporte emocional e satisfação atlética dos atletas de beisebol; no segundo tópico, foi feita comparação da satisfação atlética e do suporte parental de acordo com os níveis motivacionais dos indivíduos; no terceiro tópico, analisou a trajetória esportiva dos atletas, considerando as diferentes fases de desenvolvimento; no quarto tópico, foram observados as relações dos níveis de satisfação atlética, motivação e estilos parentais dos atletas de beisebol.

## **5.1- Motivação, percepção de suporte parental e satisfação atlética dos atletas de beisebol**

O presente estudo procurou identificar as características motivacionais dos atletas de beisebol da categoria adulta. A figura 2 (p.12) apresenta os níveis de motivação dos indivíduos de acordo com as dimensões Desmotivação- caracterizada pela falta de interesse e prazer pela atividade; Motivação extrínseca (ME) para regulação externa- relacionada à punição e recompensa; ME de introjecção- envolvida pela pressão interna do sujeito como culpa e vergonha; ME de identificação- praticada pela importância da atividade para o sujeito; Motivação intrínseca (MI) para atingir objetivos- prazer em alcançar objetivos e habilidades esportivas; MI para experiências estimulantes- busca de experiências prazerosas; e MI para conhecer- ligado à curiosidade e aperfeiçoamento esportivo.

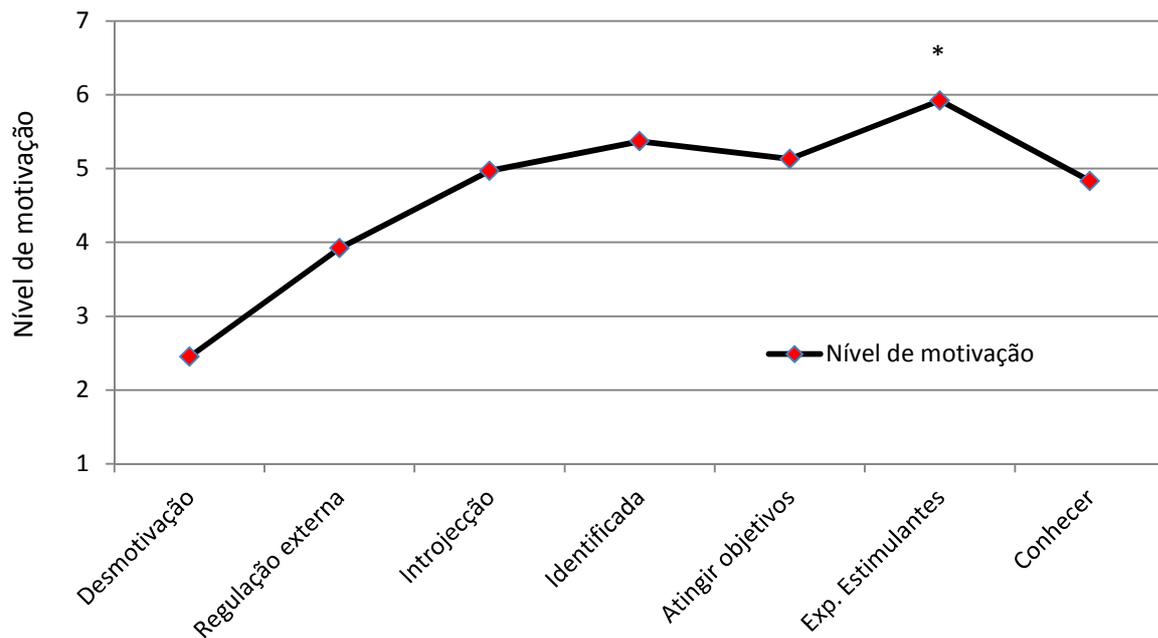


Figura 6. Valores médios das dimensões dos níveis motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta em função dos estilos regulatórios.  
Nota: \*Diferença significativa para  $p < 0,05$

A figura acima mostra as regulações da motivação dos atletas de beisebol que seguem um continuum da autodeterminação, onde as primeiras regulações apresentam motivações mais extrínsecas, passando para intrínsecas. Desta forma, atletas que exigem maiores níveis nas últimas regulações demonstram comportamentos mais autodeterminados.

Sendo assim, pode-se observar que a dimensão desmotivação ( $2,45 \pm 1,31$ ) apresentou menores valores motivacionais quando comparadas com as outras regulações ( $p < 0,01$ ). Por outro lado, percebeu-se que a motivação intrínseca para experiências estimulantes ( $5,92 \pm 0,91$ ) demonstrou os valores médios maiores ( $p < 0,01$ ). Ao avaliar o continuum das regulações, percebe-se um crescimento linear crescente das motivações extrínsecas, verificando uma mudança mais estável nas características intrínsecas. Estes achados demonstram que a motivação dos atletas de beisebol está adequada de acordo com a teoria da Autodeterminação.

Além disso, identificou-se que os indivíduos obtiveram maiores motivações intrínsecas em relação às motivações extrínsecas e desmotivação para a modalidade. Estes achados vão ao encontro das entrevistas dos atletas, indicando

que o gosto, o prazer pela modalidade e os incentivos para permanência no contexto foram relevantes, conforme relatam nos depoimentos:

Eu continuei a praticar porque como eu gostava muito de praticar o esporte, eu continuei. Além disso, comecei a fazer a faculdade de educação física para poder ensinar. (A01)

Porque eu me sinto bem. Eu quero tentar [...] voltar a ser bom como era antes e é o que eu gosto. (A11)

Porque eu continuo gostando deste esporte [...] competir. Conhecer mais pessoas, você consegue fazer muitas amizades. (A09)

Pode-se evidenciar que a motivação intrínseca dos atletas de beisebol levou à necessidade de realizar outras atividades (faculdade), alcançar objetivos (rendimento) e conhecer outras pessoas, sendo características importantes no processo motivacional e destacadas na teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 1985). Ao avaliar as relações interpessoais presentes para a satisfação do indivíduo no contexto, foi analisada a percepção dos estilos parentais no esporte. Sendo assim, buscou-se compreender quais são os comportamentos da família relacionados com a rejeição, suporte emocional e a superproteção. A Tabela 1 apresenta as comparações das dimensões de suporte parental percebido pelos filhos entre pais e mães.

Tabela 1. Valores médios dos estilos parentais entre pai e mãe na percepção dos jogadores brasileiros de beisebol da categoria adulta.

Estilos parentais	$\bar{x} \pm dp$		p
	Pai	Mãe	
Rejeição	1,39±0,43	1,34±0,37	0,01*
Suporte emocional	2,82±0,64	2,99±0,53	0,01*
Superproteção	1,72±0,45	1,80±0,45	0,01*

\*Diferença significativa para  $p < 0,05$

Ao comparar os estilos parentais do pai e da mãe na percepção dos jogadores (Tabela 1), identificou-se que as mães obtiveram maiores valores nas dimensões de suporte emocional ( $p=0,01$ ) e superproteção ( $p=0,01$ ). Entretanto, os pais apresentaram maiores valores no estilo de rejeição ( $p=0,01$ ). Estes achados podem ser evidenciados nos depoimentos dos atletas, verificando a importância da mãe na modalidade:

Meu avô, minha avó, o pessoal do time. E minha mãe ajuda [...] Ela sempre ajuda, quando precisa fazer comida, quando tem jogo em (Cidade). Quando dá para ela assistir jogo, ela também vai. (A03)

São os técnicos, amigos, mães de atletas. Eu acho importante para ela (mãe) também, porque conhecer onde eu convivo, meu convívio que é importante para mim, quanto para ela [...] Cada um tem seu papel. Mãe ajuda nos eventos, na cozinha. Técnico dá conselhos. E amigos estão ali para dar conselho... Ah, são muito importantes, sem eles talvez não estaria aqui hoje. (A05)

Minha mãe continua até hoje como *manager* da categoria. Meu pai nunca entrou no time. (A13)

Além disso, pode-se identificar diferença significativa ( $p < 0,01$ ) entre os estilos parentais, demonstrando maiores valores no suporte emocional (Tabela 1). Estas características parentais podem ser evidenciadas na fala do atleta:

Hoje eles veem a gente jogando, eles veem e falam 'Pô, que legal! Meus filhos ainda jogam, jogam bem e tal'. Para eles, você via aquele brilho nos olhos, que antigamente você, quando era mais novo não via. Eu acho que dessa parte, minha mãe e meu pai sempre me motivaram a estar jogando, nunca foram contra. O que me ajudaram bastante também. Hoje também é assim. (A7)

De acordo com os resultados, pode-se identificar a valorização dada pelos pais na permanência do atleta no contexto esportivo, aumentando a motivação do indivíduo para a prática. A teoria da autodeterminação propõe que indivíduos devem satisfazer suas necessidades básicas frente a determinadas tarefas (DECI; RYAN, 2000). Desta maneira, investigou-se a satisfação no contexto do beisebol. Na figura 3 estão apresentados os diferentes níveis de satisfação atlética destes atletas.

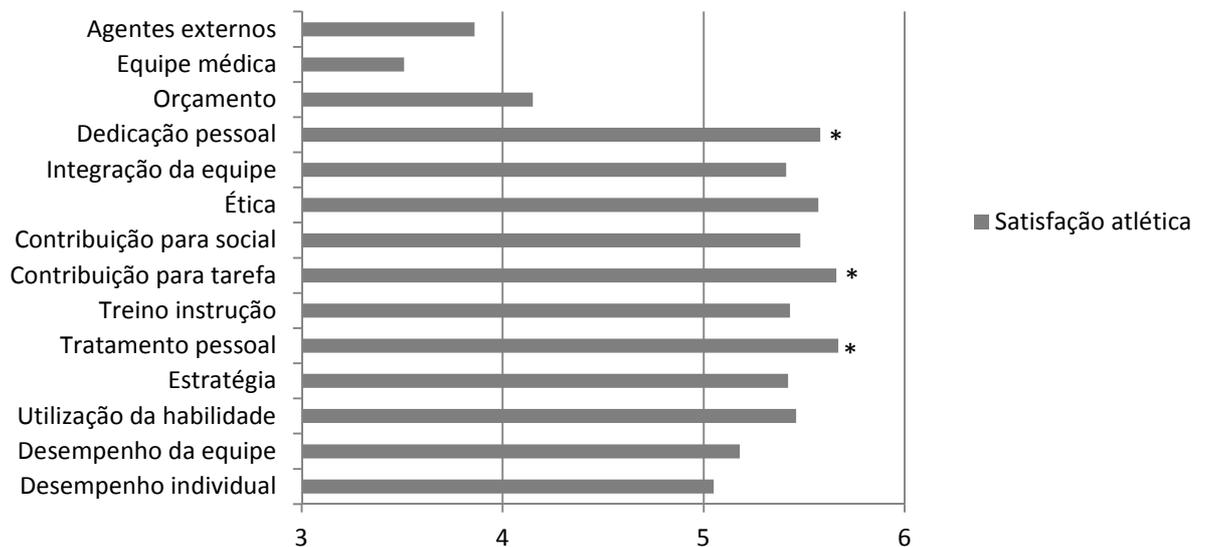


Figura 7. Valores médios dos níveis de satisfação dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta.

Nota: \*Diferença significativa  $p < 0,05$

Ao analisar as dimensões atléticas (Figura 7), observou-se que os maiores níveis de satisfação ( $p < 0,01$ ) estavam presentes nas variáveis relacionados ao tratamento pessoal ( $5,67 \pm 1,14$ ), contribuição para tarefa ( $5,66 \pm 1,10$ ) e dedicação pessoal ( $5,58 \pm 1,01$ ). Percebe-se que os maiores valores encontrados estão relacionados ao indivíduo, ao técnico e aos companheiros de equipe, demonstrando a importância destes sujeitos no contexto do beisebol para a satisfação atlética dos atletas, conforme destacam os depoimentos dos campeões brasileiros:

O treinamento às vezes agora, tenho dificuldades de acompanhar um pouco os mais novos, como os de 16, 18. Eu estou com 29, mas eu procuro fazer tudo, toda a parte física também procuro estar fazendo. Agora estou na convocação que saiu, nessa pré lista do sul americano. Deu uma motivação a mais. Estou tentando me esforçar mais para conseguir ficar no mesmo nível. Mas eu não. Continuo treinando quatro vezes por semana. (A04)

Bom, pelo grupo que a gente tem ali de amizade e por gostar. Eu realmente gosto de jogar, inclusive a gente troca muita coisa por causa do beisebol. Porque (risos) namorada dependendo. Vem o beisebol primeiro, que muita coisa particular minha. (A07)

Ah, o [técnico] sempre me dá uma mão pra mim. Nos treinos também, de vez em quando treinamos só eu e ele para desenvolver minhas habilidades. (A12)

Pode-se identificar os esforços dos atletas para alcançar um melhor desempenho, tentando acompanhar os companheiros mais novos e conseguir uma vaga na seleção brasileira. Desta maneira, as pessoas envolvidas com os jogadores (amigos, técnicos, namorada) são importantes para alcançar a satisfação na modalidade. Além disso, a figura 7 demonstrou que os níveis menores de satisfação foram orçamento ( $4,15 \pm 1,63$ ), equipe médica ( $3,51 \pm 1,91$ ) e outros agentes externos ( $3,86 \pm 1,33$ ), com diferença significativa entre as outras dimensões ( $p < 0,05$ ).

## **5.2- Estilo parental e satisfação atlética de acordo com a motivação**

Indivíduos com motivações autodeterminadas apresentam altos níveis de satisfação com a tarefa realizada, devendo se sentir competentes, autônomos e com boas relações sociais (DECI; RYAN, 1985). Dentre os indivíduos que estão presentes no contexto esportivo, os pais exercem um papel importante na vida do atleta, podendo auxiliar seu filho a realizar decisões próprias, e demonstrar suas habilidades naquela modalidade (HOLT et al., 2009). Desta maneira, a tabela 2 apresenta a percepção de estilos parentais entre atletas com menores e maiores níveis de motivação, sendo dividido entre a desmotivação, a motivação extrínseca e a motivação intrínseca.

Tabela 2- Comparação das dimensões da percepção dos estilos parentais, considerando o *continuum* da motivação dos atletas brasileiros adultos de beisebol.

Estilo parental	Motivação		P
	Baixa $\bar{x}\pm dp$	Alta $\bar{x}\pm dp$	
<b>Desmotivação</b>			
Rejeição - Pai	1,36±0,38	1,48±0,54	0,09
Rejeição - Mãe	1,32±0,31	1,43±0,50	0,28
Suporte emocional - Pai	2,79±0,62	2,90±0,69	0,06
Suporte emocional - Mãe	2,97±0,52	3,05±0,58	0,09
Superproteção - pai	1,68±0,40	1,83±0,56	0,33
Superproteção - Mãe	1,77±0,42	1,89±0,53	0,16
<b>Motivação extrínseca</b>			
Rejeição - Pai	1,38±0,39	1,40±0,48	0,71
Rejeição - Mãe	1,32±0,30	1,37±0,46	0,32
Suporte emocional - Pai	2,74±0,65	2,94±0,59	0,02*
Suporte emocional - Mãe	2,96±0,52	3,03±0,56	0,18
Superproteção - Pai	1,67±0,41	1,79±0,50	0,05
Superproteção - Mãe	1,77±0,42	1,85±0,50	0,09
<b>Motivação intrínseca</b>			
Rejeição - Pai	1,34±0,35	1,42±0,47	0,15
Rejeição - Mãe	1,28±0,26	1,39±0,42	0,01*
Suporte emocional - Pai	2,76±0,61	2,86±0,65	0,41
Suporte emocional - Mãe	2,96±0,53	3,01±0,54	0,53
Superproteção - Pai	1,63±0,40	1,78±0,48	0,02*
Superproteção - Mãe	1,71±0,41	1,87±0,47	0,01*

\*Diferença significativa para  $p < 0,05$

Nota: Motivação baixa  $\leq 5,00$  Motivação alta  $> 5,00$

Percebe-se que atletas com alto nível de motivação extrínseca (Tabela 2) obtiveram maiores valores de percepção de suporte emocional por parte do pai ( $p=0,02$ ). Desta forma, parece existir um reforço de que a figura paterna influencia na motivação extrínseca do atleta de beisebol. Estes achados vão ao encontro dos depoimentos dos atletas:

Meu pai me ajudava. Ele ficou no Japão, mas ele sempre apoiou e sempre conversa. Ele sempre falava para jogar [...] E ele sempre ligava todo dia praticamente. Todo final de semana me desejava um bom jogo. Sempre deu apoio para gente. (A14)

Meu pai era meu técnico [...] Era muito bom. Me incentivava mais (A10)

Quando analisada a motivação intrínseca dos atletas de beisebol (Tabela 2), atletas mais motivados intrinsecamente apresentaram maior percepção de rejeição

materna ( $p=0,01$ ), podendo identificar este resultado no depoimento dos jogadores: “Nessa época ela parou [...] Não era ruim, mas gostaria que eles assistissem os jogos.” (A10). Além disso, houve diferença significativa no estilo de superproteção do pai ( $p=0,02$ ) e da mãe ( $p=0,01$ ), evidenciando que atletas com maiores motivações intrínsecas percebem seus pais mais superprotetores.

Porque eu gosto. Com os amigos que eu tenho agora, que são melhores [...] a minha mãe sempre comigo. Meu pai também sempre ligando. (A14)

De acordo com os resultados, pode-se observar que alguns comportamentos parentais de superproteção podem ser positivos para o desenvolvimento do atleta. A tabela 3 apresenta a comparação dos níveis de satisfação atlética, considerando os níveis de motivação extrínseca e intrínseca dos atletas.

Tabela 3- Comparação das dimensões da satisfação atlética, considerando os níveis de motivação dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta.

Dimensão	Motivação		P
	Baixa $\bar{x}\pm dp$	Alta $\bar{x}\pm dp$	
<b>Motivação extrínseca</b>			
Desempenho individual	4,83±1,13	5,42±0,98	0,01*
Desempenho da equipe	5,00±1,34	5,47±1,24	0,06
Utilização da habilidade	5,30±0,89	5,72±0,97	0,01*
Estratégia	5,30±1,16	5,61±1,24	0,16
Tratamento pessoal	5,58±1,11	5,83±1,17	0,18
Treino instrução	5,30±1,21	5,65±1,22	0,12
Contribuição para tarefa	5,50±1,14	5,93±1,00	0,01*
Contribuição para social	5,37±0,91	5,66±0,95	0,03*
Ética	5,44±1,26	5,78±1,05	0,07
Integração da equipe	5,26±1,22	5,65±1,00	0,07
Dedicação pessoal	5,51±0,99	5,70±1,02	0,24
Orçamento	4,04±1,55	4,33±1,74	0,24
Equipe médica	3,33±1,82	3,79±2,03	0,08
Agentes externos	3,64±1,18	4,23±1,47	0,01*
<b>Motivação intrínseca</b>			
Desempenho individual	4,67±1,20	5,33±0,94	0,01*
Desempenho da equipe	4,92±1,43	5,38±1,21	0,04*
Utilização da habilidade	5,18±0,92	5,67±0,91	0,01*
Estratégia	5,10±1,22	5,66±1,12	0,01*
Tratamento pessoal	5,43±1,17	5,85±1,08	0,01*
Treino instrução	5,21±1,27	5,60±1,17	0,06
Contribuição para tarefa	5,34±1,21	5,90±0,95	0,01*
Contribuição para social	5,29±0,92	5,63±0,92	0,01*
Ética	5,31±1,34	5,76±1,04	0,01*
Integração da equipe	5,16±1,22	5,59±1,07	0,03*
Dedicação pessoal	5,35±0,99	5,76±0,98	0,01*
Orçamento	4,01±1,64	4,26±1,62	0,33
Equipe médica	3,17±1,88	3,76±1,90	0,02*
Agentes externos	3,55±1,31	4,10±1,29	0,01*

\*Diferença significativa para  $p < 0,05$

Nota: Motivação baixa  $\leq 5,00$  Motivação alta  $> 5,00$

Observa-se na tabela 3 que os indivíduos com maiores motivações intrínsecas e extrínsecas apresentaram maiores níveis de satisfação voltada para o Desempenho individual ( $p=0,01$ ), podendo ser visualizado no depoimento do atleta: “Hoje sim. Sinto competente em realizar qualquer tarefa dentro do beisebol.” (A1). Outra dimensão que demonstrou maior satisfação foi Utilização das habilidades ( $p=0,01$ ), identificada nas falas dos indivíduos:

Acho que antigamente a gente viajava mais para brincar, para se divertir mesmo. Depois o negócio começou a ficar mais sério. A gente queria ganhar. Visava mais a parte do esporte do que a brincadeira. (A13)

Percebe-se que os atletas deixam de praticar a modalidade pela brincadeira e utilizam suas habilidades para alcançar objetivos no contexto esportivo. A satisfação da contribuição desses atletas, tanto em ações que o grupo realiza para o desenvolvimento daquela equipe como o auxílio dos companheiros, é maior em indivíduos motivados intrinsecamente e extrinsecamente ( $p < 0,03$ ), verificando a presença das relações interpessoais (técnico e companheiros de equipe) no beisebol (Tabela 3). Estes resultados podem ser observados nas entrevistas realizadas com os campeões brasileiros, conforme relatam os depoimentos:

O beisebol eu quero estar, mesmo pela paixão, eu quero estar focado, porque sinto que tenho que dar o exemplo para os mais novos. Agora mesmo, eu tenho que dar os exemplos para os mais novos que estão começando os times de categoria. Eles têm que enxergar a importância do beisebol, não pelo esporte, mas pelo respeito. (A06)

Querer estar dentro do beisebol, dentro da associação. No caso agora eu só ajudo a dar treino, mais para frente quem sabe, quando estiver mais velho possa ser auxiliar ou técnico de alguma categoria. (A12)

Hoje são e sempre foram os mesmos. Agora que eu treino mais. Minha categoria não é adulto, mas sempre ajudei categorias acima. Mas nada pesado. Sempre são as mesmas [...] tem diferentes treinos, mas tudo tranquilo. (A14)

Além disto, a tabela 3 mostra que a satisfação pelos agentes externos são maiores em indivíduos com motivação interna ( $4,10 \pm 1,29$ ) e externa ( $4,23 \pm 1,47$ ), evidenciando que indivíduos presentes no beisebol como pais, árbitros, amigos, técnicos, coordenadores e presidentes do clube são fundamentais para o desenvolvimento do atleta na modalidade. O depoimento do entrevistado proporciona um relato mais detalhado sobre esta satisfação:

Hoje no centro de treinamento é eu, [nome], [nome 2] e [nome 3] que administra os treinos. Mas a gente tem uma retaguarda atrás da gente bem forte, como o [nome do técnico], [nome do chefe do clube] e [nome] que estão sempre acompanhando. (A01)

Ao comparar os atletas de acordo com a motivação intrínseca, se identificou também maior satisfação ( $p < 0,05$ ) nas dimensões de Desempenho da equipe ( $5,38 \pm 1,21$ ), Ética ( $5,76 \pm 1,04$ ), Tratamento pessoal ( $5,85 \pm 1,08$ ), Estratégia ( $5,66 \pm 1,12$ ), Integração da equipe ( $5,59 \pm 1,07$ ), Dedicação pessoal ( $5,76 \pm 1,04$ ) e Equipe médica ( $3,76 \pm 1,90$ ) dos atletas mais autodeterminados. Desta forma, percebe-se que atletas com maiores níveis de motivação intrínseca apresentam maiores satisfações atléticas em diversos aspectos do contexto esportivo.

### **5.3 Trajetória esportiva dos atletas de beisebol em diferentes fases do desenvolvimento**

O modelo desenvolvimental de participação esportiva de Côté (Figura 4) foi utilizado para analisar a trajetória dos atletas brasileiros de beisebol, considerando as diferentes fases do desenvolvimento. Desta maneira, a carreira dos atletas foi dividida de acordo com os anos de experimentação (6-13 anos), anos de especialização (13-15 anos) e os anos de investimento (acima dos 15 anos), evidenciando as atividades motoras que foram realizadas naquele período e as formas de satisfazer as necessidades básicas nestes contextos.

#### **5.3.1 Anos de experimentação (6-13 anos)**

No quadro 2 são apresentadas as atividades motoras e os aspectos que se mostraram intervenientes nas necessidades básicas (autonomia, competência e relações sociais) dos atletas para a prática nos anos de experimentação.

Anos de experimentação (6-13 anos)	
Atividades motoras	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Beisebol</li> <li>- Esportes coletivos</li> <li>- Esportes individuais</li> <li>- Brincadeiras infantis</li> </ul>
Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Auxílio/influência dos pais</li> <li>- Auto-organização</li> <li>- Influência dos amigos</li> <li>- Curiosidade</li> <li>- Irmão</li> </ul>
Competência	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Motivação</li> <li>- Desempenho</li> <li>- Dificuldade/facilidade física</li> <li>- Sentimento de inferioridade</li> <li>- Confiança</li> </ul>
Relações sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mãe</li> <li>- Pai</li> <li>- Amigos</li> <li>- Avô</li> <li>- Irmã(o)</li> <li>- Técnico</li> </ul>

Quadro 2. Atividades motoras e as necessidades básicas motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol nos anos de experimentação (6-13 anos).

Em relação às atividades motoras que os indivíduos realizavam neste período, pode-se identificar a presença de brincadeiras infantis (esconde-esconde, pega-pega, pipa, queimada e taco) realizadas na escola e na rua de suas residências. Além disso, percebe-se a prática de modalidades esportivas, sendo coletivas (futebol, voleibol, handebol e basquetebol) e individuais (natação e judô). Importante destacar que o esporte mais praticado nesta fase era o beisebol com uma frequência (f) de 14, seguido pelo futebol (f=10), sendo praticados em clubes e escolas esportivas. Estas atividades foram identificadas nas seguintes falas dos atletas:

Vivia na rua. [...] a gente sempre chegava da escola, eu ia empinar pipa ou a gente tinha um joguinho de futebol. Sempre era assim. Sempre uma pelada entre amigos. Acho que com uns oito anos eu comecei a jogar futebol, entrei num time mesmo. De futebol. E comecei a participar de campeonato. Na verdade minha infância foi toda de brincadeira e atividade física esportiva. (A1)

Minhas atividades físicas eram bem legais. Eu gostava bastante. Tinha bastante amigo, que eu podia brincar, compartilhar as coisas e não tinha compromisso com nada. Era sempre bacana [...] Brincadeira pega-pega, jogar bola na rua com os amigos, esconde-esconde, carrinho de rolimã, jogar pião. Essas brincadeiras. (A5)

Pode-se perceber o sentimento de gostar em praticar as atividades durante esta fase. Apesar de praticarem diversos tipos de modalidades esportivas, os atletas demonstraram que estas atividades eram feitas de forma recreativa, apresentando grandes quantidades de jogos deliberados e baixa quantidade de práticas deliberadas, como mostram os depoimentos:

Na infância, minhas atividades físicas eram mais na escola, na educação física, atividades mais recreativas, tipo futebol, queimada. Aí com 11 anos que eu comecei a jogar beisebol, a praticar. Era só uma brincadeira de criança. Sempre fazia atividades junto com meu avô. (A08)

No beisebol, a gente brincava, quando brincava, brincava de futebol e fazia às vezes. Alguns técnicos faziam durante o aquecimento, brincadeiras tipo queimada. Esse tipo de brincadeira no beisebol. Fora dele, a gente jogava taco, futebol na rua com os amigos. Mas dentro do beisebol era o futebol que a gente brincava de vez em quando e algumas recreações que os técnicos passavam. (A04)

Pode-se identificar nestas atividades algumas influências que estavam relacionadas com os aspectos de autonomia destas pessoas, evidenciando comportamentos intrínsecos (auto-organização e curiosidade) e comportamento extrínsecos (influência dos pais, amigos e irmãos). Desta forma, os depoimentos dos atletas apresentaram estas variáveis em diferentes contextos:

Meu pai já jogou na época, mas eu entrei porque meu pai queria que eu praticasse algum esporte. Já que meu pai gostava muito do beisebol, eu ia assistir, ele me matriculou neste esporte. Ai com seis, sete anos, você não dá muita importância no esporte, mas como foi indo assim, passando o tempo, comecei a gostar bastante deste esporte. (A06)

Ainda mais quando era intervalo, não tinha ninguém para organizar. A gente fazia tudo sozinho. (A03)

Outra necessidade avaliada foi a competência atlética do indivíduo, verificando aspectos positivos na prática motora como a motivação, a confiança e a

percepção de ter um desempenho satisfatório, e aspectos negativos como a limitação física e sentimento de inferioridade. Pode-se evidenciar estes aspectos relacionados à competência nos depoimentos a seguir:

Olha, naquela idade eu saía bem viu. Me saia porque tinha uma estatura boa. E a verdade é que eu me destacava bem no time. Não só no time como, acho que em 2000, 99 eu fui pra seleção do pré infantil. Primeiro rebatedor e era um dos melhorzinhos (A06)

[...] tinha coisa que era difícil, porque eu era gordinho quando era criança. Algumas das tarefas eram difíceis de fazer. (A01)

As relações sociais se apresentaram bastantes diversas nos anos de experimentação, prevalecendo a presença dos amigos (f=14), da mãe (f=10) e do pai (f=07). Além destas pessoas, outros familiares, técnicos, *personal trainer*, parente de amigos e o clube também acompanharam os atletas neste período:

Na verdade meus irmãos já jogava, meu pai me levou e eu comecei a jogar (A10)

Minha família. Eles me incentivavam a continuar sempre, me levavam nos treinos [...] eles me incentivavam a continuar jogando. [...] meus amigos também. Eles sempre me ajudavam. Sempre que precisava eles ajudavam, ensinava a gente fazer direito. (A09)

De acordo com os depoimentos, percebe-se a influência da família ao iniciar uma atividade motora neste período, onde muitas vezes a criança começa a praticar um esporte devido às experiências anteriores vividas pelos pais, irmãos e avôs. Além disto, identifica-se a valorização de outras crianças que fazem parte do contexto em que se vive, evidenciando a importância da amizade de crianças da mesma idade neste período.

### 5.3.2 Anos de especialização (13-15 anos)

O quadro 3 apresenta as atividades praticadas e os aspectos das necessidades básicas motivacionais (autonomia, competência e relações internacionais) dos atletas brasileiros de beisebol nos anos de especialização.

<b>Anos de especialização (13-15 anos)</b>	
Atividades motoras	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Beisebol</li> <li>- Esportes coletivos</li> <li>- Esportes individuais</li> <li>- Aulas de educação física</li> <li>- Brincadeiras de rua</li> </ul>
Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Autossuficiente</li> <li>- Auto-organização</li> <li>- Influência externa</li> </ul>
Competência	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bom rendimento</li> <li>- Destaque</li> <li>- Esforço</li> <li>- Experiência</li> <li>- Ajudar a equipe</li> </ul>
Relações sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amigos</li> <li>- Mãe</li> <li>- Pai</li> <li>- Técnico</li> <li>- Avô</li> <li>- Clube</li> </ul>

Quadro 3. Atividades motoras e as necessidades básicas motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol nos anos de especialização (13-15 anos).

Nos anos de especialização, pode-se identificar que a prática do beisebol permaneceu na vida dos atletas, possibilitando evidenciar mudanças na frequência dos treinos, campeonatos e nos tipos de exercícios que realizavam nos treinamentos. Além disso, percebe-se um equilíbrio nos jogos deliberados que eram realizados nos anos anteriores (pega-pega, pião, taco), e as práticas deliberadas, aumentando a participação em treinamentos esportivos. Os depoimentos dos indivíduos demonstram a diminuição no envolvimento de algumas brincadeiras e o aumento das práticas deliberadas e da quantidade de treinos:

Nesta época, eu já jogava mais beisebol. Parei com as brincadeiras de rua, essas coisas. E gostava de jogar e continuava a jogar futebol [...] Futebol passou a ser mais estabelecimento fechado. E o beisebol aumentou com frequência os treinos [...] era quatro vezes por semana e era puxado. Era bem legal. (A05)

Mudaram. Porque depois dos 13 os treinos começaram a ficar mais puxado [...] A gente corria bastante, fazia abdominal essas coisas. A gente pegava bastante, só que eu não gostava. Porque era pesado e eu era meio folgado. Gostava mais de correr que fazer exercício. (A11)

Ao avaliar a autonomia dos atletas, os mesmos demonstraram um aumento de comportamentos internos, verificando a organização dos próprios indivíduos nos treinamentos durante a semana, indo aos treinos por conta própria, além de praticar as modalidades por gostar daquelas atividades. Entretanto, alguns sujeitos ainda apresentam influências dos agentes externos em suas decisões. Sendo assim, as entrevistas demonstram estes comportamentos autônomos, como mostram nas falas:

Sim. Dava meu jeito para treinar, dava meus pulos, depois dessa idade, mais ou menos entre os 14, 15, já treinava de bicicleta, fazia minhas coisas. Minha mãe já não. Assim, eles criaram sempre a gente a vontade. Quando precisava dar um puxão de orelha [...] a gente sempre partia com nossa própria iniciativa. (A07)

Os meus pais me ajudaram neste tempo. Eles me ajudaram mais no beisebol. Eles falavam “Poxa, vá no treino. Faça tudo certinho, ouve o que os técnicos falam, não retruca”. E no futsal e no handebol era mais com a galera da escola. Os professores de educação física falavam para eu ir. (A12)

Os depoimentos demonstraram que apesar de terem ajuda dos pais nesta idade, quando precisavam realizar as tarefas sozinhas, estes o faziam devido ao suporte autônomo parental. A percepção de competência dos atletas de beisebol estava relacionada com o rendimento (f=06), seus destaques (f=02), os esforços que faziam nos treinos e campeonatos (f=02), experiência (f=02) e o auxílio que era dado para os companheiros de equipe (f=02), observando a importância do indivíduo para o clube que atuava, como mostram os depoimentos:

Com 15 anos eu peguei a seleção que foi disputar *Boys League* lá nos EUA. Era primeira vez que tinha ido a uma seleção de verdade. Lá o resultado foi muito bom para mim. Eu apareci no cenário do beisebol brasileiro. Joguei bem lá de *Catcher*, bati *Home run* e tudo [...] Eu me sentia bem. Nessa época já me sentia competente já. (A01)

No futebol eu não tinha muito talento, muita visão de jogo e eu percebi isso na hora, mas mesmo assim eu continuava. No beisebol, já pela experiência, já tinha muita mais visão de jogo. Tinha visão de tudo, já antecipava jogadas. Então eu já que fiquei mais maduro. Mais responsável das coisas assim. Já pelo futebol, já fiquei muito pouco tempo e que não estava dando muito certo. (A06)

Eu era bom. Eu tentava ajudar o máximo possível meu time. (A10)

O sentimento de pertencimento e importância para uma equipe foi fundamental para a percepção de competência do indivíduo. Quando retratado sobre as pessoas que estavam envolvidas nas atividades desses indivíduos, nota-se a permanência dos amigos (f=13), mães (f=12), pais (f=08) e um aumento na participação do técnico (f=06) na carreira destes atletas, proporcionando auxílio financeiro, melhora no desempenho e motivação no contexto esportivo. A importância destas relações sociais pode ser evidenciada nas falas:

Meus pais me influenciaram, me deram apoio e tudo. Mais quem me ajudou, eu falo financeiramente no caso da época. Também quem me incentivou bastante foi o [nome], meu treinador. Dai vem o [nome] que era o chefe. Eles foram que me influenciaram e me ajudaram sempre. Na verdade eu devo muito a eles [...] Eu na época, eu comecei a trabalhar com o [treinador] na gaiola. Eu comecei a ajudar ele. Porque assim, eu saía da escola meio dia, almoçava e começava a treinar as duas. Dai o [treinador] precisava de alguém pra ajudar ele lá. Porque ele era sozinho na época. Ai o chefe do clube no caso [...] deu oportunidade de eu poder trabalhar. Ai eu não precisava pagar minhas refeições e também ganhava um dinheirinho [...] E foi isso aí. Isso aí que me ajudou pra caramba, porque eu não ficava mais na rua. Eu ficava 100% no beisebol. E como eu gostava, como eu já ficava o dia inteiro e o [treinador] tinha que mandar eu embora às vezes, porque eu ficava enchendo o saco. Então tive a oportunidade de poder ajudar. (A02)

Nesse tempo eu sempre tive ajuda do [companheiro de equipe], fora a associação, [nome], que era técnico de [cidade] de outra categoria. Eles me ajudavam muito [...] Foram que mais me ajudaram (associação), que de lá eu precisava de alguma coisa, eles distribuíam para mim. Estava sem chuteira, eles arranjavam chuteira ou outros materiais de beisebol. Meus pais já se afastaram um pouco. Eu estava ficando velho, estava ficando um pouco mais independente. Só quem estava mais era minha mãe. Ela me ajudava ainda, com dinheiro, ou de alguma coisa que precisasse [...] pois é sempre bom ter a sua mãe e seu pai do seu lado te ajudando. Bem melhor do que estar sozinho. (A12)

De acordo com os depoimentos, percebe-se a participação ativa do clube (associação), proporcionando o melhor ambiente (entrega de materiais, refeição, oferecendo empregos e ajuda de custo) para que estes indivíduos continuassem a praticar o beisebol. Atualmente, alguns atletas ainda trabalham com o chefe do clube no ambiente do beisebol e em outras empresas, inserindo-os no mercado de trabalho.

### 5.3.3 Anos de investimento (acima de 15 anos)

Para interpretar os anos de investimento dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta, o quadro 04 demonstra as atividades motoras realizadas nesta fase e os aspectos das necessidades básicas motivacionais em relação a estes esportes.

<b>Anos de investimento (acima de 15 anos)</b>	
Esportes	- Beisebol - Futebol - Tênis
Autonomia	- Autossuficiente - Agentes externos - Auto-organização
Competência	- Esforço - Realizar bem as tarefas - Rendimento - Seleções
Relações sociais	- Amigos - Mãe - Pai - Parentes - Técnico - Clube

Quadro 4. Esportes e as necessidades básicas motivacionais dos atletas brasileiros de beisebol nos anos de investimento (acima dos 15 anos).

De acordo com o quadro 4, percebe-se que houve uma especificação das modalidades praticadas pelos indivíduos, identificando a ausência das brincadeiras de rua apresentadas nas fases anteriores e a prática do beisebol de forma sistematizada, tendo o futebol e o tênis como esportes recreativos. Estes dados demonstram que existe a possibilidade de praticar o beisebol com grandes quantidades de práticas deliberadas juntamente com outros esportes jogados deliberadamente nestes anos. Entretanto, a vida nesta fase da carreira possui algumas dificuldades encontradas nos depoimentos:

Eu treinei três anos em Ibiúna forte. Como eu falei pra você, quatro dias em Ibiúna e final de semana no clube [...] Então eu ia pra escola, voltava, treinava até as seis, ia pra aula de inglês, outra aula de japonês. Meu dia era assim durante a semana. E final de semana eu voltava, mas era corrido, porque eu ia treinar ou ia para o campeonato e já tinha que voltar pra Ibiúna, porque segunda tinha aula. E aí foi bem difícil aceitar. (A02)

Ficou mais puxado. Futebol não. Sempre foi mais brincadeira, mas no beisebol começou a puxar mais [...] Teve uma época que diferenciou. Normalmente era dois dias na semana e dois final de semana. Mas teve uma época que a gente chegou a treinar seis dias por semana, que ia com o pessoal na gaiola para treinar a gente. (A03)

Ao chegar nesta fase da carreira esportiva, a autonomia dos atletas de beisebol estava voltada para os próprios indivíduos (f=09), com a organização dos treinos e campeonatos pelos atletas da equipe (f=03) e a participação dos agentes externos (f=03). Desta maneira, as falas dos atletas demonstraram independência e bem-estar em jogar a modalidade:

É uma coisa que eu já tinha começado e sempre gostei. Sempre me senti bem em fazer isso [...] Me satisfaz fazer este esporte. (A05)

A gente sempre tinha uma amizade do pessoal aqui de Atibaia. [...] Inclusive é o time que a gente tem ali que a gente ganhou vários títulos junto [...] A gente sempre está ali, cobrando um do outro 'vamos treinar, vamos treinar'. Mesmo que não der para um ir, a gente vai lá, pede para ir, dá um jeito. Mas acho que nessa idade, a amizade conta muito. (A07)

Foi possível evidenciar que a permanência do atleta em uma modalidade aumenta a autonomia, verificando a facilidade de praticá-la sem ajuda de outras pessoas. Ao avaliar a competência dos atletas nesta etapa de desenvolvimento esportivo, percebe-se que o esforço (f=07), a realização das tarefas (f=06), o rendimento (f=04) e as experiências nas seleções brasileiras (f=03) são fatores que ajudam nesta necessidade motivacional do atleta, como mostram as falas dos sujeitos:

Assim, eu tinha um talento, mas ao mesmo tempo eu era muito esforçado. Então, acho que me levou a conseguir assinar o contrato de novo, que era difícil pegar, era por ser esforçado. Eles viram que eu queria realmente. Então isso foi legal. Eles me deram oportunidade e eu acabei indo pra Venezuela. (A02)

Que a gente vai porque gosta e se dedica para fazer bem feito. Não que vá para brincar, tem uma certa responsabilidade [...] Inclusive com 17 para 18, eu cheguei a jogar no Marines, mais ou menos dois meses lá. Mas também não deu certo. Pra mim, nessa idade foi a que mais aproveitei mesmo. Tive as oportunidades que tive, acho que aproveitei todas. (A07)

Na fase de investimento, os amigos (f=12) prevalecem como pessoas importantes nos relacionamentos sociais, seguida da mãe (f=09), pais (f=05),

parentes (f=04), técnicos (f=03) e do clube (f=03). Entretanto, parece que a relação com os amigos é um dos fatores mais importantes para a permanência na prática do beisebol, verificando que os pais possuem outras influências e os técnicos (muitas vezes sendo os próprios atletas) não são tão participativos nesta etapa, como demonstram os jogadores nos depoimentos:

Agora eu jogo muito por mim mesmo. Por gostar de jogar, pelos amigos que tenho. Meu irmão mais velho parou de jogar, meu irmão mais novo começou a jogar e está muito bem. Ele está fora do Brasil. ele joga muito. Todos os jogos a gente joga pelos amigos e para estar ganhando. (A04)

O [Nome]. Ele me ajudou muito a crescer. Ele era *catcher* também, ele me treinou como *catcher* e ele queria que eu fosse substituto dele. Me treinou e com 18 anos já era capaz de assumir o lugar dele, que ele queria aposentar [...] Nessa época eu comecei a ajudar no centro de treinamento. Ensinava os moleques menores. Categorias de base. Nessa época minha relação com o pessoal do beisebol cresceu bastante. (A01)

Nota-se a importância dos agentes externos no contexto do beisebol, demonstrando que companheiros da equipe ajudam os jogadores mais novos para que assumam seus postos futuramente. Outro fator fundamental é a presença da família no contexto esportivo, observando sua colaboração de forma financeira, presencial nos eventos e fazendo parte da equipe como anotadores, técnicos, *managers* e muitas vezes, trabalhando como cozinheiras nos campeonatos e torneios.

#### **5.4 Correlação dos níveis de estilos parentais e satisfação atlética com a motivação**

A tabela 4 apresentou a correlação entre os estilos parentais e a satisfação atlética de acordo com a motivação dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta, buscando identificar a relação do *continuum* da autodeterminação com o comportamento parental e a satisfação das necessidades atléticas.

Tabela 4 - Correlação dos níveis motivacionais e satisfação atlética dos atletas brasileiros de beisebol da categoria adulta.

<b>Satisfação atlética</b>	Desmotivação	Reg. Externa	Introejecção	Identificação	Atingir objetivos	Exp. Estimulantes	Conhecer
Desempenho individual	-0,15	0,22	0,13	0,18	0,33*	0,20	0,34*
Desempenho da equipe	-0,05	0,15	0,17	0,10	0,13	0,13	0,19
Utilização da habilidade	-0,15	0,11	0,17	0,13	0,20	0,28	0,25
Estratégia	-0,09	0,08	0,12	0,12	0,14	0,15	0,21
Tratamento pessoal	-0,11	0,07	0,09	0,12	0,13	0,17	0,18
Treino-instrução	-0,07	0,04	0,09	0,09	0,10	0,14	0,15
Contribuição para tarefa	-0,07	0,08	0,19	0,16	0,22	0,19	0,24
Contribuição para social	-0,09	0,07	0,12	0,07	0,13	0,20	0,21
Ética	-0,02	0,06	0,17	0,15	0,19	0,13	0,25
Integração da equipe	-0,01	0,13	0,20	0,14	0,21	0,13	0,23

\*Correlações significativa para  $p < 0,05$

Observa-se na tabela 4 que houve correlação positiva entre a motivação intrínseca para atingir objetivos e a satisfação atlética relacionada ao desempenho individual ( $r=0,33$ ). Além disto, a motivação intrínseca para conhecer apresentou correlação positiva ( $r=0,34$ ) com a satisfação atlética também voltada ao desempenho individual. Ao correlacionar os níveis motivacionais dos atletas com a percepção dos estilos parental, não houveram correlações significativas entre as variáveis ( $p > 0,05$ ).

# 6 DISCUSSÕES

---

---

Buscando entender a relação dos resultados encontrados no presente estudo com a literatura acerca da temática foi utilizada a teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 1985) e o modelo desenvolvimental de participação esportiva (CÔTÈ, 1999) para nortear as discussões. Ao levar em consideração os objetivos propostos, a discussão foi dividida em tópicos.

## **6.1 Motivação, percepção de suporte parental e satisfação atlética dos atletas de beisebol**

A motivação de um indivíduo está relacionada à satisfação de três necessidades básicas: autonomia, competência e as relações sociais. Conforme verificado nos resultados do presente estudo, os atletas brasileiros de beisebol apresentaram maiores motivações intrínsecas para a prática da modalidade (Figura 6). Estes achados estão de acordo com a hipótese 1 do presente estudo, seguindo o *continuum* da autodeterminação proposto por Deci e Ryan (1985). Desta maneira, percebe-se que os praticantes de beisebol jogam por prazer e divertimento, procurando experiências no esporte que estimulam suas práticas. Estas experiências aparecem na busca de aperfeiçoamento de treinamento no âmbito universitário, melhora nos rendimentos para obter bons resultados em campeonatos nacionais e internacionais, reconhecimento como atleta destaque pela comunidade em que vive e se relacionar com outros indivíduos que praticam a mesma modalidade. O prazer de jogar beisebol está voltado à procura por melhores resultados, reconhecimento e boas relações sociais no meio em que vive.

Estes dados vão ao encontro com os estudos realizados por García-mas et al. (2010), mostrando a prevalência da motivação intrínseca em atletas de futebol. Além disto, os resultados apresentados por Jõesaar, Hein e Hagger (2012) mostraram que a motivação autodeterminada está relacionada com o envolvimento do atleta para a tarefa e as necessidades básicas motivacionais.

Segundo a teoria da autodeterminação, o conteúdo de metas explica as aspirações intrínsecas ou objetivos na vida que incluem crescimento pessoal, fazendo com que o indivíduo procure aprimorar seus conhecimentos para atingir determinadas metas (DECI; RYAN, 2012). Ao se referir às relações interpessoais, estas são relacionadas à proximidade das pessoas, ao carinho, preocupar-se com o próximo e confiança, tendo a necessidade de pertencer e ser importante para alguém (DECI; RYAN, 2002).

Ao analisar os estilos parentais de acordo com a percepção dos indivíduos (Tabela 1), pode-se identificar maiores valores no estilo de suporte emocional. Estes resultados vão ao encontro com a hipótese 1, caracterizada pelo suporte de problemas independentes, envolvendo seu filho nas discussões e dando opções de resolução sem interferir no julgamento. Desta maneira, os pais possuem diferentes funções no contexto do beisebol como anotadores, técnicos, cozinheiras, torcedores, dirigentes financeiros e *managers*, fazendo sua contribuição à equipe durante a temporada. Grolnick (2003) relaciona este comportamento parental com a motivação autodeterminada, demonstrando que o envolvimento dos pais no contexto esportivo, leva o atleta a estar mais motivado intrinsecamente.

Estudos realizados por Holt et al. (2009) e Torregrosa et al. (2007), evidenciaram que crianças de famílias que oferecem suporte autônomo apresentam maiores motivações intrínsecas, obtendo comunicações abertas e bidirecionais (conversar com iniciativa de ambos). Pais com conhecimento dos problemas dos filhos e capacidade de dialogar no momento adequado diminuem a probabilidade de abandono do esporte.

Ao comparar os estilos parentais entre os pais, percebeu-se que as mães apresentaram mais estilos de suporte emocional e superproteção. Nas entrevistas, o suporte materno é evidenciado nas categorias menores, onde as mães viajavam com seus filhos em campeonatos para cuidá-los nos alojamentos. Em relação à superproteção, percebeu-se cobranças por resultados, preocupando-se com o futuro da carreira esportiva destes sujeitos.

Em relação ao estilo de suporte emocional, estes achados podem ser relacionados com estudos feitos por Holt et al. (2009), observando que algumas famílias apresentam estilos parentais mistos (diferentes comportamentos entre os pais) e as mães mostram comportamentos controladores e suporte emocional em momentos distintos. Outras pesquisas corroboram com os resultados, mostrando

que as mães se percebem mais ativas no envolvimento das atividades esportivas de seus filhos e no beisebol brasileiro são consideradas grandes acolhedoras (RUBIO, 2000; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004).

Outra comparação apresentada (Tabela 1) foi o estilo de rejeição mais destacado por parte do pai, mostrando maior ausência e papéis menos significativos no contexto do beisebol adulto. As características da figura paterna neste contexto esportivo muitas vezes eram realizadas por outros familiares como tios, avôs, pais de outros atletas, técnicos e dirigentes, observando que agentes externos muitas vezes davam mais os suportes emocionais que os próprios pais nas diferentes fases da carreira. Mckeering e Pakenham (2000) observaram que pais possuem menores envolvimento nas atividades de seus filhos ao comparar com as mães, comportamento explicado devido à participação paterna ser mais “atuante” e a materna mais psicológica.

A satisfação atlética é uma das características que leva o indivíduo a ser motivado intrinsecamente, expressando formas mais autodeterminadas de regulação (DECI; RYAN, 1985). A figura 7 analisa os níveis das dimensões desta variável, observando maiores valores na dedicação pessoal, tratamento pessoal e contribuição para as tarefas. Sendo assim, tanto as contribuições para a equipe, como a percepção da participação dos técnicos e companheiros que o afetam diretamente mostram ser benéficas para o desenvolvimento do time durante os jogos. O bom relacionamento entre atleta-técnico e atleta-atletas é fundamental no beisebol, observando coesão no esporte e nos aspectos sociais e algumas vezes ajudas financeiras e empregatícias.

Segundo Burns et al. (2012), a satisfação do indivíduo não está relacionada somente com o ambiente, mas é determinada também pelas diferenças individuais, dependendo da sua identidade atlética e de cada experiência vivida ao longo da carreira. Loughhead e Carron (2004) observaram que a coesão positiva entre os sujeitos presentes em um determinado contexto está positivamente ligada com a satisfação, observando que os comportamentos e as tarefas adequadas realizadas pelo técnico e o grupo podem satisfazer o atleta daquela modalidade.

Foi evidenciada nas entrevistas a importância dos amigos, técnicos e companheiros. Em contrapartida, outros agentes externos presentes no beisebol (árbitros, mídia e torcida), equipe médica e o orçamento apresentaram baixos níveis de satisfação, confirmando parcialmente a hipótese 1 do estudo. De acordo com a

observação de campo no âmbito brasileiro, estes dados podem ser explicado devido à falta de incentivo ao esporte, falta de conhecimento e desinteresse da sociedade e o despreparo dos árbitros, exigindo a presença de árbitros federados somente em campeonatos oficiais. Contrariamente, Peter (2011) relata a presença de pais, parentes, amigos, vizinhos e torcedores do beisebol em partidas das categorias de base em outro contexto. Além disso, não há equipe médica nos times e em muitas equipes, os atletas devem se sustentar financeiramente para continuarem a praticar o esporte. Segundo Rubio (2000), o beisebol brasileiro conta com a participação da família, fazendo parte do clube e dos diversos papéis na modalidade (técnicos, anotadoras, árbitros e torcida).

## **6.2 Estilo parental e satisfação atlética de acordo com a motivação**

Os comportamentos parentais influenciam na motivação dos filhos. O suporte adequado nas atividades praticadas pela criança promove a satisfação e alegria do indivíduo em praticar uma modalidade esportiva (GROLNICK, 2003). Na tabela 2, os estilos parentais e a satisfação atlética dos jogadores de beisebol são apresentados de acordo com o *continuum* da autodeterminação, buscando verificar a relação das variáveis psicológicas entre atletas mais e menos motivados.

Pode-se verificar que atletas mais motivados extrinsecamente obtiveram maior suporte emocional do pai, não confirmando a hipótese 2 da pesquisa. A participação parental, apesar de adequada como foi visto nos dados anteriores, motiva o indivíduo de forma controladora, iniciando o beisebol muitas vezes por causa dos pais (na maioria descendente de japoneses), que jogavam na sua infância. Outro fator controlador, observado nas entrevistas, é a percepção dos atletas nos esforços feitos pelos pais em participar e ajudar no contexto esportivo (como técnicos, auxiliares e *managers*), observando a necessidade de continuar na modalidade para evitar o descontentamento dos adultos. Apesar disso, percebe-se boas relações entre pais e filhos, identificando o reconhecimento dos filhos pelos esforços dos familiares. Segundo a teoria da autodeterminação, os níveis de regulação externa alto ocorrem quando atletas se sentem competentes suficientes para jogar e possuem boas relações com seus pais - relações interpessoais (DECI; RYAN, 2002).

Vlachopoulos e Karageorghis (2005) citam a importância da motivação extrínseca e motivação intrínseca, podendo promover prazer no indivíduo ao praticar determinada atividade. Em oposição a estes resultados, Bernier, Whipple e Carlson (2010) verificaram que o suporte autônomo é um forte preditor no funcionamento executivo, tendo um papel importante no desenvolvimento das capacidades de autorregulação do sujeito.

Ao analisar os estilos parentais de acordo com a motivação intrínseca, observou-se na tabela 2 que indivíduos mais motivados tiveram maiores percepções de rejeição materna, demonstrando que alguns comportamentos maternos na fase adulta não são relevantes na motivação do atleta de beisebol. Estes resultados não estão de acordo com a hipótese 2 proposta pelo estudo, percebendo que os praticantes da modalidade, principalmente na fase adulta, se revelam autônomos para a prática, mostrando-se autodeterminados e não precisando da presença materna, que em alguns casos se ausentam por necessidade de trabalho ou por estarem ajudando outras categorias do beisebol. Estes achados vão de encontro com estudos que apresentam a importância da participação da mãe no contexto esportivo. Torregrosa et al. (2007) demonstraram que a participação, apoio e compreensão dos pais favorecem o comprometimento e a diversão dos filhos no contexto esportivo.

Outra diferença apresentada entre a motivação dos jogadores de beisebol foi a superproteção parental, evidenciando níveis maiores de superproteção dos pais em atletas mais motivados intrinsecamente. Percebe-se na tabela 2 que quanto maior a motivação autodeterminada do indivíduo, alguns comportamentos dos pais apresentam mais superproteção, demonstrando preocupações com os filhos e exigências de rendimento no contexto esportivo. Segundo Gurland e Grolnick (2005), o controle dos pais no início da prática está associado com a realização de metas da criança, suportando a motivação ao longo do tempo. Outras pesquisas apresentam resultados distintos, observando que a superproteção por parte dos pais influencia de forma negativa seus filhos. Knight, Boden e Holt (2010) e Knight, Neely e Holt (2011) indicaram que os atletas preferiam pais com comportamento de suporte emocional, evitando conselhos técnicos e táticos, respeitando as normas do esporte e promovendo *feedback* após as partidas.

Na tabela 3, pode-se identificar a satisfação atlética de acordo com a motivação dos atletas de beisebol, observando que nas dimensões desempenho

individual, utilização das habilidades, contribuição para a tarefa e social, agentes externos foram maiores nos mais motivados, tanto externamente como internamente. Com o passar dos anos, há um melhoramento técnico e tático, acarretando percepções de competência positivas entre os atletas. Ainda, alguns são exemplos para outras pessoas mais novas, promovendo responsabilidade, respeito e paixão pelo esporte. A presença do técnico e da associação é fundamental para a satisfação da equipe, pois existe um acompanhamento dos treinamentos e dos trabalhos solidários na comunidade, mostrando a preocupação do desenvolvimento no esporte.

A satisfação do atleta com suas habilidades e a forma como é utilizada no contexto esportivo, está relacionada com a percepção de competência do indivíduo em realizar bem as tarefas propostas, influenciando a orientação motivacional (DECI; RYAN, 2012). Além disso, as relações sociais em comparação com as outras necessidades para a motivação intrínseca são primordiais para a promoção da internalização do indivíduo para a atividade (DECI; RYAN, 2002). Estudos feitos por Blanchard et al. (2007) demonstraram que a satisfação das necessidades psicológicas tiveram relações positivas com o desempenho da equipe e do indivíduo durante as partidas. Outra pesquisa realizada por Standage, Duda e Ntoumanis (2005), percebeu que participantes esportivos mantiveram resultados cognitivos e afetivos positivos, indicando satisfação das necessidades psicológicas básicas, apesar de apresentarem motivação extrínseca.

Em relação à motivação intrínseca, identificou-se (tabela 3) que atletas com foco mais interno, apresentam maior satisfação nas dimensões desempenho da equipe, ética, tratamento pessoal, estratégia, integração da equipe, dedicação pessoal e equipe médica. Estes resultados evidenciam que atletas autodeterminados possuem satisfações em diversos aspectos do contexto esportivo, confirmando a hipótese 2 do estudo. O prazer pela prática do beisebol demonstra a alegria do sujeito em realizar estas tarefas, não se importando com os problemas encontrados naquele meio. Todos os fatores da satisfação atlética envolvem o indivíduo e suas relações interpessoais, demonstrando que boas relações, principalmente com pais, técnicos e companheiros de equipe, levam à felicidade em praticar o beisebol.

De acordo com a teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 1985), indivíduos que realizam atividades pelo prazer, bem-estar e felicidade demonstram motivações

intrínsecas, destacando que o meio externo influencia na permanência destes no contexto. Segundo Edmund, Ntoumanis e Duda (2007), a satisfação das necessidades motivacionais está relacionada diretamente com regulações autodeterminadas, verificando que atletas com melhores relações sociais apresentam maior aderência e dedicação para a modalidade.

### **6.3 Trajetória esportiva dos atletas de beisebol em diferentes fases do desenvolvimento**

O desenvolvimento esportivo de um atleta deve ser trabalhado adequadamente, preocupando-se com os tipos de atividades motoras, a motivação e os aspectos afetivos e físicos (CÔTE; FRASER-THOMAS, 2007). Desta maneira, o modelo desenvolvimental de participação esportiva (CÔTÈ, 1999) utilizado no presente estudo, apresenta a carreira do atleta em três fases: anos de experimentação (6-13 anos), anos de especialização (13-15 anos) e os anos de investimento (acima dos 15 anos).

#### **6.3.1 Anos de experimentação (06-13 anos)**

No período de experimentação foram observadas as diferentes atividades motoras que eram praticadas e quais as formas de autonomia, competência e relações sociais apresentadas nos contextos (Quadro 02). Percebeu-se uma variedade de brincadeiras e esportes praticados pelas crianças na escola, na rua de casa e em clubes. Em relação às necessidades psicológicas básicas, foram evidenciados comportamentos internos e influências dos agentes externos.

Sobre as atividades motoras, identificou-se diversos jogos deliberados, tanto nas brincadeiras infantis (queimada, taco e pega-pega) como nos esportes (futebol e voleibol), sendo praticados de forma não sistematizada. As brincadeiras eram realizadas todos os dias com os amigos, tanto na escola como na rua de suas residências, sem mostrar preocupação com o resultado ou desempenho. Os esportes eram praticados em escolas e clubes, observando que no início havia influência dos pais e amigos. De acordo com o modelo de Côtè (1999), crianças até

a idade de 13 anos devem fazer grandes quantidades de jogos deliberados para desenvolver suas habilidades motoras, não tendo a necessidade das práticas deliberadas (CÔTÈ et al., 2010). Além disto, participar de vários tipos de atividades físicas promove envolvimento destes ao longo da vida, experiências mais agradáveis no contexto esportivo e auxiliam no aperfeiçoamento das diferentes habilidades - chutar, lançar, quicar, correr (STRACHAN; CÔTÈ; DEAKIN, 2009).

Estudos realizados por Wall e Côtè (2007) observaram atletas e ex-atletas de hóquei, concluindo que os desistentes tiveram grande quantidade de práticas deliberadas na fase de experimentação. Desta maneira, o desenvolvimento positivo da criança ocorrerá se tiverem a intenção de formar não somente atletas, mas indivíduos saudáveis (STRACHAN; CÔTÈ; DEAKIN, 2011).

Ao observar a autonomia dos atletas, verificou-se nas entrevistas que os comportamentos internos e externos do sujeito são influenciados por adultos para o início da prática esportiva. Muitas crianças começaram o beisebol por causa dos pais, irmãos, tios e avôs, sendo muitas vezes influenciados a irem aos treinos e campeonatos por estas serem significativas no contexto familiar. Alguns clubes possuem convênios com a prefeitura para apresentar e convidar os alunos de colégios públicos a participar dos treinamentos. Desta maneira, muitos atletas da categoria adulta estudavam nessas escolas, iniciando o beisebol por interesse próprio.

Quando as atividades físicas são realizadas sem serem impostas, observa-se participação autônoma da criança (GURLAND; GLOWACKY, 2011). Estudo realizado por Keegan et al. (2009) demonstrou a influência dos agentes externos (pais, técnicos e pares) na motivação e nas escolhas das crianças desta fase, identificando a autonomia do indivíduo influenciada pelo contexto.

A competência atlética foi avaliada nesta fase, verificando aspectos positivos e negativos para a prática destas atividades motoras. De acordo com as entrevistas feitas, alguns atletas acreditavam que suas habilidades não eram melhores por estarem acima do peso e por não terem interesse em alguns exercícios. Em contrapartida, outras crianças acreditavam ser as melhores de suas equipes por defender e rebater nas posições consideradas mais importantes e por terem passagens na seleção brasileira. Pesquisa feita por Blanchard et al. (2007) mostram que a percepção das características pessoais e o desempenho da equipe estão ligadas com o sentimento de competência dos atletas. Em contrapartida, *feedbacks*

negativos podem interferir na percepção de competência, ocorrendo decréscimo desta necessidade psicológica (MOURATIDIS et al., 2008).

Quanto às relações sociais, nota-se a presença dos amigos, pais e familiares e o técnico nas práticas motoras, evidenciando a importância destas pessoas no contexto dos atletas. De acordo com a entrevista feita com os campeões brasileiros, os amigos estavam presentes em todas as práticas realizadas, aparecendo o companheirismo nas escolas, ruas e clubes. Pais, familiares e técnicos se mostraram mais ativos no contexto do beisebol, incentivando o indivíduo na prática desta modalidade.

Para Ryan e Deci (2000), a principal razão das pessoas realizarem uma determinada atividade é por serem avaliadas por outros sujeitos relevantes, querendo se sentir conectadas de alguma forma. Pesquisas tem identificado que crianças reguladas pela introjecção, indicam permanência no contexto para obter aprovação dos pares e melhorar sua autoestima (GILLISON et al., 2008). Além disso, Amorose, Anderson-Butcher (2007), Gillet et al. (2010) e Adie, Duda e Ntoumanis (2008) demonstraram a importância da participação adequada do técnico na vida do atleta, promovendo autonomia e facilitando a motivação autodeterminada.

### 6.3.2 Anos de especialização (13-15 anos)

A próxima fase da carreira esportiva de um atleta está presente nos anos de especialização, diminuindo as brincadeiras e aumentando os tipos de treinamentos sistematizados. O quadro 3 demonstra os tipos de atividades e os aspectos das necessidades psicológicas básicas dos atletas neste período.

Ao identificar as atividades motoras realizadas nesta fase, evidenciou-se um equilíbrio nas práticas e nos jogos deliberados, identificando um aumento na frequência dos treinamentos de beisebol e tarefas mais sistematizadas. Com o aumento das durações e das frequências de treinamento no beisebol, as brincadeiras e outros esportes eram realizados com menos constância, principalmente pela preocupação de lesões que poderiam prejudicar nos campeonatos. Além disto, os exercícios feitos nos treinos estavam voltados para resistência e fortalecimento do atleta com maior complexidade nas jogadas técnicas e táticas.

Segundo o modelo desenvolvimental de participação esportiva nessa fase, o atleta diminui o envolvimento em atividades extracurriculares e foca na prática de poucas modalidades esportivas. Apesar do divertimento e a alegria ainda ser elementos centrais das experiências, o desenvolvimento das habilidades emergentes tem importância para o envolvimento do indivíduo no esporte (CÔTÈ, 1999). Fraser-Thomas, Côtè e Deakin (2008) citam que a especialização nesta idade pode levar a um menor índice de desistências e melhorar o comprometimento prolongado, sendo importante a passagem de diversas atividades motoras nas idades iniciais. Outra pesquisa demonstra que a participação em diversos esportes na fase anterior promove oportunidades de desenvolvimento positivo, experiências produtivas e bons relacionamentos com os pares nos anos de especialização (STRACHAN; CÔTÈ; DEAKING, 2009).

De acordo com os resultados obtidos, a autonomia dos atletas neste período da carreira esportiva é organizada de forma mais interna, evidenciando decisões de auto-organização com poucas influências externas. Sendo assim, decisões em optar a praticar uma determinada modalidade, ir aos treinos por conta própria e fazer exercícios extras em casa, foram fatores autônomos observados nessa idade. Algumas escolhas demonstraram maiores dedicações e sacrifícios dos atletas para o melhor desempenho no beisebol, como morar em lugares (centros de treinamento) com costumes diferentes ou deixar de sair com os amigos para treinar no dia seguinte.

Percebe-se que a autonomia do sujeito está ligada diretamente com a motivação autodeterminada, demonstrando buscar objetivos, conhecimento e outras atividades estimulantes (PELLETIER; VALLERAND; SARRAZIN, 2007). Alguns estudos vão ao encontro dos achados, identificando que as pessoas normalmente desenvolvem mais o senso de autonomia e bem estar psicológico ao longo da vida (SHELDON; HOUSER-MARKO; KASSER, 2006). Para Fernandes e Vasconcelos-raposo (2005), a aprendizagem de corresponder às exigências do meio de forma apropriada pode integrá-las como pertence ao sujeito, aumentando os níveis de autonomia para execução das tarefas esportivas.

Quando retratada a competência atlética na fase de especialização, a percepção do desempenho na modalidade se evidenciou como fator importante, tendo títulos, prêmios, destaques e experiências como fatores intervenientes na satisfação atlética, confirmando a hipótese 3, onde estas variáveis influenciam na

trajetória esportiva. Muitos dos atletas entrevistados defenderam a seleção brasileira neste período, percebendo seu reconhecimento no esporte. Nesta fase, identificou-se que o fato de iniciar cedo na modalidade foi fator decisivo para os bons resultados na modalidade.

Segundo Deci e Ryan (2012), eventos externos como ameaça, punição, *feedback*, competição e escolhas podem influenciar na satisfação das necessidades básicas psicológicas do sujeito. Garcia-mas et al. (2010) identificaram que atletas participantes de campeonatos mais importantes e desafiadores apresentam motivação autodeterminada, demonstrando maiores percepções de competência para realizar as tarefas. Bruin, Rikers e Schmidt (2007) indicaram que aspectos motivacionais relacionados a práticas deliberadas promovem melhores rendimentos no desempenho.

Ao avaliar as relações interpessoais encontradas neste período (Quadro 3), notou-se a permanência dos amigos, pais e técnicos, auxiliando de forma financeira, afetiva e física. Nesta fase da carreira esportiva, quando o atleta pensa em desistir da modalidade, os companheiros de equipe incentivam o atleta a continuar, mostrando os aspectos positivos da prática do beisebol. Além disso, pais oferecem parte do seu tempo livre para participar dos eventos e se sacrificam financeiramente para pagar as despesas de viagem, alimentação, mensalidade e materiais esportivos. O técnico, por sua vez, tem um papel fundamental na vida do jogador, muitas vezes oferecendo suporte emocional e ofertando emprego para o atleta se manter no esporte.

Segundo Côtè (1999), pais incentivam seus filhos a estarem presentes nas participações escolares e nas conquistas esportivas, fazendo comprometimentos financeiros e temporais para os atletas e criando maiores interesses pessoais na modalidade. Outros sujeitos, como companheiros de equipe e o técnico, têm participação ativa na vida do jogador, aumentando a motivação, prazer, percepção de competência e melhorando seu desempenho motor (DECI; RYAN, 2002).

Pesquisas realizadas por Strachan, Côtè e Deaking (2009) demonstraram que atletas nessa idade possuem maiores amizades com os companheiros de equipe, aumentando o prazer e a persistência na prática. Sendo assim, o papel dos pais e dos pares na transição da carreira esportiva do indivíduo é importante, motivando e dando suporte no período de mudança (PUMMEL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008). Outros estudos identificaram que sujeitos presentes no contexto do atleta possuem

papéis importantes, promovendo suporte, controle da pressão, fonte de informações para a competência e orientação de metas (BENGOCHEA; STREAN, 2007).

### 6.3.3 Anos de investimento (acima de 15 anos)

Os anos de investimentos são caracterizados pelo comprometimento de alcançar o alto rendimento em um esporte específico, trabalhando as estratégias e desenvolvendo as habilidades características da modalidade para competição (CÔTÈ, 1999). Estudos realizados por Wolfenden e Holt (2005) afirmam que o atleta constrói um relacionamento mais próximo com seu técnico e, a responsabilidade pelos treinamentos e competições torna-se do indivíduo.

Quando avaliados os esportes praticados neste período (Quadro 4), pode-se evidenciar a diminuição das brincadeiras realizadas nas ruas, observando o comprometimento no beisebol com cargas de treinamentos maiores que nos anos anteriores. Na entrevista com os jogadores campeões brasileiros, ficou destacado que alguns atletas chegavam a treinar cinco a sete vezes por semana com intensidades superiores às categorias passadas, observando os resultados nos campeonatos durante o ano. Apesar de identificar a participação em algumas modalidades esportivas de forma não sistematizada, grande parte dos atletas optaram em investir somente no beisebol, não encontrando tempo para outras práticas. Sendo assim, observou-se a presença de poucos jogos deliberados e muitas práticas deliberadas, confirmando a hipótese 3 do presente estudo.

Nesta fase, as atividades são caracterizadas por poucos jogos deliberados e muitas práticas deliberadas, realizando exercícios voltados para a melhora do rendimento de uma determinada modalidade (FRASER-THOMAS; CÔTÈ, 2008). Com o aumento destas práticas, Delorme, Boiché e Raspaud (2010) citam que aumenta a competitividade da modalidade, ocasionando em certas situações, o abandono do indivíduo em outras atividades esportivas. Além disto, a necessidade de adaptação do sistema contextual da modalidade pode gerar problemas familiares, vocacionais e esportivos (DEBOIS et al., 2012).

A autonomia dos indivíduos no contexto da prática do beisebol (Quadro 4) é apresentada de forma interna com influências de alguns sujeitos presentes no

contexto (técnico e familiares). Apesar dos jogadores nesta idade fazerem suas próprias escolhas, alguns deles mudaram seus julgamentos e atividades para agradar avôs, pais e técnicos, mostrando certa falta de autonomia para a prática do esporte.

Para a permanência no esporte, o praticante precisa experienciar seus comportamentos de forma autodeterminada, verificando que o suporte para a continuidade parte do próprio indivíduo (DECI; RYAN, 1985). Estudos explicam a satisfação da autonomia devido à presença positiva de pais, técnicos e companheiros, demonstrando suporte emocional no processo de desenvolvimento do sujeito (AMOROSE; ANDRSON-BUTCHER, 2007; KNIGHT; BODEN; HOLT, 2010; JÕESAAR; HEIN; HAGGER, 2011).

Outra variável analisada neste período foi a competência atlética (Quadro 4), verificando a valorização dos esforços, tarefas bem sucedidas e as passagens na seleção brasileira. Atletas com passagem na seleção brasileira demonstraram perseverança em conseguir jogar novamente para seu país, percebendo que são capazes de jogar profissionalmente o beisebol. A percepção de competência e o entendimento da importância de seu papel na equipe podem desenvolver domínios específicos do perfeccionismo, identificando a valorização de seus esforços no contexto (DUNN; DUNN; MCDONALD, 2012). Em oposição a estes resultados, Conroy, Coatsworth e Fifer (2005) observaram o comportamento de nadadores, verificando que o medo de falhar estava diretamente relacionado com a baixa percepção de competência.

Apesar da importância desta variável psicológica, pode-se identificar que as relações sociais tiveram grande relevância no meio atlético do beisebol. Amigos, familiares, técnicos e o clube (associação) continuaram a ter importância nesta fase, confirmando a hipótese 3 do estudo. Ao longo da carreira esportiva, o atleta de beisebol faz amizades com alguns companheiros de equipe por jogar desde o início da prática, obtendo boas relações dentro e fora do campo. Além disto, alguns pais ainda tinham papéis na coordenação das equipes, anotadoras das partidas e cozinheiras em dias de campeonatos, além de fornecerem suporte emocional e financeiro. Outros agentes externos são os técnicos e o clube, que oferecem suporte e melhores condições para o indivíduo continuar atuando na sua cidade, dando materiais esportivos, auxílio nas viagens para campeonatos e inserindo-os em projetos sociais para ensinar a modalidade a crianças.

Os dados vão ao encontro de Deci e Ryan (2000) e Côtè (1999), mostrando que nos anos de investimento as relações interpessoais, principalmente do técnico, pais e pares, promovem motivação, prazer e suportam o envolvimento para a prática esportiva. Além disso, estudos feitos por Casper, Gray e Stellino (2007) demonstraram a importância dos clubes e equipes em ajudar a integrar as pessoas para o contexto esportivo. Estudo realizado por McDonough e Crocker (2007) identificou que a satisfação dos aspectos de competência, autonomia e vínculos interpessoais são importantes para a motivação da prática esportiva, demonstrando maiores ligações com o técnico, companheiros e outras pessoas da equipe.

#### **6.4 Correlação dos níveis de estilos parentais e satisfação atlética com a motivação**

Ao correlacionar as dimensões dos estilos de rejeição, suporte emocional e superproteção (pai e mãe) e a da satisfação atlética com os níveis motivacionais dos atletas foram encontrados alguns dados relevantes (Tabela 4). A satisfação com o desempenho individual apresentou correlações positivas com a motivação intrínseca. Atingir objetivos e motivação intrínseca para Conhecer, confirmando parcialmente a hipótese 4. Ter metas definidas é uma importante estratégia para o esporte competitivo, podendo observar nos sujeitos, a busca pelo título do campeonato brasileiro e a copa Brasil (dois eventos mais importantes no Brasil) no caso do beisebol, além de fazer parte da seleção brasileira adulta. Em relação a conhecer novos aspectos da modalidade, também se verificou os pontos característicos dos atletas, buscando observar os jogadores mais experientes e procurando cursos para melhorar o treinamento esportivo.

A satisfação com o próprio desempenho no contexto esportivo esteve relacionada com a competência atlética e a orientação autônoma, entendendo que a regulação própria do indivíduo, de acordo com suas necessidades básicas, valores, objetivos e interesses, apresenta iniciativa própria, maior responsabilidade e busca por desafios (REEVE; DECI; RYAN, 2004). Esta orientação autônoma apresenta benefícios positivos no desempenho, autoestima e entusiasmo na prática da modalidade (FUNK; BEATON; ALEXANDRIS, 2011).

Vansteenkiste e Deci (2003) observaram que atletas com foco no desempenho apresentam motivação mais intrínseca em relação aos indivíduos

praticantes pela vitória. Atletas que apresentam objetivos intrínsecos e ambientes que priorizam o desenvolvimento a longo prazo promovem ótimos suportes e satisfação, motivando de forma autodeterminada para a prática esportiva (WANG et al., 2011).

Frente aos resultados do estudo, os jogadores de beisebol se mostraram motivados intrinsecamente, com suporte emocional dos pais e satisfação atlética; atletas mais motivados apresentaram maior suporte dos pais e demonstraram mais satisfação com o contexto do beisebol; a trajetória esportiva foi afetada pela realização das práticas e jogos deliberados, autonomia, percepção de competência e relações sociais e; a motivação intrínseca esteve correlacionada com a satisfação do desempenho. As hipóteses propostas no estudo foram confirmadas parcialmente, observando que a motivação extrínseca está relacionada com o suporte emocional; a rejeição e a superproteção estão presentes nas motivações intrínsecas e; o nível de motivação intrínseco não apresenta relação com os estilos parentais.

Além disso, os resultados confirmaram os pressupostos da teoria da autodeterminação e do modelo desenvolvimental de participação esportiva no contexto do beisebol. Desta forma, a motivação dos atletas de beisebol é voltada pelo prazer e diversão, verificando mudanças nas atividades motoras e evidenciando a importante relação com os pais, amigos e técnicos em todas as fases da carreira esportiva e; autonomia e competência interna na fase de especialização e investimento.

# **7 CONCLUSÕES**

---

---

Ao final do estudo que buscou investigar o processo de desenvolvimento da motivação, satisfação e suporte parental ao longo da carreira esportiva de atletas brasileiros de beisebol, ficou evidenciado que atletas adultos praticantes de beisebol apresentaram níveis de motivações intrínsecas para a prática da modalidade, demonstrando prazer e divertimento nas tarefas propostas pelo esporte. Estes resultados confirmam a hipótese 1 do presente estudo.

Na trajetória esportiva dos atletas, foi destacada a importância dos pais como estimuladores da prática da modalidade escolhida pelo filho, assumindo papéis de apoio, incentivo e suporte autônomo e financeiro. O estilo parental de suporte emocional dos familiares, caracterizado pela participação adequada, sem superproteção ou rejeição do indivíduo, auxiliou para o desenvolvimento positivo, que confirma a hipótese 1 da pesquisa, mostrando a importância da conduta parental. Apesar do comportamento adequado dos pais, pode-se identificar diferenças entre pai e mãe, mostrando que as mães apresentaram condutas mais superprotetoras e de suporte emocional em detrimento aos pais.

Em relação à satisfação do atleta, pode-se observar que a dedicação, o tratamento pessoal e a contribuição para a tarefa foram fatores que mais contentaram os indivíduos no contexto do beisebol. Em contrapartida, a falta de auxílio oferecido pelo departamento financeiro e médico, bem como a falta de incentivo para o esporte no contexto brasileiro, gerou insatisfação nos sujeitos, concordando parcialmente com a hipótese 1.

Quando comparado os estilos parentais e a satisfação atlética de acordo com a motivação dos praticantes, evidenciou-se a importância destes aspectos para a permanência dos indivíduos no contexto esportivo. Pode-se notar que o suporte emocional paterno foi importante para a motivação extrínseca dos jogadores, mostrando que a prática destes sujeitos era influenciada pelo meio externo. Outro dado reforçou que a superproteção dos pais apresentou relações com a motivação intrínseca dos indivíduos, indicando que a preocupação e a imposição de regras

(limites) também são importantes para a prática pelo prazer e diversão, não confirmando a hipótese 2 do presente estudo.

A carreira esportiva dos atletas de beisebol foi apresentada na trajetória de três fases. Na fase de experimentação, a prática de diversas atividades motoras, desenvolvendo diferentes habilidades prevaleceu, com grande quantidade de jogos deliberados e poucas atividades sistematizadas; neste momento a autonomia dos indivíduos estava voltada a comportamentos internos e externos, demonstrando algumas condutas por parte da criança e outras por influências dos adultos; a competência era positiva e os vínculos sociais dos pais e dos amigos eram fundamentais para a prática de atividades nesta idade, tendo influências positivas para a permanência no contexto.

Na fase de especialização da carreira esportiva, as atividades realizadas, divididas em jogos deliberados e práticas deliberadas, encontraram equilíbrio nas realizações de brincadeiras de rua e práticas esportivas. Ocorrendo aumento na autonomia do praticante de beisebol, o qual mostrava interesse nos treinamentos e nas competições sem dominâncias externas; a percepção de competência se tornou importante, bem como os esforços para a prática, notando que a conquista de títulos e convocações para seleções foram essenciais para a permanência dos atletas no esporte. O relacionamento social neste estágio tem a participação mais intensa do técnico, assim como os familiares e amigos, evidenciando que esta presença auxilia de forma financeira, psicológica e motora que confirma a hipótese 3 sobre a influência positiva dos pais.

Nos anos de investimento da carreira atlética, houveram maiores dedicações para o beisebol com algumas práticas em esportes recreativos, verificando maiores quantidades de práticas deliberadas e poucos jogos deliberados, confirmando a hipótese 3. Nesta fase, houve aumento na autonomia e na percepção de competência dos indivíduos, organizando-se para treinos e campeonatos e reconhecendo os esforços, tanto individuais como da equipe. Nos relacionamentos pessoais, os amigos e os familiares são os agentes mais importantes no contexto do beisebol, mostrando serem vínculos primordiais determinantes para a permanência do atleta no esporte. Por meio destas considerações, foi possível perceber a importância dos amigos, familiares e técnicos ao longo da carreira esportiva do beisebol, apresentando características de participação diferentes a cada etapa do desenvolvimento.

Quando relacionados os estilos parentais e a satisfação atlética com as dimensões da motivação, pode identificar ligações positivas entre a motivação intrínseca e a satisfação no desempenho individual, confirmando parcialmente a hipótese 4 do estudo. A busca por títulos, fazer parte da seleção brasileira e conhecer novos aspectos da modalidade foram objetivos importantes para a satisfação do atleta no beisebol.

Algumas limitações da pesquisa foram verificadas após o término do presente estudo. Uma das dificuldades encontradas foi a coleta dos dados quantitativos devido ao fato de terem poucos campeonatos ao longo do ano na categoria adulta e todas concentradas no mesmo período, tendo poucos dias para aplicar os questionários nos atletas. Além disso, verificou-se a complexidade de realizar pesquisas qualitativas, não possibilitando coletar com todos os atletas pela duração das entrevistas. Esportes com temporadas de longa duração no ano facilitam a realização de pesquisas que envolvem questionários e entrevistas, exigindo contato com confederações, federações, equipes e jogadores com antecedência e o conhecimento da modalidade para saber os momentos adequados para dialogar com os indivíduos.

Diante disso, o presente estudo investigou o processo de desenvolvimento da motivação, satisfação e suporte parental ao longo da carreira esportiva de atletas brasileiros de beisebol. Pela complexidade da temática, destaca-se a necessidade de mais pesquisas, considerando as estratégias utilizadas por agentes externos para a promoção da motivação aos atletas esportivos.

# REFERÊNCIAS

---

---

ADIE, J.W.; DUDA, J.L.; NTOUMANIS, N. Autonomy support, basic need satisfaction and the optimal functioning of adult male and female sport participants: A test of basic needs theory. **Motivation and Emotion**, v. 32, n. 3, p. 189-199, 2008.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R.C. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. 3 ed., p.712-736. Nova Iorque: Wiley, 2007.

AMOROSE, A.J.; ANDERSON-BUTCHER, D. Autonomy-supportive coaching and self-determined motivation in high school and college athletes: a test of self-determination theory. **Psychology of sport and exercise**, v. 8, p. 654-670, 2007.

ANDERSON, W.B. Major League Baseball under investigation: how the industry used public relations to promote its past to save its present. **Public relations review**, v. 30, n. 4, p. 439-445, 2004.

ANNALA, C.N.; WINFREE, J. Salary distribution and team performance in Major League of Baseball. **Sport Management Review**, v. 14, p. 167-175, 2011.

ARRINDELL, W.A. et al. The Short-EMBU in Australia, Spain, and Venezuela: Factorial Invariance, and Associations with Sex Roles, Self-Esteem, and Eysenckian Personality Dimensions. **European Journal of Psychological Assessment**, v. 21, n. 1, p. 56-66, 2005.

BAILEY, R.; COLLINS, D.; FORD, P.; MACNAMARA, A.; TOMS, M.; PEARCE, G. **Participant development in sport: an academic review**. The national coaching foundation, 2010.

BAILEY, R.; MORLEY, D. Towards a model of talent development in physical education. **Sport, Education and Society**, v. 11, p. 211–230, 2006.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Sport specific training, deliberate practice and the development of expertise in team ball sports. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, p. 12–25, 2003.

BAKER, J.; CÔTÉ, J. Shifting training requirement during athlete development: Deliberate practice, deliberate play and other sports involvement in the acquisition of sports expertise. In: HACKFORTH, D.; TENENBAUM, G. (Eds.). **Essentials processes for attaining peak performance**. Toronto: Meyer & Meyer Sport (UK) Ltd, 2006.

BAKER, J.; CÔTÈ, J.; ABERNETHY, B. Learning from the experts: Practice activities of expert decision makers in sport. **Journal of applied sport psychology**, v. 15, p. 12-25, 2003.

BARA FILHO, M.; ANDRADE, D.; MIRANDA, R.; NÚÑEZ, J.L.; MARTÍN-ALBÓ, J.; RIBAS, P.R. Preliminary validation of a brazilian version of the sport motivation scale. **Universitas Psychologica**, v. 10, n. 2, p. 557-566, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 19ª Ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BATISTA JUNIOR, M. **Beisebol no Brasil: breve histórico e perspectiva**. Mimeo, 1998.

BATISTA JUNIOR, M.L.; FRANCHINI, E.; UCHIDA, M.C.; ROSA, L.F.B.P.C. Efeito da suplementação de creatina sobre o desempenho na velocidade do *swing* e no tempo para percorrer três bases (*home base* - terceira base) em atletas da seleção brasileira de beisebol juvenil (16 a 18 anos). **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 13, n. 4, p. 85-92, 2005.

BENGOECHEA, E.G.; STREAN, W.B. On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. **Psychology of sport and exercise**, v. 8, p. 195-217, 2007.

BERNIER, A.; WHIPPLE, N.; CARLSON, S.M. From external regulation to self-regulation: Early parenting precursors of young children's executive functioning. **Child development**, v. 81, n.1, p. 326-339, 2010.

BERRY, J. ABERNETHY, B.; CÔTÈ, J. The Contribution of Structured Activity and Deliberate Play to the Development of Expert Perceptual and Decision-Making Skill. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 30, p. 685-708, 2008.

BLANCHARD, C.M.; MASK, L.; VALLERAND, R.J.; SABLONNIÈRE, R. de la; PROVENCHER, P. Reciprocal relationship between contextual and situational motivation in a sport setting. **Psychology of sport and exercise**, v. 8, p. 854-873, 2007.

BOICHÉ, J.C.S.; SARRAZIN, P.G. Self-determination of contextual motivation, inter-context dynamics and adolescents' patterns of sport participation over time. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, p. 685–703, 2007.

BOMPA, T. **From childhood to champion athlete**. Toronto: Veritas Publishing Inc, 1995.

BORREGO, C.M.C.; LEITÃO, J.C.; ALVES, J.; SILVA, C.; PALMI, J. Análise confirmatória do questionário de satisfação do atleta- versão portuguesa. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 23, n. 1, p. 110-120, 2011.

BOUCHET, A.; TROILO, M.; PEACHEY, J.W. Major League Baseball and the Dominican Republic: What is in the best interest of the players? **Sport Management Review**, in press, 2012.

BRAUNSTEIN, J.R.; ZHANG, J.J.; TRAIL, G.T.; GIBSON, H.J. Dimensions of Market Demand Associated with Pre-season Training: Development of a Scale for Major League Baseball Spring Training. **Sport management review**, v. 08, p. 271-296, 2005.

BRIÈRE, N. M.; VALLERAND, R. J.; BLAIS, M. R.; PELLETIER, L. G. Développement et Validation d'une Mesure de Motivation Intrinsèque, Extrinsic et d'Amotivation en Contexte Sportif: L'Échelle de Motivation dans le Sports (ÉMS). **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 26, p. 465-489, 1995.

BRUIN, A.B.H. de; RIKERS, R.M.J.P.; SCHMIDT, H.G. The influence of achievement motivation and chess-specific motivation on deliberate practice. **Journal of sport and exercise psychology**, v. 29, p. 561-583, 2007.

BRUNER, M. W.; ERICKSON, K.; MCFADDEN, K.; CÔTÈ, J. Tracing the origins of athlete development models in sport: a citation-genealogical approach. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 2, p. 23-37, 2009.

BRUNER, M.W.; ERICKSON, K.; WILSON, B.; CÔTÈ, J. An appraisal of athlete development models through citation network analysis. **Psychology of sport and exercise**, v. 11, p. 133-139, 2010.

BURNS, G.N.; JASINSKI, D.; DUNN, S.C.; FLETCHER, D. Athlete identity and athlete satisfaction: the nonconformity of exclusivity. **Personality and individual difference**, v. 52, p. 280-284, 2012.

CALVO, T.G.; CERVELLÓ, E.; JIMÉNEZ, R.; IGLESIAS, D.; MURCIA, J.A.M. Using Self-Determination Theory to Explain Sport Persistence and Dropout in Adolescent Athletes. **The Spanish journal of psychology**, v. 13, n.2, p. 677-684, 2010.

CANAVARRO, M.C.; PEREIRA, A.I. A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. **RIDEP**. v. 2. n. 24, p.193-210, 2007.

CASPER, J.M.; GRAY, D.P.; STELLINO, M.B. A sport commitment model perspective on adult tennis players' participation frequency and purchase intention. **Sport management review**, v.10, p. 253-278, 2007.

CBBS, Disponível em: (<http://www.cbbs.com.br>). Acesso: 20 Jun 2011.

CHAN, D.K.L.; HAGGER, M.S.; SPRAY, C.M. Treatment motivation for rehabilitation after a sport injury: Application of the trans-contextual model. **Psychology of sport and exercise**, v. 12, p. 83-92, 2011.

COLLINS, C.L.; COMSTOCK, R.D. Epidemiological Features of High School Baseball Injuries in the United States, 2005-2007. **Pediatrics**, v. 121, n.06, p. 1181-1188, 2008.

CONROY, D.E.; COATSWORTH, J.D.; FIFER, A.M. Testing dynamic relations between perceived competence and fear of failure in young athletes. **Motivation, cognition and sport**, v. 55, p. 99-110, 2005.

CÔTÉ, J. The Influence of the Family in the Developmental of Talent in Sport. **The sports psychologist**, Champaign, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. In: STARKES, J.; ERICSSON, K.A. (Eds.). **Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: EKLUND, R.; TENENBAUM G. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. Hoboken: Wiley, 2007.

CÔTÉ, J.; BRUNER, M.; STRACHAN, L.; ERICKSON, K.; FRASER-THOMAS, J. Athletes development and coaching. In: LYLE, J.; Cushion, C.(Eds.). **Sport Coaching: Professionalism and Practice**. Oxford: Elsevier, 2010.

CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement and positive development in sport. In: CROCKER, P. (Ed.). **Sport psychology: a Canadian perspective**, Toronto: Pearson, 2010.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: SILVA, M.J.; STEVENS, D.E. (Eds.). **Psychological foundations of sport**. Boston: Allyn and Bacon, 2002.

CÔTÉ, J.; HORTON, S.; MACDONALD, D.; WILKES, S. The benefits of sampling sports during childhood. **Physical & Health Education Journal**, v. 74, n. 4, p. 6-11, 2007.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: to sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International journal of sport & exercise psychology**, v. 9, p. 07-17, 2009

CURRAN, T.; APPLETON, P.R.; HILL, A.P.; HALL, H.K. Passion and burnout in elite junior soccer players: The mediating role of self determined motivation. **Psychology of sport and exercise**, v. 12, p. 655-661, 2011.

DEBOIS, N.; LEDON, A.; ARGOLAS, C.; ROSNET, E. A lifespan perspective on transitions during a top sport s career: a case of an elite female fencer. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, p. 660-668, 2012.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. Nova Iorque: NY Plenum, 1985.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. The general causality orientations scale: self-determination in personality. **Journal of research in personality**, v. 19, p. 109-134, 1995.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. **Contemporary educational psychology**, v. 25, p. 54-67, 2000a.

DECI, E.L., RYAN, R.M. The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination theory. **Psychological inquiry**, v. 11, p. 227-268, 2000b.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. **Handbook of self-determination research**. Rochester: University of Rochester Press, 2002.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. Self-determination theory. In: VAN LANGE, P.A.M.; KRUGLANSKI, A.W.; HIGGINS, E.T. (Eds.). **Handbook of theories of social psychology**. v. 1, p. 416-437. Thousand Oaks: Sage, 2012.

DECI, E.L.; RYAN, R.M.; GAGNÉ, M.; LEONE, D.R.; USUNOV, J.; KORNAZHEVA, B.P. Need satisfaction, motivation, and well-being in the work organizations of a former Eastern Bloc country. **Personality and social psychology bulletin**, v. 27, p. 930-942, 2001.

DELORME, N.; BOICHÉ, J.; RASPAUD, M. Relative age and dropout in French male soccer. **Journal of sports sciences**, v. 28, n. 7, p. 717-722, 2010.

MCDONOUGH, M.H.; CROCKER, P.R.E. Testing self-determined motivation as a mediator of the relationship between psychological needs and affective and behavioral outcomes. **Journal of sport and exercise psychology**, v. 29, p. 645-663, 2007.

Disponível em <<http://www.apollostemplates.com>>, acesso em: 15 jun 2012

DRANE, P.; SHERWOOD, J. Baseball studies: baseball bat testing protocol development. **Procedia engineering**, v. 2, p. 2681-2686, 2010.

DRANE, P.; SHERWOOD, J.; COLOSIMO, R.; KRETSCHMANN, D. A study of wood baseball bat breakage. *Procedia engineering*, v. 34, p. 616-621, 2012.

DUARTE, O. **História dos esportes**. São Paulo: Makron books, 2000.

DUN, J.G.H.; DUN, J.C.; MCDONALD, K. Domain-specific perfectionism in intercollegiate athletes: Relationships with perceived competence and perceived importance in sport and school. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, p. 747-755, 2012.

DUN, S.; FLEISIG, G.S.; LOFTICE, J.; KINGSLEY, D.; ANDREWS, J.R. The relationship between age and baseball pitching kinematics in professional baseball pitchers. **Journal of Biomechanics**, v. 40, p. 265-270, 2007.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J.H. Development of talent in sport. In SINGER, R.N.; HAUSENBLAS, H.A.; JANELLE, C.A. (Eds.), **Handbook of sport psychology** 2 ed., p. 269-289. New York: Wiley, 2001.

- DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and Olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, p. 154–171, 2002.
- EDMUND, J.; NTOUMANIS, N.; DUDA, J.L. Adherence and well-being in overweight and obese patients referred to an exercise on prescription scheme: a self-determination theory perspective. **Psychology of sport and exercise**, v. 8, p. 722-740, 2007.
- ERICSSON, K.A.; KRAMPE, R.T.H.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.
- FAJEN, B.R.; DIAZ, G.; CRAMER, C. Reconsidering the role of the movement in perceiving action-scaled affordance. **Human movement science**, v. 30, p. 504-533, 2011.
- FERNANDES, H.M.; VASCONCELOS-RAPOSO, J. Continuum de Auto-Determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. **Estudos da psicologia**, v. 10, n.3, p. 385-395, 2005.
- FINE, G.A. **Little league Baseball and preadolescent culture**. Chicago: University of Chicago press, 1987.
- FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Youth sport programs: An avenue to footstep positive youth development. **Physical education and sport pedagogy**, v. 10, p. 49-70, 2005.
- FRASER-THOMAS, J.; CÔTE, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of sport and exercise**, v. 9, p. 645-662, 2008.
- FREDRICKS, J.A.; ECCLES, J.S. Parental influences on youth involvement in sports. In: WEISS, M.R. (Ed.). **Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2004.
- FREDRICKS, J.A.; ECCLES, J.S. Extracurricular participation associated with benefices outcomes? Current and longitudinal relation. **Developmental psychology**, v. 42, p. 498-71, 2006.
- FUJIYAMA, H.; WILSON, G.V.; KERR, J.H. Motivational state and emotional tone in baseball: the reciprocity between reversal theory and field research. **Motivation, emotion and sport**, v. 55, p. 71-83, 2005.
- FUKUDA, O.; STANGANELLI, J. Beisebol. In: DACOSTA, L. **Atlas do esporte no Brasil: Atlas do esporte, Educação Física e atividade física de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

FUNK, D.C.; BEATON, A.; ALEXANDRIS, K. Sport consumer motivation, Autonomy and control orientations that regulate fan behaviours. **Sport management review**, 2011.

GARCIA-MAS, A et al. Commitment, enjoyment and motivation in Young soccer competitive players. **The Spanish journal of psychology**, v. 13, n.2, p. 609-616, 2010.

GILLET, N.; VALLERAND, R.J.; AMOURA, S.; BALDES, B. Influence of coaches' autonomy support on athletes' motivation and sport performance: a test of the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. **Psychology of sport and exercise**, v. 11, p. 155-161, 2010.

GILLISON, F.; OSBORN, M.; STANDAGE, M; SKEVINGTON, S. Exploring the experience of introjected regulation for exercise across gender in adolescence. **Psychology of sport and exercise**, v. 10, n. 3, p. 309-319, 2009.

GRANT, H.; GELETY, L. Goal Content Theories Why Differences in What we are striving for matter. In: MOSKOWITZ, G.B.; GRANT, H. *The Psychology of Goals*. New York: The Guilford Press, 2009.

GROLNICK, W.S. **Psychology of parenting control: how well-meant parenting backfires**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003.

GROLNICK, W.S. The role of parents in facilitating autonomous self-regulation for education. **Theory and research in education**, v. 7, n. 2, p. 164-173, 2009.

GURLAND, S.T.; GLOWACKY, V.C. Children's theories of motivation. **Journal of experimental child psychology**, v. 110, p. 1-19, 2011.

GURLAND, S.T.; GROLNICK, W.S. Perceived threat, controlling parenting, and children's achievement orientations. **Motivation and emotion**, v. 29, p. 103-21, 2005.

HAGGER, M.S.; CHATZISARANTIS, N.L.D. Causality orientations moderate the undermining effect of rewards on intrinsic motivation. **Journal of experimental social psychology**, v. 47, p. 485-489, 2011.

HOLT, N.L.; TAMMINEN, K.A.; BLACK, D.E.; MANDIGO, J.L.; FOX, K.R. Youth sport parenting styles and practices. **Journal of sport and exercise psychology**, v.31, p. 37-59, 2009.

HESSLER, D.M.; KATZ, L.F. Brief report: Associations between emotional Competence and adolescent risky behavior. **Journal of adolescence**, v. 33, p. 241-246, 2010.

JÕESAAR, H.; HEIN, V.; HAGGER, M.S. Youth athletes' perception of autonomy support from the coach, peer motivational climate and intrinsic motivation in sport setting: One-year effects. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, p. 257-262, 2012.

KATSUMATA, H. A functional modulation for timing a movement: a coordinative structure in baseball hitting. **Human movement science**, v. 26, p. 27-47, 2007.

KEEGAN, R.J.; HARWOOD, C.G.; SPRAY, C.M.; LAVALLEE, D.E. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: Coach, parents and peer influences on sport motivation. **Psychology of sport and exercise**, v. 10, p.361-372, 2009.

KEELEY, D.W.; OLIVER, G.D.; DOUGHERTY, C.P. Shoulder kinematics during pitching: comparing the slide step and traditional stretch delivery. **Human movement science**, 2012.

KENSRUD, J.R.; SMITH, L.V. In situ lift measurement of sport balls. **Procedia engineering**, v. 13, p. 278-281, 2011.

KIM, J; CHUNG, H. The role of family orientation in predicting Korean boys' and girls' achievement motivation to learn mathematics. **Learning and individual differences**, v. 22, p. 133-138, 2012.

KIMIECIK, J.; HORN, T. Examining the relationship between family context and children's physical activity beliefs: The role of parenting style. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, p. 10-18, 2012.

KNIGHT, C.J.; BODEN, C.M.; HOLT, N.L. Junior tennis players' preferences for parental behaviors. **Journal of applied sport psychology**, v. 22, p. 377-391, 2010.

KNIGHT, C.J.; NEELY, K.C.; HOLT, N.C. Parental behaviors in team sports: how do female athletes want parents to behave? **Journal of applied sport psychology**, v. 23, p.76-92, 2011.

KOBARG, A.P.R.; VIEIRA, V.; VIEIRA, M.L. Validação da escala de lembranças sobre práticas parentais (EMBU). **Avaliação psicológica**, v.9, n. 1, p. 77-85, 2010.

LARSON, R.W.; HANSEN, D.M.; MONETA, G. Differing profiles of developmental experiences across types of organized youth activities. **Developmental psychology**, v. 42, p. 849-863, 2006.

LAUDNER, K.G.; WILSON, J.T.; MEISTER, K. Elbow isokinetic strength characteristics among collegiate baseball players. **Physical Therapy in Sport**, v. 13, p. 97-100, 2012.

LAUER, L.; GOULD, D.; ROMAN, N.; PIERCE, M. Parental behaviors that effect junior tennis player development. **Psychology of sport and exercise**, v. 11, n. 6, p. 487-496, 2010.

LAVALLEE, D.; GORELY, T.; LAVALLEE, R. M.; WYLLEMAN, P. Career development programs for athletes. In: PATTON, W.; MCMAHON, M. (Eds.). **Career development programs: Preparation for life long career decision making**. Camberwell: Australian Council for Educational Research Press, 2001.

LAVALLEE, D.; ROBINSON, H.K. In pursuit of an identity: a qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. **Journal of psychology of sport and exercise**, v. 8, p. 119-141, 2007.

LEFF, S.S.; HOYLE, R.H. Young athletes' perceptions of parental support and pressure. **Journal of youth and adolescence**, v. 24, p.187–203, 1995.

LEWIS, M.A.; NEIGHBORS, C.; MALHEIM, J.E. Indulgence or restraint? Gender differences in the relationship between controlled orientation and the erotophilia-risky sex link. **Personality and individual differences**, v. 40, p. 985-995, 2006.

LONGBOTTOM, J.; GROVE, J.R.; DIMMOCK, J.A. Trait perfectionism, self-determination, and self-presentation processes in relation to exercise behavior. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, p. 224-235, 2012.

LOUGHEAD, T.M.; CARRON, A.V. The mediating role of cohesion in the leader behavior- satisfaction relationship. **Psychology of sport and exercise**, v. 5, p. 355-371, 2004.

MAGEAU, G.A.; VALLERAND, R.J. The coach-athlete relationship: a motivational model. **Journal of sports sciences**, v. 21, n.11, p. 883-904, 2003.

MCDAVID, L.; COX, A.E.; AMOROSE, A.J. The relative roles of physical education teachers and parents in adolescents' leisure-time physical activity motivation and behavior. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, p. 99-107, 2012.

MCKEERING, H.; PAKENHAM, K.I. Gender and generativity issues in parenting: Do fathers benefit more than mothers from involvement in child care activities? **Sex roles**, v. 43, p. 459-480, 2000.

MEDFORD, E.; MCGEOWN, S.P. The influence of personality characteristics on children's intrinsic reading motivation. **Learning and individual differences**, 2012.

MOORE, P. **Baseball**. Barcelona: Editorial Sintes, 1967.

MORGAN, T.; GIACOBBI, P. R., JR. Toward two grounded theories of the talent development and social support process of highly successful collegiate athletes. **The Sport Psychologist**, v. 20, p. 295–313, 2006.

MOURATIDIS, A.; VANSTEENKISTE, M.; LENS, W.; SIDERIDIS, G. The motivation role of positive feedback in sport and physical education: evidence for a motivation model. **Journal of sport and exercise psychology**, v. 30, p. 240-268, 2008.

NTOUMANIS, N. A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. **British journal of educational psychology**, v. 71, p. 225-242, 2001.

- NTOUMANIS, N.; EDMUNDS, J.; DUDA, J. L. Understanding the coping process from a self-determination theory perspective. **British journal of health psychology**, v. 14, p. 249-260, 2009.
- NTOUMANIS, N.; PENSGAARD, A.; MARTIN, C.; PIPE, K. An idiographic analysis of amotivation in compulsory school physical education. **Journal of sport and exercise psychology**, v. 26, p. 197–214, 2004.
- OSBAHR, D.C.; CHALMERS, P.N.; FRANK, J.S.; WILLIAMS, R.J.; WILDMANN, R.F.; GREEN, D.W. Acute, avulsion fractures of the medial epicondyle while throwing in youth baseball players: A variant of Little League elbow. **Journal of shoulder and elbow surgery**, v. 19, n. 7, p. 951-957, 2010.
- PELLETIER, L.G.; FORTIER, M.S.; VALLERAND, R.J.; BRIERE, N.M. Associations among perceived autonomy support, forms of self-regulation, and persistence: A prospective study. **Motivation and emotion**, v. 25, p. 279–306, 2001.
- PELLITIER, L.G.; VALLERAND, R.J.; SARRAZIN, P. The revised six-factor Sport motivation Scale (Mallett, Kawabata, Newcombe, Otero-Forero, & Jackson, 2007): Something old, something new, and something borrowed. **Psychology of sport and exercise**, v. 8, p. 615-621, 2007.
- PERRIS, C.; JACOBSSON, L.; LINDSTROM, H.; VON KNORRING, L.; PERRIS, H. Development of a new inventory assessing memories of parental rearing behaviour. **Acta psychiatrica scandinavica**, v. 61, no. 4, p. 265-74, 1984.
- PETER, N.E. Confessions of a baseball mom: the impact of youth sports on parents' feeling and behaviors. **New directions for youth development**, supplement, p. 123-171, 2011.
- POL, K.C. VAN DE; KAVUSSANU, M. Achievement goals and motivational responses in tennis: Does the context matter? **Psychology of sport and exercise**, v. 12, p. 176-183, 2011.
- POROPAT, A.E. A meta-analysis of the five-factor model of personality and academic performance. **Psychological bulletin**, v. 135, p. 322–338, 2009.
- PUMMELL, B.; HARWOOD, C.; LAVALLEE, D. Jumping to the next level: a qualitative examination of within-career transition in adolescents event riders. **Psychology of sport and exercise**, v. 9, p. 427-447, 2008.
- QUESTED, E.; DUDA, J.L. Antecedents of burnout among elite dancers: A longitudinal test of basic needs theory. **Psychology of sport and exercise**, v. 12, n. 2, p. 159-167, 2011.
- RAHIMIĆ, Z.; RESIĆ, E; KOŽO, A. Determining the Level of Management Competences in the Process of Employee Motivation. **Procedia - social and behavioral sciences**, v. 41, p. 535-543, 2012.

REEVE, J.; DECI, E.L.; RYAN, R.M. Self-determination theory: A dialectical framework for understanding socio-cultural influences on student motivation. In: VAN ETTEN, S.; PRESSLEY, M. (Eds.). **Big theories revisited**, Greenwich: Information Age Press, 2004.

RIEMER, H; CHELLADURAI, P. Development of the Athlete Satisfaction Questionnaire. **Journal of sport and exercise psychology**, v.20, n.2, p.127-156, 1998.

RUBIO, K. Tradição, família e prática esportiva: a cultura japonesa e o beisebol no Brasil. **Revista movimento**, v. 6, n. 12, p. 37-44, 2000.

ROBERTSON-WILSON, J.; BAKER, J.; DERB, E.; CÔTÈ. J. **Childhood sport involvement in active and inactive adult females**, v. 9, p. 1-8, 2003.

ROSE, E.A.; PARFITT, G.; WILLIAMS, S. Exercise causality orientations, behavioural regulation for exercise and stage of change for exercise: exploring their relationships. **Psychology of sport and exercise**, v. 6 p. 399–414, 2005.

RYAN, R.M. Psychological needs and the facilitation of integrative processes. **Journal of personality**, v. 63, p. 397-427, 1995.

RYAN, R.M.; DECI, L.D. Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. **Contemporary educational psychology**, v. 25, p. 54-67, 2000a.

RYAN, R.M.; DECI, L.D. Self-determination Theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. **American psychologist**, v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000b

RYAN, R.; BARGMANN, K. Autonomy Support and Need Satisfaction in the Motivation and Well-Being of Gymnasts. **Journal of applied sport psychology**, v. 15, p. 372-390. 2003.

SCHMUCK, P.; KASSER, T; RYAN, R.M. Intrinsic and extrinsic goals: Their structure and relationship to well-being in German and U.S. college students. **Social indicator research**, v. 50, p. 225-241, 2000.

SHELDON, K. M.; HOUSER-MARKO, L.; KASSER, T. Does autonomy increase with age? comparing the goal motivations of college students and their parents. **Journal of research in personality**, v. 40, p. 168-178, 2006

SHEN, B.; LI, W.; SUN, H.; RUKAVINA, P.B. The influence of inadequate teacher-to-student social support an amotivation of physical education students. **Journal of teaching in physical education**, v. 29, p. 417-432, 2010.

SMITH, G. Another look at baseball player initials and longevity. **Perceptual and motor skills**, v. 112, n. 1, p. 211-216, 2011.

STAMBULOVA, N.B. Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. **The sport psychologist**, v. 8, p. 221-237, 1994.

STAMBULOVA, N.B.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÈ, J. ISSP Position stand: career development and transitions of athletes. **Union sportive de l'enseignement du premier degree**, v. 7, p. 395-412, 2009.

STANDAGE, M.; DUDA, J. L.; NTOUMANIS, N. A test of self-determination theory in school physical education. **British journal of educational psychology**, v. 75, p. 411–433, 2005.

STRACHAN, L.; CÔTÈ, J.; DEAKIN, J. A new view: exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v.3, n.1, p. 9-32, 2009.

STRACHAN, L.; CÔTÈ, J.; DEAKIN, J. An evaluation of personal and contextual factors in competitive youth sport. **Journal of applied sport psychology**, v.21, p.340-355, 2011.

THOMAS, J; NELSON, J; SILVERMAN, S. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

THOMSON, M.M.; TURNER, J.E.; NIETFELD, J.L. A typological approach to investigate the teaching career decision: Motivations and beliefs about teaching of prospective teacher candidates. **Teaching and teacher education**, v. 28, n. 3, p. 324-335, 2012.

TORREGROSA, M. et al. La influencia de padres y madres en el compromiso deportivo de futbolistas jóvenes. **Revista latino-americana de psicología**, v. 39, n. 2, p. 227-237, 2007.

VALLERAND, R.J.; DECI, E.L.; RYAN, R.M. Intrinsic motivation in sport In: PANDOLF, K.B (ed.). **Exercise and sport sciences reviews**, v. 15. Massachusetts: American College of Sports Medicine Series, 1987.

VANSTEENKISTE, M.; DECI, E. Competitively contingent reward and intrinsic motivation: can losers remain motivated? **Motivation and emotion**, v. 27, n. 4, p.273- 299, 2003.

VANSTEENKISTE, M.; LENS, W.; DECI, E.L. Intrinsic versus extrinsic goal contents in self-determination theory: Another look at the quality of academic motivation. **Educational psychologist**, v. 41, p.19-31, 2006.

VLACHOPOULOS, S.P.; KARAGEORGHIS, C.I. Interaction of external, introjected, and identified regulation with intrinsic motivation in exercise: Relationship with exercise enjoyment. **Journal of applied biobehavioral research**, v. 10, n. 2, p. 113-132, 2005.

WALL, M.; CÔTÈ, J. Developmental activities that lead to drop out and investment in sport. **Physical education and sport pedagogy**, v. 12, p. 77-87, 2007.

- WANG, C.K.J.; SPROULE, J.; MCNEILL, M.; MARTINDALE, R.J.J.; LEE, K.S. Impact of the talent development environment on achievement goals and life aspirations in Singapore. **Journal of applied sport psychology**, v. 23, p. 263-276, 2011.
- WEISS, M.R.; FRETWELL, S.D. The parent-coach/child-athlete relationship in youth sport: Cordial, contentious, or conundrum? **Research quarterly for exercise and sport**, v. 76, n. 3, p. 286-305, 2005.
- WOLFENDEN, L.E.; HOLT, N.L. Talent Development in Elite Junior Tennis: Perceptions of players, parents and coaches. **Journal of applied sport psychology**, v. 17, p. 108-126, 2005.
- WUERTH, S.; LEE, M.J.; ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of sport and exercise**, v. 5, p. 21-33, 2004.
- WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of sport and exercise**, v. 5, p. 7-20, 2004.

## **ANEXOS E APÊNDICES**



## ANEXO A

### SMS - Escala de motivação para o esporte

(BRIÈRE et al., 1995; adaptado e validado por BARA FILHO et al., 2011)

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Equipe: \_\_\_\_\_ Tempo de prática: \_\_\_\_\_

**Instruções:** Leia cada afirmação e, utilizando a escala correspondente (1 a 7), coloque um círculo no número que melhor indica como você geralmente se sente quando pratica o seu esporte. Não há respostas certas ou erradas, apenas estamos interessados em sua opinião.

<i>Não corresponde nada</i>	<i>Corresponde um pouco</i>	<i>Corresponde moderadamente</i>	<i>Corresponde muito</i>	<i>Corresponde exatamente</i>
1	2 - 3	4	5 - 6	7

### PORQUE VOCÊ PRÁTICA ESPORTE?

1. Pelo prazer que sinto em viver experiências empolgantes.	1	2	3	4	5	6	7
2. Pelo prazer que sinto em conhecer mais sobre o esporte que pratico.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu costumava ter bons motivos para praticar esporte, mas agora estou me perguntando se eu devo continuar a praticá-lo.	1	2	3	4	5	6	7
4. Pelo prazer de descobrir novas técnicas de treinamento.	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu não sei mais. Tenho a impressão de ser incapaz de ter sucesso nesse esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. Porque o esporte me permite ser respeitado pelas pessoas que conheço.	1	2	3	4	5	6	7
7. Porque, na minha opinião, o esporte é uma das melhores maneiras de conhecer pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
8. Porque sinto muita satisfação pessoal quando domino algumas técnicas de treinamento difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
9. Porque é absolutamente necessário praticar esporte se uma pessoa deseja estar em forma.	1	2	3	4	5	6	7
10. Pelo prestígio de ser um atleta.	1	2	3	4	5	6	7
11. Porque o esporte é uma das melhores maneiras que escolhi para desenvolver outros aspectos pessoais.	1	2	3	4	5	6	7



**ANEXO B**

**EMBU - MEMÓRIAS DE INFÂNCIA**

(Versão original Perris, Jacobsson, Lindstrom, Von Knorring, Perris, 1984.)

**INSTRUÇÕES:** Serão feitas algumas questões sobre a sua infância e adolescência. Você precisará se recordar dos comportamentos de seus pais em relação a você, até ter a idade de 16 anos.

- Leia cada questão e considere a resposta que melhor se aplica ao seu caso.
- Responda separadamente sobre o comportamento do seu pai colocando em cada questão um X no quadrado referente ao seu pai e em outro referente à sua mãe.

**EXEMPLO:**

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
01. Os meus pais eram amáveis comigo	Pai <input checked="" type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
01. Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
02. Os meus pais me elogiavam.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
03. Desejava que meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
04. Os meus pais me deram mais castigos físicos do que eu merecia.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
05. Os meus pais contribuíram para que a minha adolescência fosse uma época de aprendizagens importantes na minha vida.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
06. Os meus pais me criticavam em frente à outras pessoas.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
07. Os meus pais me proibiam de fazer coisas que as outras crianças eram permitidas, por terem medo que pudesse me acontecer alguma coisa.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
08. Os meus pais me incentivavam a me sobressair em tudo o que eu fazia.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
09. Por meio do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, meus pais me faziam sentir culpado por tratá-los mal.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa pudesse me acontecer era exagerada.	Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
11. Se as coisas corresse(m) mal comigo, eu sentia que os meus pais tentavam me confortar e me encorajar.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu era tratado(a) como "ovelha negra" ou como "bode expiatório" da família.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Os meus pais me mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu sentia que meus pais gostavam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Os meus pais me faziam sentir vergonha de mim mesmo.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Sentia que meus pais interferiam em tudo o que eu fazia.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sentia que havia ternura entre mim e meus pais.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Os meus pais estipulavam limites sobre o que me era permitido e o que não era fazer, e seguiam rigorosamente.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Os meus pais me castigavam mesmo por pequenos erros.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os meus pais eram quem decidiam como eu deveria me vestir ou me parecer.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Eu sentia que meus pais ficavam orgulhosos quando eu era bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me havia empenhado.	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">  </div> <div style="margin-right: 10px;">Pai</div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>







**APÊNDICE A**  
**MATRIZ DE CONSTRUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA OS**  
**ATLETAS**

<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Elementos</b>	<b>Informações</b>	<b>Questões</b>
Informativa	Início na modalidade	Conhecimento, atividades e iniciação.	Primeiro contato com a modalidade, tempo de prática, tipos de modalidades, equipe, ápice da carreira e influências.	Que? Como? Onde? Com que?
	Dados sócio demográficos	Informações físicas e demográficas.	Idade, sexo, endereço, escolaridade, estado civil, descendência, email, telefone, profissão	Onde? Quantos? Qual? O que?
Motivação	Desmotivado	Sem regulação	Estado caracterizado pela falta de intenção dos atos praticados	Qual? Por que? Com quem? O que?
	Extrínseca	Regulação externa	Realização de atividades para obter recompensas ou evitar castigos	Qual? Por que? Com quem? O que?
		Regulação introjetada	Prática de atividades devido a pressões internas do sujeito	Qual? Por que? Com quem? O que?
		Regulação de identificação	Realização de atividades pelo reconhecimento da importância para o indivíduo.	Qual? Por que? Com quem? O que?
	Regulação de integração	Síntese de regulações identificadas, mas sem fins	Qual?	

			específicos.	Por que? Com quem? O que?
	Intrínseca	Regulação intrínseca	A participação é feita devido a escolha pessoal, satisfação e prazer do indivíduo.	Qual? Por que? Com quem? O que?
Autodeterminação	Autonomia	Percepção do locus de causalidade	Mudança na percepção do locus (interno ou externo) em determinado evento.	Quais? Por que? O que?
		Orientação autônoma	Regulação do comportamento com base nos interesses e valores do indivíduo.	Quais? Por que? O que?
		Internalização (Regulações)	Motivos que levam as pessoas a praticarem a modalidade	Quais? Por que? O que?
	Competência	Percepção de competência	Perceber se o indivíduo possui capacidade de realizar determinada tarefa.	O que?
	Relação social	Contexto social e eventos internos	Presença de feedbacks no meio, formas controladoras, competições, envolvimento pessoais.	O que? Como? Qual? Quem?
		Ligação com os pares	Inter-relações com indivíduos que estão presentes na prática esportiva	O que? Como? Qual? Quem?
		Estilos parentais	Formas e atitudes dos pais que influenciam no comportamento dos filhos.	O que? Como? Qual? Quem?



## APÊNDICE C

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA OS ATLETAS.

#### ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO 6-13 ANOS

- Categoria Informativa
  - Gostaria que comentasse sobre suas atividades físicas na infância.
    - Que tipo de atividades/ brincadeiras costumava fazer? Onde? Com que frequência?
    - Como eram realizadas estas atividades/ brincadeiras?
- Categoria Motivação
  - Quais os motivos de praticar estas atividades/brincadeiras?
    - Quais atividades você preferia praticar? Por quê? Com quem?
    - Quais atividades te agradavam menos? Por quê? Com quem?
- Categoria de autonomia
  - Você realizava as atividades por iniciativa própria?
  - Alguém te influenciou ou apresentou essas atividades?
  - Quais eram seus interesses e que valores eram dados para estas atividades?
- Categoria de competência
  - Você acreditava que tinha capacidade de realizar as tarefas?
  - O que você achava do seu desempenho para aquelas práticas?
    - Você acreditava que era bom nas práticas?
- Categoria das relações sociais
  - Nestas atividades que você praticava, chegou a participar de algum campeonato? Ganhou alguma medalha? O que mais gostava dos eventos?
  - Quem estava envolvido nessas atividades? Qual era o papel destas pessoas? Qual sua opinião sobre elas?
  - Como era sua relação com os indivíduos que estavam presentes nestas práticas esportivas?
  - Qual o papel de seus pais nestas atividades? Como eram seus comportamentos?
- Cite pontos que gostaria de complementar que te influenciou naquela época.

## Anos de especialização (13-15 anos)

- Categoria informativa
  - Quais atividades você praticou nesta época?
    - Como eram realizadas estas atividades? Quanto tempo passava?
    - Com quantos anos você iniciou estas modalidades?
    - Onde eram realizadas? Com quem praticava?
- Categoria motivação
  - Por que você praticava essas modalidades?
    - Quais modalidades você preferia praticar? Por quê?
    - Quais modalidades você menos preferia? Por quê?
- Categoria de autonomia
  - Você realizava as modalidades por iniciativa própria?
  - Alguém te influenciou ou apresentou essas atividades?
  - Quais eram seus interesses e que valores eram dados para estas atividades?
  - Por que parou as outras atividades? O que esperava? Quais eram seus objetivos?
- Categoria de competência
  - Você se sentia competente em praticar estas atividades?
  - Qual era sua opinião sobre seu rendimento naquela época?
- Categoria das relações sociais
  - Naquela época, você participava de muitos eventos? Ganhou algum prêmio? O que achava de melhor nestes eventos?
  - Quem são as pessoas que te acompanharam e te ajudaram naquela época? Qual o papel destas pessoas na modalidade? Quais pessoas foram mais importantes para você? Por quê?
  - Como era sua relação com os indivíduos que praticavam aquelas atividades com você?
  - Fale como era a participação de seus pais? Que papel eles exerciam nas modalidades? Como eram seus comportamentos?
- Cite pontos que gostaria de complementar que te influenciou naquela época.

### **Anos de investimento (acima de 15 anos)**

- Categoria informativa
  - Qual esporte praticava naquela época?
    - Onde eram os treinamentos? Com quem praticava? Quantos horas e dias por semana eram seus treinos?
    - Quantos anos você tinha quando se especializou?
- Categoria de motivação
  - Por que praticava este esporte?
    - O que preferia fazer naquele contexto? Por quê?
    - O que esperava desta modalidade?
- Categoria de autonomia
  - Você se sentia autônomo em praticar este esporte?
    - Ou acreditava que outras pessoas influenciavam para sua prática?
  - Quais eram seus interesses e que valores eram dados para estas atividades?
- Categoria de competência
  - Você se sentia competência em executar as tarefas propostas pela modalidade?
  - O que você achava da sua *performance* neste esporte?
- Categoria das relações sociais
  - Participava de campeonatos? Ganhou muitos prêmios? O que achava dos eventos?
  - Que pessoas estavam envolvidas no seu contexto? Qual o papel destas pessoas? O que achava delas?
  - Como era sua relação com os indivíduos que estavam presentes nestas práticas esportivas?
  - Qual o papel de seus pais nestas atividades? Como eram seus comportamentos?
- Cite pontos que gostaria de complementar que te influenciou naquela época.

## Anos de recreação

- Categoria informativa
  - Qual o esporte que pratica atualmente?
  - Existe algum tipo de treinamento? Periodização?
  - Com quem treina ou pratica?
  - Quantos dias/ horas por semana você pratica?
  
- Categoria de motivação
  - Por que continua praticando esta modalidade?
  - O que te fez parar de competir?
  - O que prefere fazer nesta modalidade?
  
- Categoria de autonomia
  - Você se sente autônomo em praticar este esporte?
  - Ou acredita que é influenciado por outras pessoas?
  - Quais são seus interesses e que valores são dados para continuar praticando este esporte?
  
- Categoria de competência
  - Você se sente competente em realizar as tarefas necessárias para a prática deste esporte?
  
- Categoria das relações sociais
  - Participa de algum campeonato?
  - Quais pessoas estão mais presentes na modalidade/atividade? Quais papéis elas exercem? Qual sua opinião sobre elas?
  - Como é sua relação com os indivíduos que estão presentes nesta modalidade?
  - Qual a importância de seus pais no contexto do beisebol? Como são seus comportamentos em relação ao contexto esportivo?
  
- Cite pontos que gostaria de complementar que te influenciou naquela época.

**APÊNDICE D**  
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O ESTUDO**

**CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE  
 BEISEBOL E SOFTBOL**

Filial: IBAF, COPABE, CONSULE,  
 FIS, COMPASA, CONSURSA  
 Membro do COB



Fundada em 03.02.90

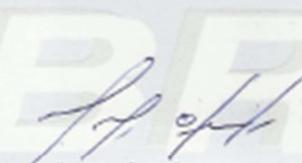
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DO ESTUDO**

Venho por meio deste documento, autorizar o pesquisador MARCUS VINÍCIUS MIZOGUCHI a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado "MOTIVAÇÃO, SATISFAÇÃO E SUPORTE PARENTAL: ESTUDO DA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DE BEISEBOL", nas equipes brasileiras da categoria adulta de beisebol.

Declaro para os devidos fins, que estou ciente de que o pesquisador é discente do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL, em nível de Mestrado, orientado pela Profª Dra. Lenamar Fiorese Vieira, e estará desenvolvendo atividades de pesquisa no âmbito desta Unidade de Ensino.

Caso necessário, a qualquer momento o pesquisador poderá ter o termo de autorização cancelado, se comprovada atividades que causem algum prejuízo para esta instituição.

São Paulo, 31 de julho de 2012

  
**Jorge Otsuka**  
 Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol  
 Presidente



**CBBS**  
 Rua Visconde de Ourém, 161 - Jardim Aeroporto - CEP 04632-020  
 Fone: 55-11-5034-9904/5034-2512 - Fax: 55-11-5034-0262 - São Paulo/SP - Brasil  
 www.cbbs.com.br e-mail: secretaria@cbbs.com.br

**APÊNDICE E**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS**  
**QUESTIONÁRIOS**

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “Motivação, suporte parental e satisfação: estudo da trajetória esportiva de atletas de beisebol”, que faz parte do Programa de pós-graduação associado em Educação Física UEM/UEL e é orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lenamar Fiorese Vieira da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é investigar o processo de desenvolvimento da motivação, suporte parental e satisfação ao longo da carreira esportiva de atletas brasileiros de beisebol. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria com suas respostas a três instrumentos: um composto por 28 questões que identificarão seu estilo motivacional para o esporte, outro composto por 21 questões que visam identificar o tipo de suporte parental dado pelos seus pais e o último contém 53 questões e que objetivam verificar sua satisfação como atleta.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Não haverá benefícios diretos, entretanto a presente pesquisa procura auxiliar atletas, técnicos e coordenadores a entender melhor os aspectos motivacionais dos indivíduos da modalidade, ajudando na melhora do desempenho do atleta.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser

feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof. Marcus Vinicius Mizoguchi.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Marcus Vinicius Mizoguchi, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Marcus Vinicius Mizoguchi, Tel.: 9945-5749 Rua Jair do Couto Costa n. 340 casa 07. Maringá-Paraná, Brasil.

Lenamar Fiorese Vieira, Tel.: 3223-2145, R. Neo Alves Martins, 1886, Apto 151

Qual quer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Av. Colombo, 5790 – Bloco da Biblioteca Central, Térreo – Telefone: (44) 3011-4444

**APÊNDICE F**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS**  
**ENTREVISTAS**

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “Motivação, suporte parental e satisfação: estudo da trajetória esportiva de atletas de beisebol”, que faz parte do Programa de pós-graduação associado em Educação Física UEM/UEL e é orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lenamar Fiorese Vieira da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é investigar o processo de desenvolvimento da motivação, suporte parental e satisfação ao longo da carreira esportiva de atletas brasileiros de beisebol. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria com suas respostas a uma entrevista com duração de aproximadamente 30 minutos.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. As gravações das entrevistas serão transcritas e os arquivos sonoros serão apagados, de forma que não tenha a identificação dos sujeitos. Não haverá benefícios diretos, entretanto a presente pesquisa procura auxiliar atletas, técnicos e coordenadores a entender melhor os aspectos motivacionais dos indivíduos da modalidade, ajudando na melhora do desempenho do atleta.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof. Marcus Vinicius Mizoguchi.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Marcus Vinicius Mizoguchi, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Marcus Vinicius Mizoguchi, Tel.: 9945-5749 Rua Jair do Couto Costa n. 340 casa 07. Maringá-Paraná, Brasil.

Lenamar Fiorese Vieira, Tel.: 3223-2145, R. Neo Alves Martins, 1886, Apto 151

Qual quer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Av. Colombo, 5790 – Bloco da Biblioteca Central, Térreo – Telefone: (44) 3011-4444

**APÊNDICE G**  
**PARECER DO COMITÊ PERMANENTE DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO**  
**SERES HUMANOS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MARINGÁ



**PROJETO DE PESQUISA**

**Título:** Motivação, satisfação e suporte parental: estudo da trajetória esportiva de atletas de beisebol.

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 06403412.4.0000.0104

**Pesquisador:** Lenamar Florese Vieira

**Instituição:** Universidade Estadual de Maringá

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**Número do Parecer:** 111.217

**Data da Relatoria:** 03/09/2012

**Apresentação do Projeto:**

Tendo em vista a crescente pesquisa científica nas diferentes áreas de treinamento esportivo no beisebol e a carência de estudos relacionados a psicologia dos praticantes a pesquisadora se propõe a investigar a trajetória de desenvolvimento esportivo da motivação, satisfação e suporte parental de atletas brasileiros de beisebol. A população alvo da presente pesquisa será composta por 270 atletas do sexo masculino de 18 equipes da categoria adulta de beisebol da temporada 2011/2012. Como instrumentos serão utilizados: Ficha de identificação dos participantes, a escala de motivação para o esporte SMS, o teste de percepção do estilo parental EMBU, o questionário de satisfação do atleta QSA e a entrevista semi-estruturada. Para a coleta de dados será realizado o agendamento dos dias e locais da coleta dos testes psicométricos com cada clube e as entrevistas semi-estruturadas com a equipe campeã do ano de 2012. Essa pesquisa será executada pelo Prof. Marcus Vinícius Mizoguchi que faz parte do Programa de pós-graduação associado em Educação Física UEM/UEL e é orientado pela Profa. Dra Lenamar Florese Vieira da Universidade Estadual de Maringá.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Investigar o processo de desenvolvimento da motivação, satisfação e suporte parental ao longo da carreira esportiva de atletas brasileiros de beisebol.

**Objetivo Secundário:**

- Identificar os níveis de motivação, satisfação atlética e percepção de suporte parental dos atletas de beisebol;
- Comparar a satisfação atlética e o suporte parental de acordo com os níveis de motivação intrínseca/extrínseca dos atletas;
- Analisar a trajetória esportiva dos atletas, considerando as diferentes fases do desenvolvimento;
- Correlacionar os níveis de satisfação atlética, motivação e estilos parentais dos atletas de beisebol da categoria adulta.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

A pesquisadora informa que: "deverá minimizar qualquer tipo de risco no estudo, principalmente no que se refere ao anonimato dos sujeitos do estudo".

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

**Bairro:** JARDIM UNIVERSITÁRIO

**CEP:** 87.020-900

**UF:** PR

**Município:** MARINGÁ

**Telefone:** (44)3011-4444

**Fax:** (44)3011-4518

**E-mail:** copep@uem.br

**Benefícios:**

O presente estudo tem o intuito de investigar o processo de desenvolvimento da motivação, satisfação atlética e suporte parental ao longo da carreira esportiva de atletas brasileiros de beisebol. Desta maneira, o projeto avaliará estas variáveis psicológicas ao longo da trajetória esportiva, possibilitando trabalhos diferenciados no contexto desta modalidade para que melhor possa ser o desenvolvimento do indivíduo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto em questão demonstra relevância científica e mérito ético, em função dos potenciais benefícios que poderá auferir aos sujeitos envolvidos. O delineamento se mostra adequado aos objetivos propostos. A formação e capacitação da equipe é compatível à condução do estudo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A folha de rosto foi apresentada e está assinada pelo Prof. Dr. Dourivaldo Teixeira, chefe do departamento de Educação Física - UEM.

Formulário de autorização foi emitido pela Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol e assinado pelo Presidente Jorge Otsuka, autorizando o aluno de mestrado Marcus Vinícius Mizoguchi a realizar o estudo com os atletas de beisebol.

O cronograma de execução foi apresentado, prevendo uma duração total do estudo de 17 meses, com início em 06/08/2012 e término em 15/02/2013.

O orçamento do estudo, totalizando R\$ 2.605,00 será custeado pelos próprios pesquisadores.

No projeto é apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dirigido diretamente aos sujeitos da pesquisa, convidando-os para participar do projeto, com uma breve descrição do mesmo, esclarecendo que a participação é voluntária, podendo os participantes recusar-se ou desistir de participar a qualquer momento sem ônus ou prejuízo, sendo garantido o sigilo e confidencialidade. Quanto aos benefícios a pesquisadora informa que: "Não haverá benefícios diretos, entretanto a presente pesquisa procura auxiliar atletas, técnicos e coordenadores a entender melhor os aspectos motivacionais dos indivíduos da modalidade, ajudando na melhora do desempenho do atleta. Portanto está em acordo com a Resolução 196/96-CNS.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Face o exposto e considerando a apreciação do protocolo à luz da normativa ética vigente, este comitê de ética em pesquisa se manifesta por aprovar o protocolo na forma em que ora se apresenta.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: JARDIM UNIVERSITARIO

CEP: 87.020-900

UF: PR Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MARINGÁ



MARINGÁ, 30 de Setembro de 2012

---

Assinado por:  
Ieda Harumi Higarashi  
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG  
Bairro: JARDIM UNIVERSITÁRIO CEP: 87.020-900  
UF: PR Município: MARINGÁ  
Telefone: (44)3011-4444 Fax: (44)3011-4518 E-mail: copep@uem.br